

# REVISTA DO BRASIL

---

## SUMMARIO

REDACÇÃO . . . . .	O novo governo . . . . .	289
BALDUINO COELHO . . . . .	O Conselheiro João Alfredo .	291
MARTIM FRANCISCO . . . . .	Viajando (XIII). . . . .	314
MONTEIRO LOBATO . . . . .	Porque Lopes se casou . . . . .	323
ROBERTO RODRIGUES . . . . .	Uma excursão ao alto do Itatiaya . . . . .	328
MARIO AZEVEDO . . . . .	Versos . . . . .	333
RODRIGO OCTAVIO . . . . .	O Rebellado . . . . .	336
<small>da Academia Brasileira</small>		
J. A. NOGUEIRA . . . . .	Paiz de ouro e esmeralda .	347
OCTAVIO BRANDÃO . . . . .	Nos Canaes alagoanos . . . . .	353
REDACÇÃO . . . . .	} Bibliographia . . . . .	357

---

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 44 - ANNO IV — VOL. XI — AGOSTO, 1919

---

Redacção e Administração:  
RUA BOA VISTA, 52  
SÃO PAULO -- Brasil



**RESENHA DO MEZ:** VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Os mortos do mez - Academia de Letras - Lafayette na intimidade (*Alfredo Pujol*) - REVISTAS E JORNAES: Snobismo e mais snobismo (*Antonio Torres*) - A defeza nacional (*O Imparcial*) - Rondon (*Alexandre Albuquerque*) - João Ribeiro e o folk-lore (*Tristão de Athayde*) - Os dois tigres (*Humberto de Campos*) - Eça de Queiroz (*João Ribeiro*) - Os nossos hospedes (*Micromegas*) - A poesia em Portugal (*Mayer Garção*) - HOMENS E COISAS DO EXTRANGEIRO: Haeckel - Carnegie - Clemenceau e a sua estatua - NOTAS SCIENTIFICAS: O bocio e a molestia de Chagas - VARIEDADES: Como se combatem os incendios nas mattas - As modas femininas.

**ILLUSTRAÇÕES:** No pico do Itatiaya, Agulhas Negras, a 2.983 metros de altitude - Nos canaes alagoanos, varios aspectos.

**CARICATURAS DO MEZ**

## REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES**

Directores: MONTEIRO LOBATO,  
LOURENÇO FILHO,  
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.  
Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.  
Pernambuco: Mario Sette, Recife.  
Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.  
Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.  
R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.  
Paraná: Seraphim França, Corityba.  
Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manãos  
Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.  
Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

### ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	15\$000
Seis mezes . . . . .	8\$000
Numero avulso. . . . .	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Centra



# BYINGTON C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS de ENGOMMAR

**LAMPADAS**

ELECTRICAS 1/2 WATT

**ISOLADORES**

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**Westinghouse Electric & Mftg. C.**

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

**BYINGTON & Co.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO



Etablissements

**Bloch**

:: Société  
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas  
e Tecidos

Río de Janeiro  
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA

S. PAULO

*Macdonald & C.*

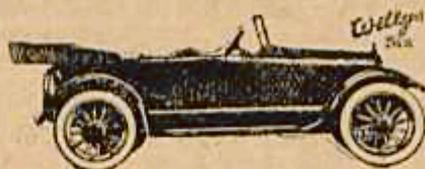
Móveis Finos  
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

**A. Dias Carneiro**



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS  
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos  
"FISK.,

*Mechanica-Pintura-Sellaria  
Carrosserie - Vulcanisação -  
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA  
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL  
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411  
Caixa Postal N. 534 — End. Electr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 **S. PAULO**  
Av. São João N. 18 e 20  
Canto Libero Badaró

# BYINGTON C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS de ENGOMMAR

**LAMPADAS**

ELECTRICAS 1/2 WATT

**ISOLADORES**

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**Westinghouse Electric & Mftg. C.**

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

**BYINGTON & Co.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

# Etablissements Bloch

:: Société  
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas  
e Tecidos

Rio de Janeiro  
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA



S. PAULO



*Macdonald & C.*

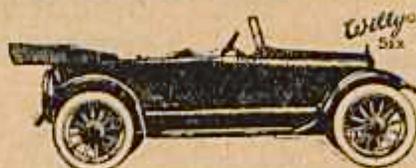
Moveis Finos  
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

**A. Dias Carneiro**



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS  
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos  
"FISK.,

*Mechanica-Pintura-Sellaria  
Carrosserie - Vulcanisação -  
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA  
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL  
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411  
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20  
Canto Libero Badaró

**S. PAULO**

# PEREIRA IGNACIO & C.

## INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Couchas, Campo Largo, Boituva, Pyrambola, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

**Grandes negociantes** de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

**Rua de São Bento N. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"  
Água Mineral

Cognominada a VICHY BRASILEIRA - A melhor Água de mesa - Acção Medicinal - A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

**VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS**

# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

*CASA MATRIZ:*

*4, Moorgate Street-LONDRES*

*Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44*

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Montevidéo,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

---

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emitem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

---

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE  
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS  
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

# PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende-se em caixas de 50 latas de 1 litro e em latas de 10 litros e vidros 100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Camamos a attenção srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aplitosa e molestias congengeres, bicheiras, bernes e carrapatos.

Peçam amostras gratis

## A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central  
Caixa Postal N. 1410

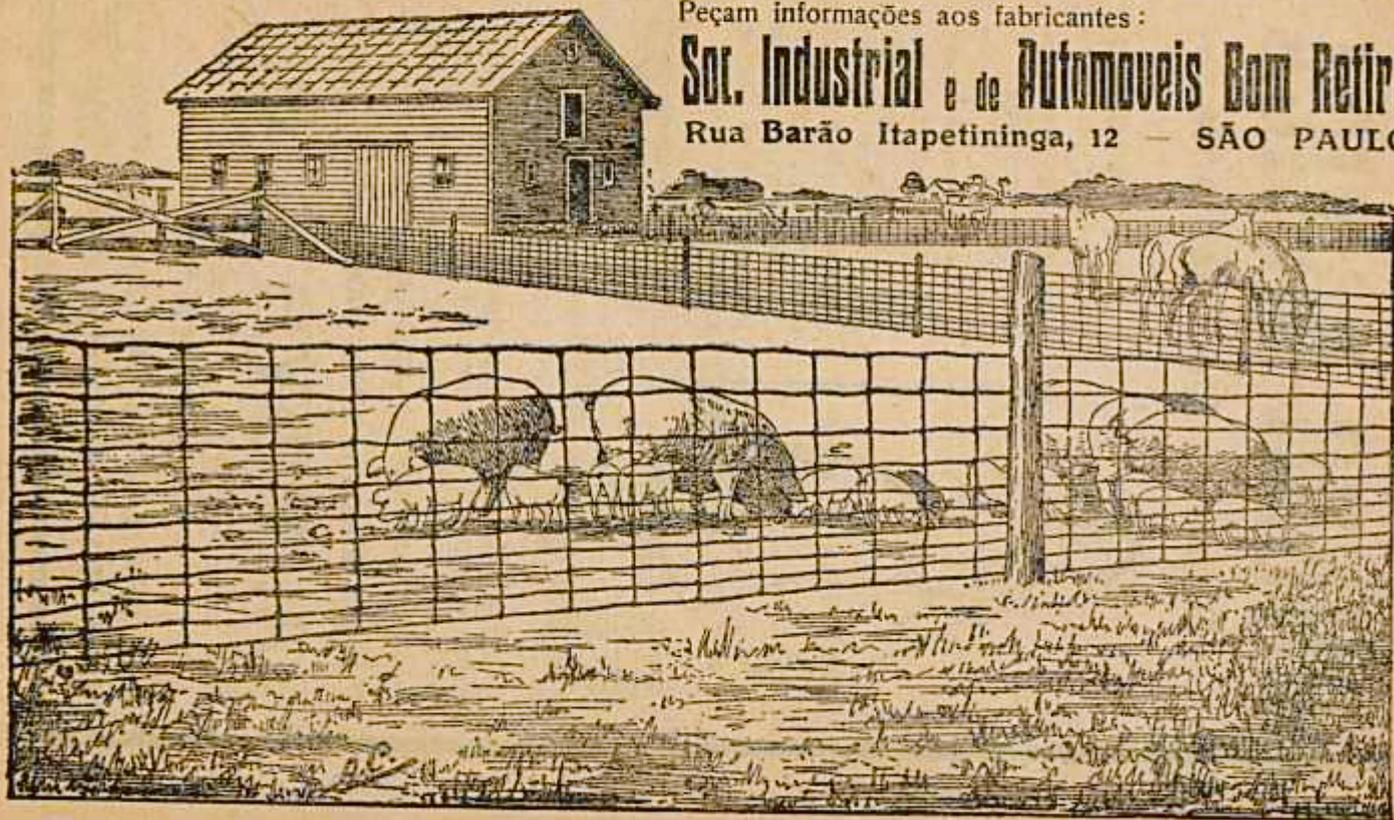
DEPOSITARIOS EM CAMPINAS:

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

# Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

**Soc. Industrial e de Automoveis Bom Retiro**  
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



# Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :  
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTEE DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . . .	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	<i>Preservativos de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . .	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

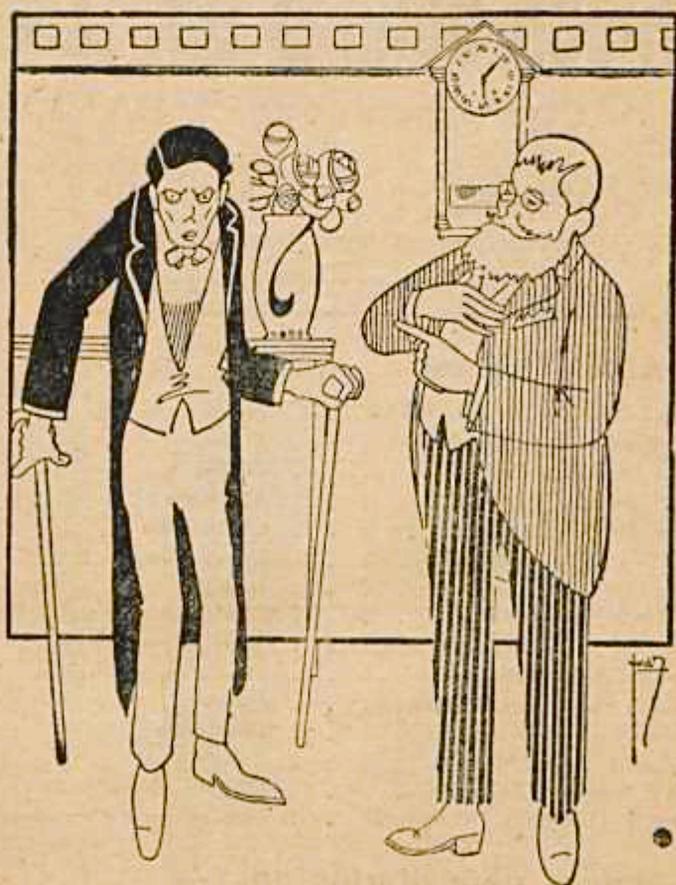
## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"  
Superior polvora para caça marca "VEADO" em  
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para  
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos  
para industrias, louça sanitaria, etc.



1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. "Usei tudo" e nada me curou.

2° VELHO — "Usei tudo" — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

# AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, nas constipações de ventre, congestões, febras gastricas e, em geral, em todas as engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Elle não exige nenhuma dieta.*



**COMPOSIÇÃO:**

Sulfato de achto anhydryo . . . . .	96,205
Sulfato de potassio anhydryo . . . . .	0,233
Sulfato de magnesia anhydryo . . . . .	3,268
Sulfato de cal . . . . .	1,947
Chlorureto de Sodio anhydryo . . . . .	2,055
TOTAL das substancias liasas . . . . .	103,713

Em um litro de agua gazoza purgativa . . . . .

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

**XAROPE DE  
LIMÃO BRAVO  
E  
BROMOFORMIO  
DE QUEIROZ**

CURA  
TOSSE, ASTHMA, CATARRROS  
E ODONTOALGIA

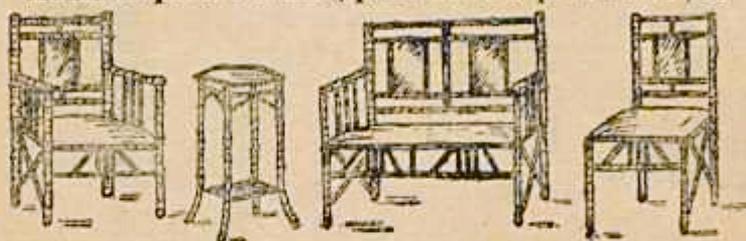
**DROGARIA AMERICANA**  
Rua Libero Badaró 144  
SAO PAULO



Casa Franceza  
— de —  
**L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>**

Rua S. Bento, 89 e 91  
SÃO PAULO

Mobílias para Jardins, para halls e para terraços



Mobília Bambú 10 peças -- 1 sofá, 2 poltronas, 1 meza, 6  
cadeiras — Completo - 165\$000



Mobília de Vime - Terno 3 peças: com almofados 175\$000,  
— sem almofados 140\$000 —



Mobília para Jardins 6 peças — 1 sofá, 1 mesa  
2 poltronas, 2 cadeiras, por 275\$000

Pedimos visitar a nossa casa - Entrada franca sem obrigação de compra  
Importação Directa

# REVISTA DO BRASIL

Agosto, 1919.

## O novo governo.

De quatro em quatro annos o Brasil esperta, olha para a frente e sorri, cheio de esperanças. Um novo governo se aproxima. Plataformas, profissões de fé, discursos políticos promettem-lhe o feliz advento da administração honesta e intelligente por que elle tanto aneia. Aos primeiros actos, porem, do sol nascente, mais uma desillusão cruel vem juntar-se ás innumeradas de que tem sido fertil a Republica entre nós. Verifica o paiz que houve mudança de actores, mas a companhia permanece a mesma. Cartaz novo na parede, mas disfarce da peça sempre — o Regabofe. As camarilhas de pilhagem, senhoras da machina politica, manobram as teias das injuncções e fazem do novel presidente um titere a serviço da panquéca, tal qual como o anterior; e tudo continu'a, para os politikeiros «conservadores» — conservadores dum estado de coisas extremamente favoravel ao seu joguinho — como na melhor das republicas possiveis. A desillusão numero um decorre mathematicamente do acto presidencial numero um: a escolha do ministerio. Nunca é o ministerio que a situação nacional requer, que o bem publico impõe, que a nação deseja. E' sim um grupo de delegados da camarilha, prepostos á facilitação de todos os arranjos politicos, o que vale dizer do assalto ao Thesouro. D'onde, mal circulam



os nomes dos novos escolhidos, o *oh!* geral de desapontamento que explode no paiz, de norte a sul.

Com grande assombro, neste bemaventurado anno da graça de 1919, o presidente Epitacio rompe a velha norma. Em vez de desapontar ao paiz, tira a ponta á camarilha. O bando inteiro, hoje banda allemã, vê pela primeira vez, e com grande pasmo, insurgir-se a creatura contra os creadores. O presidente que elles, porque o fizeram, suppunham boneco docil, não lhes estende a mão nem lhes pisca o olho para a «peça ao paiz», mas apresenta-lhes inopinadamente a biqueira do pé. O assombro perdura, porque o facto é virgem nos annaes da orgia republicana. O paiz desejava Ruy Barbosa. Votou em Ruy Barbosa. Elegeu Ruy Barbosa. Viu, porém, pela segunda vez, o seu voto livre annullado pelo voto mecanico da machina de votar, montada pela camarilha. Apesar disso, o paiz bigodeado respira. Não teve na curul suprema a quem quiz, mas começa a ver lá uma entidade zoologica que já suppunha inexistente nas plagas brasilicas, um homem. E, mais esperançado do que nunca, agarra-se com os santos para que esse homem o seja no começo, no meio e no fim.

Está farto de ver pelas alturas figuras de engonço, que dizem «papá» e «maman», conforme os cordeis puxados pelos «leaders» da patóta...





## O CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

*Estes apontamentos biographicos, escriptos em 1897, e, pois, ainda em vida de João Alfredo, eram destinados ao Diccionario de Brasileiros Ilustres, publicação emprendida, segundo se pensa, pela viscondessa de Cavalcanti. Não se tendo levado a effeito tal publicação, damos aqui o interessante trabalho inédito do Conselheiro Balduino Coelho, que foi official de gabinete do notavel estadista no ministerio de 7 de Março, seu secretario na presidencia de S. Paulo, e sempre o seu consultor e grande auxillar durante a phase de maior responsabilidade na vida publica do eminente brasileiro. Balduino Coelho era um espirito brilhante e agúdo, profundo conhecedor da nossa lingua, dotado de esmerada cultura litteraria e figura de primeira plana na administração publica dos ultimos annos do Imperio.*

João Alfredo Corrêa de Oliveira nasceu a 12 de dezembro de 1835 na ilha de Itamaracá (Pernambuco), no engenho São João, propriedade e residencia dos avós maternos, para a qual, conforme a vontade destes e o costume já observado quanto ao logar do nascimento dos primeiros netos, tinham a tempo ido os paes—Manoel Corrêa de Oliveira de Andrade e d. Joanna Bezerra de Andrade — domiciliados na comarca de Goyana, onde viviam desde o casamento e falleceram grandes agricultores, proprietarios dos engenho Uruaé e das terras do antigo Morgado de Mariu'na.

Aos oito annos de idade foi entregue aos cuidados do padre Pedro da Silva Brandão, virtuoso e excellente preceptor, de quem, junto da familia, recebeu a instrucção primaria e parte da secundaria. Em junho de 1849 passou á cidade de Olinda para concluir os estudos preparatorios, sob a direcção do dr. José Lourenço Meira de Vasconcellos. Um mez depois, em 10 de julho, escrevia o famoso e severo professor ao pae do novo discipulo: «Não pode ter escapado á perspicacia de V. S. que tem um habilissimo estudante». Na prosecução dos estudos este juizo foi justificado pelo esperançoso alumno. Em 1852 matriculou-se no curso juridico, então estabelecido naquella cidade, frequentando-o até o terceiro anno. Reformada a velha academia olindense e mudada para a Capital, com a denominação de «Faculdade de Direito do Recife», ahi fez os estudos dos dois annos restantes, durante os quaes confirmou o distincto conceito que adquirira pelas prendas do espirito e character.

Ao mesmo passo que se applicava aos estudos de jurisprudencia, cultivava outros ramos de conhecimentos, satisfazendo principalmente o gosto pelas boas lettras. Levado por este gosto e estimulos juvenis, concorreu para a criação de varias sociedades. De uma, o *Atheneu Pernambucano*, presidida pelo professor da Faculdade Dr. Joaquim Villela, foi primeiro secretario; de outra, o *Ensaio Philosophico*, foi presidente. Tambem foi fundador e um dos directores do Monte-Pio Academico, que, sob a presidencia do mestre de direito Conselheiro Trigo de Loureiro, soccorria os bons estudantes pobres.

### Na carreira politica

Desde esse tempo manifestou propensão para a carreira politica, collaborando em diversas folhas e intervindo em lutas eleitoraes. Dahi lhe adveio, além de notoriedade, o apreço de um dos partidos, affirmado na sua voação, em 1855, para membro da assembléa legislativa provincial. Por ser menor de vinte e um annos e filho-familia, annullou-se na verificação de poderes o diploma que a camara municipal apuradora dos votos lhe expedira afim de tomar assento naquella assembléa, em 1856, e que elle, pela sua parte, não apresentou, nem procurou defender. Cabe aqui notar lhe terem sido feitas nessa occasião muito honrosas referencias pelos proprios que allegaram e votaram a nullidade declarada na lei.



A 6 de dezembro de 1856 recebeu o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociães.

Nomeado em 1858 secretario do governo do Ceará, não accitou a nomeação, porque antigos mestres o convidavam para se propôr a lente da faculdade. Com este intuito defendeu theses, e, obtida approvação plena, tomou o grau de doutor a 14 de dezembro do mesmo anno, não indo, porém, ao curso posteriormente aberto, porque para elle se inscrevera um amigo prezadissimo, com quem não quiz competir, e que aliás, só em 1872 conseguiu ser lente substituto.

Fez parte da assembléa provincial nos biennios legislativos de 1858 a 1861, e, depois de ter servido os cargos de delegado de policia e juiz municipal supplente no Recife, exerceu, ainda ahi, o de promotor publico, desde 1859 até ser eleito deputado á assembléa geral na legislatura de 1861 a 1864. Dissolvida a camara temporaria em 1863, voltou ao fôro do Recife, dessa vez como advogado, occupando-se tambem, a principio, com a redacção do *Constitucional Pernambuco*, folha opposicionista que outros tinham fundado, e em seguida com a do *Conservador*, que expressamente se creára para organo do partido do mesmo nome, sob a direcção delle e de Cunha e Figueiredo e Ferreira d'Aguiar, depois barão de Catuama este, e visconde de Bom Conselho aquelle.

Preenchiam-se as esperanças depositadas no distincto jovem. Comprovando notaveis merecimentos intellectuaes, elle revelava-se homem de acção, animado de intenções nobres, capaz de accitar grandes responsabilidades e dar-lhes feliz desempenho. Os testemunhos do seu talento, prestimo e inteireza valiam-lhe, além de applausos, sympathias e amizades, a confiança dos correligionarios, mórmente do chefe conservador Visconde de Camaragibe.

E assim se firmava sua influencia na terra do nascimento. Novamente eleito deputado geral, em 1869, do seu contacto com os directores politicos da situação, era natural resultasse ser aproveitado para importantes serviços do Estado. Com effeito, naquelle mesmo anno, estréa-se na alta administração publica, presidindo a provincia do Pará, por nomeação do ministerio Itaborahy.

Naquella terra de immensas riquezas naturaes, os serviços que principalmente lhe preoccuparam o espirito são os mais proprios para utilizal-as: por um lado, o ensino publico, por outro lado, a viação terrestre e a navegação fluvial, combinando-se ambas contra os accidentes do terreno e completando-se uma pela outra para as communica-

ções internas de Goyaz e Matto Grosso, principalmente fazendo para Matto Grosso o *caminho do quintal* como lhe chamou o grande ministro de D. José I, por onde se pudesse passar, dizia elle, livre d'El-Rei de Castella e dos galeões de Flandres. Espirito organizador, mantendo-se fiel ao seu partido politico; justo e moderado, circumspecto e severo; dedicado aos interesses geraes sob as inspirações de uma vontade vigorosa e energica, conciliou a estima e o respeito do povo, a consideração dos amigos e adversarios.

Desse governo dizia no senado o visconde de Souza Franco, chefe liberal, ao se queixar da nomeação de outros presidentes: «mandem para a minha provincia administradores como o Snr. João Alfredo.»

Estes antecedentes indigitavam-no para as mais elevadas funcções do estado, e não tardou que fosse chamado a exercel-as; na primeira organização ministerial — a de 29 de setembro de 1870, presidida pelo visconde de São Vicente, apparecia o nome respeitado do representante de Pernambuco.

#### — João Alfredo, ministro

Encarregado effectivamente da pasta do Imperio e, interinamente da da Agricultura, Commercio e Obras publicas, que accumulou com aquella desde novembro, até se retirar o gabinete, em março do anno seguinte, o jovem ministro desenvolve não vulgar actividade, ligando o seu nome á organização geral da estatística; á do novo corpo de engenheiros civis; á reorganização dos telegraphos e ao melhor processo dos exames dos cursos juridicos e medicos.

No ministerio que, sob a presidencia do visconde de Rio Branco, succedeu ao de 29 de setembro, ainda lhe coube effectivamente a pasta do Imperio e por vezes a direcção interina dos negocios da Agricultura. Foi este duradouro ministerio um dos de mais fecunda e brilhante actividade politica e administrativa, e dos mais dignos de ser lembrados com saudade e ufania, pela felicidade em que viveu a familia brasileira, ao mesmo tempo que no estrangeiro eram cada vez mais conhecidos os grandes recursos do paiz, honrado o seu credito, apreciado o seu progresso e tributada a merecida justiça ao principe illustre que, tendo deixado á frente do governo a herdeira do throno, percorria a Europa acolhido pelo affectuoso respeito e admiração dos povos e soberanos, saudado pelos

homens que preeminente representavam a cultura científica, litteraria e artistica do seculo, e com elles confraternizando nos cenaculos consagrados ás cousas do espirito.

Para essa feliz situação muito concorreram os serviços do conselheiro João Alfredo.

### Em face da abolição

O ministerio, em cujo programma se inscrevia a reforma do estado servil por meio de medidas prudentes, preparatorias da solução definitiva, teve de arcar com estrenua opposição. Aquelles que queriam o *statu-quo* determinaram envidar um esforço supremo para ser, pelo menos, adiado o golpe que ameaçava o futuro da odiosa propriedade. Dividiram-se os conservadores, deixando não poucos os arraiaes do partido e declarando-se republicanos. O paiz entrou em phase de agitação, promovida pelos chefes escravistas. Alguns delles faziam parte da representação nacional e exerciam larga influencia, obstando a que os alvitres mais moderada e cautelosamente concebidos para a indispensavel reforma reunissem os suffragios até de muitos eleitos do povo, individualmente desinteressados no assumpto. Assim a camara temporaria tornou-se o terreno mais ardente da pugna.

Em taes circumstancias, é confiado ao conselheiro João Alfredo, por escolha dos seus pares, o posto de *leader* da maioria dessa tormentosa assembléa, em cujos campos contrarios se viam muitos homens acatados pelo character, talentos e serviços. Desenvolvendo naquelle posto, cheio de perigos e responsabilidades, as poderosas faculdades de que dispõe para as lides politicas; sempre prompto «a ceder os papeis que dão na vista, preferindo votar-se aos resultados que servem»; sobranceiro á guerra que lhe desafia a importancia e o alcance dos serviços, a sua acção sagaz e resoluta torna-se efficacissima para triumphar rapidamente na camara dos deputados a idéa redemptora, que se gravou na lei de 28 de setembro de 1871.

Dissolvida a camara no começo da sessão do anno seguinte e convocada outra, a resposta dada ao appello da Corôa exprimiu o assentimento da maioria dos brazileiros á politica generosa e progressiva a que deviam grandes beneficios. O ministerio, porém, teve ainda de arrostar rija opposição, movida menos ardentemente pelos liberaes do que pela dissidencia conservadora, oriunda da questão do elemento servil, e então reforçada por outros



conservadores, favoráveis aos bispos do Pará e Olinda no conflicto que esses prelados haviam suscitado, constringendo o governo ao doloroso emprego de meios repressivos contra os excessos da autoridade ecclesiastica. Nesta nova phase parlamentar, á frente das phalanges que apoiavam o gabinete da camara dos deputados, o conselheiro João Alfredo continu'a a prestar serviços valiosos.

Isento de preocupações vaidosas, mostra pertencer á categoria dos oradores que, conquanto disponham de estimaveis aptidões para a tribuna, precisam todavia justificar aos proprios olhos, como necessaria ou conveniente, a sua interferencia dos debates. Graças a uma improvisação fluente e segura, avivada não raro por feliz ironia e pelas reminiscencias biblicas, da antiguidade classica e de boas leituras modernas que lhe enriquecem a memoria possante, é sempre ouvido com attenção e interesse.

Aquella severa discrição; a severidade dos seus intuitos; a concentrada energia e consciente lisura, que lhe resumbram no olhar vivo e firme, nas inflexões da voz clara e sonora, na attitude digna e desassombrada, imprimem-lhe aos discursos intenso relevo de autoridade, sobretudo nas discussões agitadas pela vehemencia opposicionista. A influencia politica do *leader* conservador augmentava não só pelos seus serviços no parlamento, mas tambem pelas suas contribuições para a obra administrativa do ministerio.

Em verdade, a administração do conselheiro João Alfredo na pasta do Imperio assignala-se por uteis serviços, brilhantes exemplos e fecundas tradições. Durante ella é dado grande desenvolvimento á instrucção primaria na côrte, e em todo o Imperio, pela acção do governo central sobre o das provincias, creando-se mais do dobro das escolas que antes se contavam. Torna-se mais estenso e efficaz o ensino profissional e especial; ampliam-se os estudos do Lyceu de Artes e Offícios do Rio de Janeiro; instituem-se a Colonia Orphanologica de Santa Isabel em Pernambuco e o Asylo de Meninos Desvalidos nesta cidade; proporciona-se a maior numero, melhorada, a instrucção dos surdos-mudos. Trabalhos sérios tornam conhecido o estado real do ensino primario no municipio da côrte, vulgarizando-se por outro lado, mediante traducções officiaes de obras conceituadas, os processos e methodos racionaes de educação nos paizes adeantados. São mantidas na devida altura a constituição docente, a ordem e a regularidade dos estudos do collegio de Pedro II, respei-

tando-se neste instituto o carácter de modelo e centro de ensino secundario no Brazil.

### O gabinete de 7 de Março e o Ensino

O empenho do gabinete de 7 de março a bem da educação popular communica-se ás diferentes classes, despertando-lhes munificente cooperação. Animado e dirigido pelo governo o movimento que assim se estabelece, propagam-se cursos de instrução para menores e adultos, edificam-se e apparelham-se predios para o ensino, fundam-se bibliothecas, nascem e florescem instituições auxiliares de tão meritorios esforços.

A' medida que estudava as condições do ensino elementar e médio e os meios de transformal-o, o consciencioso administrador ia elaborando e aperfeçoando o plano de reforma, que afinal fixa no projecto por elle offerecido á camara dos deputados, em um todo cuja estrutura solida e correcta corresponde á nitida e ponderada concepção que o dictou. Infelizmente este projecto, que representava um passo largo e seguro para o idéal almejado pelo ministro reformador e pelos amigos inteligentes da causa do ensino, não chegou a ser convertido em lei, dando isto logar não só a privação de notaveis melhoramentos, como tambem ao mallogro de criteriosas medidas já iniciadas sob o plano proposto.

No que respeita aos estudos superiores realiza o mais que as circumstancias permittiam. Eleva o nivel desses estudos, tornando mais rigorosas as provas dos exames. Cuida de preencher a lacuna de que o ensino médico se resentia no tocante á pratica e á experimentação. A antiga Escola Central é transformada, sob a denominação de Escola Polytechnica, em vasto instituto theorico e pratico. Para o magisterio das novas cadeiras creadas neste estabelecimento e para a organização especial e separada dos estudos geologicos e mineralogicos, contratam-se em França profissionais idoneos, alguns dos quaes prestaram e ainda prestam ao Brazil serviços relevantes. Emfim, são mandados á Europa mestres brasileiros, para se aperfeçoarem no ensino, que voltam a ministrar mais directamente. Em todas as categorias do magisterio as nomeações recáem nos candidatos mais dignos, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas; os professores sentem-se seguros e honrados no exercicio das arduas funcções que lhes incumbem, sendo tambem aproveitados, conforme os seus me-



recimentos, para collaboração em espheras elevadas da vida administrativa e politica.

Ordena-se o Archivo Publico. A Bibliotheca Nacional entra em phase brilhante. Enriquecem-se as bibliothecas nos estabelecimentos de ensino e outros. Os interesses da arte são devidamente considerados. Impulsionam-se os estudos da Academia das Bellas Artes; incita-se a produção artistica.

Em relação ao theatro formulam-se planos tendentes a incitar a boa produção litteraria e reatar as famosas tradições da arte dramatica. Por dependerem do concurso legislativo, não puderam, porém, ser postas em pratica estas idéas, cuja adopção devia promover aquelles beneficios e desde logo remediar a degeneração que invadira esse organ da nossa incipiente civilização.

Zelam-se apreciaveis trabalhos produzidos em outras épocas: revolvem-se archivos, salvando da destruição e do esquecimento composições musicas do padre José Mauricio; colligem-se os planos e desenhos architectonicos que andavam dispersos e em incerto paradeiro, quaes aquelles que para um novo edificio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tinha organizado o antigo professor da Academia de Bellas Artes, Manoel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo. Activou-se a compilação das consultas da já mencionada secção do conselho de estado, com o fim de divulgar os subsidios que para os trabalhos legislativos e da administração encerravam muitos daquelles documentos do saber e experiencia de estadistas provector.

A ardente iniciativa do ministro completa com importantes melhoramentos materiaes os beneficios de ordem moral que iam sendo diffundidos.

### O primeiro reformador da Capital do Paiz

Em vão esforçou-se o espirito opposicionista por apoiar esta politica larga e ousada. Convicto dos serviços que com ella prestava, o conselheiro João Alfredo perseverou nos seus fundados propositos, levando por deante uteis empreendimentos, em condições de amplitude e esmero consentaneos à missão civilizadora do governo e aos intuitos revelados no generoso auxilio da iniciativa individual. A semelhantes melhoramentos presidia quanto possível o gosto e o respeito do bello. Esta preocupação, que se estampa em varios edificios da capital do Brazil



e na sua decoração, é attestada por outras obras de natureza differente.

O prolongamento da rua Leopoldina não servio só para dar mais ar e luz ao edificio da Academia das Bellas Artes, como ainda para desaffrontar-lhe a bella fachada. O parque em que se converteu o antigo «Campo de Sant'Anna», naquelle tempo «Praça da Acclamação», não é apenas dilatado e excellente logradouro publico, sinão tambem um producto de arte consummada.

Esta ultima obra, e a do matadouro, removido do bairro de São Christovam, onde tão impropriamente se conservava, para as construcções erguidas no afastado suburbio de Santa Cruz ainda por iniciativa do ministro do Imperio do gabinete de 7 de março, prendem-se ao plano geral de melhoramentos do Rio de Janeiro, em que se traduziram acertados designios para a transformação hygienica e aformoseamento da cidade. Incluem-se nesse vasto plano a concessão feita naquella época para o arrasamento dos morros de Santo Antonio e do Castello, assim como varias resoluções adoptadas, em ultteriores ministerios, a bem da viação e hygiene publica.

A' mesma ordem de interesses consagra ainda outros esforços, sempre com a proficuidade resultante da sua atilada visão das cousas e severa comprehensão do dever. Persuadido de só poderem ser alcançadas remotamente as complexas e custosas reformas de que dependiam a organização systematica da hygiene geral e o saneamento da cidade do Rio de Janeiro, applica-se á tarefa de encaminhar a solução destes graves problemas e se dispondo uma cautelosa ordem de cousas, intermediaria entre a effectividade de tão altas aspirações e o systema de periodica renovação de diligencias e dispendios para momentanea defesa ou protecção da saude publica.

Na realização desse programma utiliza habilmente, em proveito do regimen da cidade e das commodidades publicas, a ingerencia que a organização local no tempo do imperio facultava ao governo nos negocios municipaes.

A' semelhante categoria de serviços se prende ainda o conhecimento exacto das fontes mineraes de Caxambu', Lambary e outras da provincia de Minas Geraes, divulgado pela analyse chimica que elle confiára a profissionaes conceituados.

Nas demais divisões da importante pasta, notam-se igualmente os resultados felizes de uma actividade conscienciosa e creadora. Publicam-se o primeiro recenseamento geral e importantes dados estatisticos especiaes, regula-se



e inicia-se o registro civil. A secretaria do Imperio, que reorganiza, apresenta o aspecto de um centro de trabalho aturado e productivo.

Para mais rapido estudo de importantes negocios, amiudam-se reuniões, ora dos membros da secção do imperio do Conselho de Estado, ora de outras pessoas doudas. Homem de partido, isento de espirito partidario, compraz-se em convocar para estas reuniões adversarios politicos, provocando e honrando-lhes a prestimosa cooperação. Conferencia regularmente com os chefes das repartições e demais auxiliares immediatos, substituindo quanto possivel ao formalismo da correspondencia official este meio de mais prompta, harmonica e segura impulsão dos serviços a cargo de funcionarios que, embora proficientes e zelosos, não dariam tudo de que eram capazes sem semelhante contacto. Por meio delle o chefe e cada colaborador revelavam melhor um ao outro as suas qualidades; fundava-se o apreço mutuo, fonte preciosa de proveitosos estimulos; promovia-se a guarda de boas tradições, graças ás quaes, muitas vezes, deixou de ser prejudicada a causa publica nas mudanças ministeriaes em que nem sempre ella era confiada á capacidade e experiencia de negocios.

Subordinando o emprego dos dinheiros do estado a reflectido programma administrativo, resolve as despesas tão escrupulosa e previdentemente que, apesar de tantas iniciativas, muitas vezes arguidas de demasiadas, para realização de melhoramentos mais ou menos custosos» (1), deixa nos orçamentos dos cinco exercicios que geriu o saldo de cerca de sete mil contos.

Aproveita e acoroça os que podem contribuir para o bem publico e generosamente distingue todos os serviços mercedores de apreço, comprazendo-se em fazer justiça, sem intervenção de outrem, e sobretudo em surprender espontaneamente os que não sabem pedir. O agrado que assim experimenta é igualado pela aversão que lhe inspira o *empenho*, esse achaque inveterado dos nossos costumes. Avesso a complacencias outorgadas pela pressão do patronato, doia-lhe ver algumas vezes recairem, em protegidos poderosos, distincções e recompensas que representavam simplesmente o reconhecimento do merecimento e do direito.

(1) Jornal do Commercio de 25 de Março de 1896.



## Linhas de um caracter

O desinteresse e a independencia de caracter que lhe vedam requestar as boas graças da opposição, o preservam, nas relações politicas com os correligionarios, de adherir a fins e pretensões discordantes dos principios que professa; mas si, não procura, por este meio, recommendar-se aos proceres do partido em que milita ou aliciar clientela, honra com inabalavel constancia os compromissos e responsabilidades que comporta, e todas as vezes que naquelles com quem se tornou solidario são maltratadas a verdade e a justiça ou hostilizadas publicas conveniencias, acóde a defendel-os intrepida e generosamente.

Manifesta-se igualmente incapaz de sacrificar a queixas infundadas, quér da imprensa ou de adversarios ameaçadores, quér dos correligionarios, por maior influencia que estes tenham na situação, os auxiliares do governo que, no cumprimento do dever, incorrem em desagrado ou contrariam interesses illegítimos. Muito ao envez, com decisão tão enérgica como a que revela em corrigir os erros e abusos de culpados depositarios de funcções publicas, timbra, nessas conjecturas em honrar a funcionarios que distingue com a sua confiança, a qual a natureza fiel não lhe consentia dispensar sinão plena e incondicionalmente.

Recto e generoso, profundamente verdadeiro e desinteressado; firme nas resoluções; prompto e seguro na acção, e na luta tão destemido, como escrupuloso e leal; praticando e propugnando o culto das cousas nobres e elevadas; acudindo com iniciativas largas e ousadas para fins uteis e sérios, elle tinha imposto a sua forte e distincta individualidade. Si o seu aspecto reservado ou certa impaciencia nervosa, propria de seu temperamento, lhe aliena sympathias vulgares, por outro lado a singeleza dos costumes, a indole infatigavelmente bemfazeja, a gravidade dos seus propositos, mesmo quando contrahidos apenas perante á propria consciencia, sem compromisso formal, a severidade dos principios e a distincção dos góstos e brios, dando a conhecer devidamente o homem e o politico, lhe haviam dilatado o circulo dos amigos e admiradores e valido desinteressadas dedicações.

Sobre a sua vibratil sensibilidade, que dá vulto ao menor testemunho de benevolencia e estima, commovendo-se com os de sincero devotamento, actua vivamente a ingratição e a injustiça; mas a alma magnanima permite-lhe revelar com admiravel facilidade as queixas mais



justificadas, e nunca a consciencia da força o impelliu a abusar della.

A sua conversação, tão attrahente e instructiva, quanto natural e despretenciosa, foi sempre o encanto do lar simples e hospitaleiro em que acolhe os amigos carinhosamente. Contentando a ardente curiosidade do espirito, enthezourára na memoria, de par com variados conhecimentos litterarios e politicos, interessantes noções especiaes e copiosas acquisições de factos e particularidades da chronica nacional, recolhidos menos nos documentos escriptos do que na tradição oral, que não perdia occasião de interrogar em contacto com fidedignos depositarios das lembranças do passado.

Por tudo isto e pelos dons de agradavel e animada expressão, elle tinha naquella fórma de communicações de idéas mais um instrumento para firmar a sua autoridade, para exercer a magistratura moral, em que no correr dos tempos, se foi convertendo o ascendente que exerceu desde verdes annos. Essa autoridade comprehendia vasta esphera de mando, sobretudo proveitoso ás provincias do nôrte do Imperio, nas quaes, durante o seu longo governo, tinha-se esforçado por constituir solidos e duradouros elementos de progresso e bem estar, preocupando-se constantemente de fortalecer ou suscitar a influencia benefica e esclarecida dos homens bons e prestimosos e combatendo resolutamente as causas que impediam aquellas patrioticas aspirações.

### João Alfredo no Parlamento

Quando, em junho de 1875, o gabinete Rio Branco se retirou do poder, a opinião nacional reconhecia no conselheiro João Alfredo um dos chefes do partido conservador, um estadista de quem muito se devia esperar.

Logo após a sua retirada do governo, foi-lhe dado servir a interesses de que se occupára com esforço perseverante: ao se discutir na camara dos deputados o orçamento do ministerio do Imperio, diligenciou e obteve os amplos recursos que, principalmente nos ramos da instrucção e da hygiene, permittiam melhoramentos que, por dependerem de autorizações e dotações legaes, não lhe havia sido possivel levar a effeito. A' semelhança de homens abnegados, sempre dispostos a collocar acima de tudo o interesse publico, comprazia-se em vêr germinarem em alheias terras as sementes que espalhára, e, como acontece tantas vezes a esses bem intencionados coopera-



dores do progresso, poderia lamentar a mescla que diminuía o valor da colheita.

Convidado pelo duque de Caxias, chefe do novo ministério, o de 25 de junho de 1875, para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, não pôde prestar os seus serviços em semelhante commissão, mas accitou o cargo de director da Faculdade de Direito do Recife, substituindo o visconde de Camaragibe, o qual, carregado de annos e fatigado, desejava entregar-lhe, com a deste cargo, a successão da chefia do partido conservador de Pernambuco, já então repartida entre os dois, no patriotico accôrdo de idéas, sentimentos e fins em que desde muito se tinham unido para o bem da terra natal, e a que sempre se mostrou fiel, ainda depois da morte desse preclaro varão.

Afóra o tempo da viagem que fez á Europa (1878) e o da presidencia de S. Paulo (1885-1886), de que adiante falaremos, regou a Faculdade do Recife, no intervallo das sessões legislativas, até 1887, concorrendo com rigorosa imparcialidade para caber aos candidatos mais habilitados a nomeação dos logares do magisterio e desvelando-se pela ordem e disciplina escolar. (1)

Nesse mesmo anno de 1887, o conselheiro João Alfredo, que, desde 1869, quando pela segunda vez voltou ao parlamento, representára sempre Pernambuco na camara dos deputados e pela terceira vez na assembléa legislativa provincial, por elle presidida em 1876, teve o primeiro logar, por votação de toda a provincia nas listas duas duas eleições a que se procedeu nesse ultimo anno para deputados geraes e senadores. Escolhido a 4 de janeiro de 1877, tomou assento a 28 de fevereiro seguinte na camara vitalicia, onde se conservou até a revofução de 15 de novembro de 1889, que destruiu o Imperio.

No desempenho dos deveres de chefe politico, o conselheiro João Alfredo honrou em todos os tempos a influencia social em que o investira o publico reconhecimento do seu nobre espirito e eminentes serviços. Adstricto

(1) Desejava vivamente que se dêsse á faculdade edificio proprio, e nesse sentido empregou esforços ainda depois de haver deixado a directoria, na oportunidade que, presidindo, em 1888, o ministério de 10 de Março, se lhe offereceu de intervir para serem, como foram, organizados os planos completos e o orçamento do novo edificio, e escolhido o conveniente local.

Tinha deixado a directoria da faculdade em 1887, em virtude do exercicio ordinario, obrigatorio, de residencia na côrte que passou a ter no Conselho do Estado.



a desinteresse exemplar, aos princípios de justiça, moderação e lealdade, e a tão estremecido zelo das respeitáveis tradições do passado quanto vivo anhelos dos mais felizes destinos da communhão brasileira, esta influencia, firmemente exercitada, foi sempre benéfica á nação em geral, e, em particular, á provincia de Pernambuco, onde o partido conservador se mostrava unido, e tão pujante que, nas legislaturas de eleição directa do dominio contrario, alcançou representar-se em maioria na camara dos deputados.

Durante esse dominio o conselheiro João Alfredo, sem fazer opposição systematica aos ministerios liberaes, antes procurando auxiliá-los com proveitosos conselhos e indicações, dando-lhes apoio para o que era útil e necessario, pugnou a favor da regularidade dos serviços, especialmente das obras de estradas de ferro que se construíam naquella provincia; do equilibrio dos orçamentos, e da bôa applicação dos dinheiros publicos, sobretudo no interesse da instrução, da viação e da hygiene.

Votado na camara dos deputados, por accôrdo entre os centros dos dois partidos constitucionaes, o projecto de gradual emancipação do elemento servil, offerecido pelo gabinete Saraiva (de 6 de junho de 1884), retirou-se aquelle gabinete por não ter a esperanza de reconstituir a antiga maioria liberal e entender que a situação parlamentar, que permittira a passagem da reforma na camara temporaria não podia, nem devia continuar, desde que o projecto ia ser entregue á deliberação do senado. (1) Nessas circumstancias coube ao barão de Cotegipe organizar o novo ministerio, para o qual convidou insistentemente o conselheiro João Alfredo.

### No Governo de S. Paulo

Não pôde o chefe pernambucano acceder a este convite; mas, acompanhando lealmente o gabinete (de 20 de agosto de 1885) organizado pelo illustre barão, aceitou a presidencia de São Paulo.

Ness'outra provincia de grandes recursos naturaes preocupam-no o ensino e a viação e mais a estatística, a exploração geographica e geologica. Preoccupam-no tambem a immigração e colonização, interesse capital de São

(1) Este projecto, igualmente approved pelo senado, foi convertido na lei de 28 de Setembro de 1885.



Paulo, a hygiene publica e, com planos a ella subordinados, diversos melhoramentos nas cidades. E em tudo andou tão avisadamente, que, em vez de *deficit*, se verificaram saldos nos orçamentos.

Naquillo para cuja realização o tempo não bastou ou que as circumstancias não permittiram, foi-lhe dado suggerir os melhores alvitres e planos, já em interessantes relatorios e outras peças officiaes, já no trato dos homens mais capazes e bem intencionados. Filiam-se nestas tradições do seu governo varios melhoramentos, introduzidos depois em São Paulo, em cujo beneficio muito se poderá ainda executar de accôrdo com as contribuições que deixou alli.

Um jornalista republicano, redactor do *Correio de Santos*, Julio Ribeiro, escrevia a 30 de abril de 1886:

«Só nos cabe render preito á honestidade da administração que findou a 27 do corrente. S. Ex. «fer tudo o que pôde, e fez muito. Tambem ninguem «lhe nega justiça. Os adversarios que o combateram «fizeram-no por systema: *in petto* confessam o alto valor de S. Ex. e a funda moralidade que presidiu a todos os seus actos.»

Nomeado depois para o cargo de conselheiro de estado, exerceu-o com a costumada solicidade, até o fim do Imperio.

### Deante do espantallo da Republica

Por aquelle tempo duas causas de origem, curso e objectivo differente, irmanaram em decidida hostilidade ao ministerio Cotegipe: o abolicionismo e o militarismo, si pôde ser dado este nome á pretensão, que o exercito, então só o exercito, sob o impulso de militares e politicos que o preparavam para a republica, ia firmando, cada dia mais, de constituir-se, com quebra da disciplina e contra-venção á propria natureza, uma corporação independente, de deliberação e influencia activa nos negocios publicos.

Sem apartar-se do ministerio, o Conselheiro João Alfredo, em ambas estas questões, deu-lhe avisos de amigo e correligionario leal. Em conselho particular, convocado nas vesperras da celebre moção a que se submetteu o barão de Cotegipe, opinou, perante todos os ministros alli reunidos, que o gabinete não devia cair em face de manifestações militares, cumprindo-lhe aliás fazer, não em vir-



tude do voto do senado, mas por si, por determinação própria, o que ia ser indicado naquella moção, offerecida pelos liberaes com laivos de censura e certa incompetencia da camara vitalicia. E observava que, assim emendando nobremente um erro, o ministerio procederia conforme a sua mesma opinião ou responsabilidade, expressa na resolução da consulta do Supremo Conselho Militar de 3 de novembro de 1886.

### O problema do elemento servil

Quanto ao problema do elemento servil, sempre entendendo que se devia caminhar, aconselhava providencias que operassem progressivamente a emancipação dos escravos. «Nesta importante questão social» — dizia elle aos amigos — «ha as duas classes de revolucionarios de que falava lord Palmerston, no seu grande discurso de 1850: os violentos e os inconsiderados, que querem tudo antes de tempo, não pensando nas consequencias nem medindo as difficuldades, e os homens animados de velhos preconceitos, retidos por falsas apprehensões, que se oppõem á corrente do progresso, até se accumular o descontentamento e, pela sua pressão irresistivel, derrubar as barreiras, levando tudo de vencida.

No fim da sessão de 1887, vendo aproximar-se esse ultimo periodo, passou das exhortações em particular á opinião em publico; manifestou-se pela oportunidade de nova reforma; pediu ao barão de Cotegipe que preparasse o seu projecto para a sessão de 1888, não deixasse a outro a gloria que devia pertecer-lhe pelas suas palavras de 1884: «o partido conservador póde, quér e deve resolver a questão do elemento servil.» «Precipitaram-se no entanto os acontecimentos por instigações do partido que queria subir ao poder, como consta de revelações feitas em 1897.» (1)

O abolicionismo tinha chegado á phase extrema em que os escravos atravessavam villas e cidades para formar povoações suas, sem nenhum estorvo efficaz da parte quér dos senhores, quér da autoridade publica; o militarismo, adormecido durante algum tempo, em virtude da solução parlamentar de 1887, que o barão de Cotegipe confessára ter «arranhado a dignidade do governo», resurgia em março do anno seguinte, por occasião de questões com a po-

(1) *Ruy Barbosa, Conferencia na Bahiz.*



licia, e tão perigoso, dessa vez com o apoio da marinha, que o chefe do gabinete escrevia á princeza regente prevenindo-a da necessidade de empregar a força e da inevitavel effusão de sangue.

Era, pois, o abolicionismo triumphante no sentimento nacional, podendo ter como alliados para a acção violenta o exercito e a armada, queixosos e ameaçadores por outros motivos. Estava imminente a guerra civil, no caso em que, para evital-a, a Corôa tinha o direito, segundo a opinião dos mais notaveis estadistas e escriptores, de mudar o ministerio; impunha-se inadiavelmente uma reforma que a nação reclamava, e que, tendo por fim apagar a mancha que deturpava «o espirito christão e liberal das nossas instituições,» (1) tirar ao povo um motivo de justo descontentamento e remediar males evidentes, tendia a unir as classes populares ao governo, tornando-se uma medida conservadora, como de diversas leis liberaes votadas na Inglaterra com o mesmo espirito e nas mesmas circumstancias disseram Robert Peel e John Russell.

### O Ministerio de 10 de Março

Chamado ao poder pela princeza regente, o conselheiro João Alfredo organizou o ministerio de 10 de março, com o fim principal de supprimir promptamente a propriedade escrava. A opinião publica da capital do Brazil, exultante na sua generosa expectativa, tributou applausos entusiasticos áquella viril e patriótica resolução, em crescente alvoroço, que se propagava por toda a parte, soprando extemporaneos protestos e resistencias; de sorte que, quando a proposta de lei, apresentada ao parlamento para ser immediata e incondicionalmente extincto o elemento servil, foi convertida no prazo de sete dias, entre acclamações e festas, no acto de 13 de maio, pôde-se dizer que já estava feita a abolição.

Por outro lado estava então igualmente feito todo o trabalho preparatorio da magna reforma. Attendendo ao estado do thesouro, o conselheiro João Alfredo, ao assumir a administração financeira, (2) negociou com o Banco do Brazil o credito de um milhão esterlino, aberto te-

(1) Fala do throno a 3 de Maio de 1888.

(2) Neste e em topicos seguintes sobre a sua administração financeira resumimos o que elle publicou no citado «Jornal do Commercio» do 25 de Março de 1896, em resposta a inexactas e injustas apreciações de um escriptor republicano.



legraphicamente em Londres, em condições mui vantajosas, e pensou logo na conveniencia de novo emprestimo externo Entaboloando para isto negociações com os snrs. Rothschild & Filhos, de Londres, conduziu-as por fórma que um mez depois contrahia o emprestimo considerado o melhor do Brazil. Deste modo ficou o governo apercebido para confiadamente realizar a obra grandiosa a que se propunha e preservar-lhe a integridade.

Fundando-se na experiencia, e usando de um meio mais tarde aconselhado nos Estados Unidos, deixou em Londres o producto do emprestimo, em vez de o ir passando para o Brazil, o que sempre tinha produzido a alta immediata, mas ephemera, do cambio, vantagem que afinal se annullava totalmente: com o producto alli depositado seriam satisfeitas as despezas no exterior, e no Brazil tomar-se-ia da renda publica o equivalente para os fins legaes daquella operação, o que permittiria ficar, como ficou, o mercado de cambio livre da concurrencia do governo e este a coberto da especulação.

Promulgada a aurea lei, seguiram-se-lhe adequadas providencias: prestaram-se logo auxilios á lavoura, como medida de character provisório, simplesmente para acudir ás necessidades de momento; reduziram-se, em favor della, as tarifas das estradas de ferro; deu-se ao serviço de immigração impulso extraordinario, cuidando-se tambem do desenvolvimento da viação ferrea, e em geral, de quanto podia influir para a expansão das forças productoras do paiz.

Por effeito de providencias tão circumspectas e da calma attitude do governo deante de inevitaveis transtornos locaes, de somenos importancia, que aliás se invocaram algumas vezes como pretextos para uma especie de tentativa reescravizadora, inaugurou-se pacificamente o novo regimen do trabalho agricola, ao mesmo tempo que, dissipados os temores e vaticinios de irreparaveis desordens e perturbações, se desmoralizava a idéa chimerica de impôr ao estado inoportaveis sacrificios para indemnização de uma propriedade que, por ter ficado «inutil e sem valia, nem mais era susceptivel de posse» (1), quando se tornou indeclinavel extinguil-a.

O capital estrangeiro, sempre attento á oportunidade de emprego remunerador, affluia para o commercio e para a industria, facilitando commettimentos promettedores de

---

(1) Fala do throno a 3 de Maio de 1889.



bons resultados. O cambio, em alta progressiva, mantinha-se acima do par, sendo o ouro estrangeiro recusado pela taxa legal, visto o agio do papel do estado. Daí a necessidade, que teve o governo, de declarar em vigor a lei de 11 de setembro de 1846 e, portanto, obrigatorio o curso da libra esterlina pelo valor de 88890.

Sem que o ministerio tivesse faltado ao necessario, ao contrario tendo dado grande desenvolvimento a muitos ramos do serviço publico e acudido ás calamidades da sêcca do Norte e de epidemias em varios pontos, o exercicio de 1888, em cujo terceiro mez elle começou a executar o orçamento votado com o *deficit* de mais de vinte e um mil contos e encargos para os quaes autorizava operações de credito na importancia de cêrca de sessenta e oito mil contos, foi gerido com tão severa economia que na despeza fixada se conseguiu poupar quantia superior a doze mil contos. E, porque a arrecadação da renda foi muito além da que se havia previsto, o *deficit*, excedendo de vinte e um mil contos, transformou-se em saldo, demonstrado na liquidação feita no tempo da republica, o maior dos raros do imperio, obtido nas proprias forças da renda, porquanto passou para o exercicio de 1889 *com todo o producto do empréstimo*.

Por occasião da abertura da assembléa geral, em maio de 1889, o governo annunciava-lhe, na fala do throno, que as rendas publicas continuavam a transcender as previsões do orçamento; a moeda mettalica circulava com differença para menos em relação ao papel do estado, e o thesouro, livre de avultada divida fluctuante, que viera de exercicios anteriores, tinha tido meios largos para as despezas internas, sem recorrer aos expedientes de antecipação de receita, conservando em Londres grande parte do ultimo empréstimo. Finalmente, ao expôr essas circumstancias favoraveis, a corôa recommendava a adopção de instituições de credito que prestassem recursos á maior actividade industrial e operassem segura e definitivamente a conversão do meio circulante.

Repetindo este pensamento no relatorio da mesma época, o conselheiro João Alfredo accrescentava que preferia um só e grande banco para regular o meio circulante e que já havia recebido propostas e planos para o resgate de papel moeda. De diversas partes chegavam-lhe offeras de capital e tinha em mãos, a fim de ser convertido em contra proposta, para a conversão da divida externa, o plano dos snrs. Rothschild & Filhos, que o seu successor encontrou e logo adoptou, realizando a conversão. Além



disto, em tão feliz oportunidade, o ministerio pensava em attender a outros interesses de ordem moral e material, administrativa e politica, cuja satisfação exigia dotações orçamentarias congruentes aos fins que elle tinha em vista.

Entretanto, com os meios de que dispunha, applicados acertadamente, ia ministerio prestando serviços que augmentavam o lustre da situação creada pela lei de 13 de maio. A administração da justiça, da instrucção e da hygiene receberam notaveis beneficios.

No intuito de mitigar a sorte dos desafortunados, iniciou-se, com o generoso concurso das differentes classes sociaes, bem concebido plano de assistencia publica, fundando-se novas instituições, cuja permanencia foi afiançada por meio de impostos razoaveis. Reformou-se o serviço dos correios e o museu nacional; creou-se a repartição central meteorologica; reorganizou-se a força policial da côrte. Foi aperfeiçoada a organização militar; reformou-se a escola naval; fundaram-se escolas de aprendizes marinheiros; constituiu-se para o exercito amplo e poderoso systema de educação e instrucção theorica e pratica.

Para promover a correcta missão das classes militares, desviando-as da corrente de idéas subversivas das suas funções sociaes, á qual os propagandistas da republica procuravam attrahil-as, deram-se providencias que lograram restituir o exercito á antiga e honrosa disciplina. Por esta fórma e pela adhesão daquellas classes á politica, justa, elevada e progressiva do governo, foram obviados os perigos que no tempo de anteriores gabinetes tinham ameaçado a paz e a ordem publica.

Sérios embaraços sobrevieram, porém, á tarefa de transformação economica e social a que o ministerio se consagrava.

De uma parte os que, irritados pela abolição, a custo reprimiam protestos e clamores impetuosos, enquanto resoavam os hymnos em honra do grande acto redemptor, e por outro lado os que, na phase de excepcional movimento e prosperidade financeira, que o paiz atravessava, planejaram exercer a industria lucrativas de negocios com o thesouro, desenganados, estes, de vingarem as tentativas em que se áfanavam, e, aquelles, de lhes ser indemnizada a propriedade que carpiam, passaram a desatogor a sua má vontade contra o governo, levando muitos, por suggestões do despeito e interesse contrariado, concurso encoberto ou ostensivo á causa republicana, que dest'arte recebia estimulos para mais esforçada propaganda.

Juntamente com esses elementos conjurava contra á



vida do ministerio a dissidencia conservadora, irreconciliavel com os reformadores do estado servil, desde a conquista da liberdade dos nascituros, e então exasperada pela derrota final da sua funesta politica.

Em taes condições o partido liberal, que, sob a direcção do seu chefe mais pugnaz, se agitava insoffridamente para subir ao poder, emprehendeu violenta campanha opposicionista, cujo exito poderia ser ainda favorecido, entre outras circumstancias, pela doença do chefe do estado.

Para chegar aos fins que pretendiam, nada escrupulizaram os adversarios do ministerio, entre os quaes se assinalavam jornalistas dotados da mais brutal petulancia.

De um delles não tardou que o antigo chefe e ministro da fazenda do gabinete de 10 de março recebesse os mais solennes testemunhos de consideração e respeito, varias vezes reiterados.

Mas, as accusações levantadas por aquelles ferozes inimigos, á semelhança das que outr'ora em Roma foram dirigidas contra Rutilius Rufus, destruiam-se por si mesmas, ou ao confronto instituido pela opinião publica entre o accusado e o accusador.

Comtudo, assim como a causa da injustiça e do mal pôde sacrificar aos seus resentimentos implacaveis e pretenções imperiosas o virtuoso e prestante varão romano, depois, emquanto viveu, ainda mais louvado e honrado pelo povo, igualmente não prevaleceram contra aquella arrogante colligação de odios e interesses os serviços com que o estadista brasileiro tinha engrandecido o patrimonio nacional, mas os homens justos, os verdadeiros amigos do progresso e da felicidade da patria, tambem antecipando o juizo da historia, consideraram uma dessas triumphantes derrotas de que falava Montaigne a solução em virtude da qual o chefe do ministerio de 10 de março deixava de presidir a ordem de cousas que abnegadamente constituiria para o desenvolvimento moral e prosperidade material do Brazil.

### Depois da Republica

Subvertido o imperio e proclamada a republica pela revolução de 15 de novembro de 1889, o conselheiro João Alfredo, recolhendo-se á vida particular, teve de assistir silenciosamente ao contristador espectaculo que offereciam: o ingrato e systematico repudio do passado, o fervor de açodadas adhesões, a perversão das idéas e dos caracteres,



a incapacidade administrativa, o abuso do poder e a tyrannia da força.

Mais tarde, quando alguns homens que se conservavam fieis ao regimen decaido deliberaram-se a intervir, pelo exercicio do direito de imprensa, na vida nacional, minada por males atrozes, cumpriu corajosamente o dever de dar o seu concurso para tão grave tentativa, apesar de saber, que, «a aurora não torna sinão depois de ter a noite adensado as sombras e concluído seu curso.» Com semelhante intento os conselheiros visconde de Ouro Preto, Lafayette e outros membros do antigo partido liberal convencionaram com elle e, seu antigo correligionario conselheiro Andrade Figueira, dirigir á nação um manifesto.

Além do honroso esquecimento, reciprocamente imposto por amor de uma grande causa, a malquerenças e aggravos provenientes das contenções politicas do imperio, a alliança dos mais autorizados representantes daquelle partido com o conselheiro João Alfredo certo exprimia a reivindicação da verdade e da justiça em honra do chefe do ministerio de 10 de março. E, como que para ser mais completa a reparação que lhe deviam os adversarios, coube-lhe redigir o manifesto.

No desempenho deste encargo o conselheiro João Alfredo correspondeu a tudo que poderiam desejar os iniciadores e companheiros da arriscada empreza. Em verdade, dictado pelo culto do bem publico, pela indignação contra os erros e desatinos que haviam infligido ao Brazil formidaveis padecimentos e calamidades, o manifesto (1) satisfazia admiravelmente o fim, a que se propunha, de sacudir o torpor das consciencias sãs, avocando-as ao cumprimento dos deveres patrioticos.

No mez de maio appareceu «A Liberdade», para cumprir a missão a que aquelles homens tinham mettido hombros, desinteressadamente, sem preoccupações partidarias, sem preconceitos de qualquer ordem ou especie e apesar de quanto lhes pudesse suscitar a intolerancia, nas suas estreitezas de predominio sectario, como diziam no manifesto, accrescentando estas propheticas palavras: «Si, sem embargo da nossa abstenção, pacifica e resignadamente observadora, sempre nos foram imputados factos que eram da republica, as suas divergencias e lutas sangrentas, ainda não apasiguadas, é facil prever o que nos reserva o nosso

(1) Jornal do Commercio de 12 de Janeiro de 1896.



apparecimento para a tarefa puramente patriótica do bem publico.»

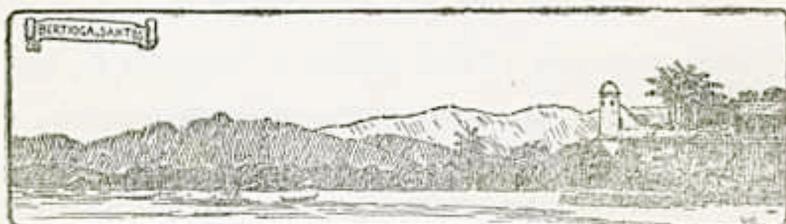
E assim foi. A intolerancia jacobina logo malsinou a folha importuna, angustiando e abreviando-lhe a existencia. Propalados em março de 1897 o mallogro da expedição contra os habitantes de Canudos, e a morte do coronel Moreira Cesar que commandava as forças legaes, a cidade do Rio de Janeiro ficou entregue á anarchia e ao saque, sendo destruidos os prelos da *Liberdade* e assassinado um dos seus proprietarios.

Estes tragicos attentados, indignando o compungindo no mais subido grau o conselheiro João Alfredo, todavia não lhe esmoreceram o animo varonil. Firme nas idéas e sentimentos que dictaram a generosa tentativa, vio nesses mesmos successos nova advertencia para os votos e esforços, aos quaes, em ragos illuminados por viva fé christã e profundo senso politico, procurára mover os bons cidadãos, antolhando-lhes naquelle documento o melancholico contraste entre o presente, cujas humilhantes desgraças são alli descriptas com indizível magua, e o passado, comovedora e poderosamente reproduzido na sua afortunada dignidade, para a qual elle tanto concorrera com intemerato patriotismo e alta sciencia de governo.

BALDUINO COELHO.

1897.





## VIAJANDO

(Coizas do meu diário)

1913

Viajando - Maio, 4

— Gosto de mim. Evidentemente sou meu amigo. E o habito em que estou de gozar de minha companhia ensinou-me, no quarto de hora excludivo que me imponho de manhã, a analizar o que fiz na vespera e projetar o programma do dia. Porque o é, o programma falha quazi sempre.

Por exemplo: tendo tomado em Nice o trem-carroça que, com intersticios de empacamento, alcança Genova após sete horas, deliberara ler em viagem a «Vida de Alexandre Guizandé» do decizivo A. Hope. Em «Veinte Miglia» um carregador chapeado, moreninho, espertinho, rezultado provavel do cazamento siroco em subraça latina, me apreça dispensa de exame de bagagens e colloca as minhas maletas em logares donde geitozamente deslocara dois passageiros. Bem. Meu cazal viaja só. Aproveito retardança prolongada para ver turmas itinerantes que dessa estação demandam todos os rumos da Europa-sul, e têm declarações fiscaes a mentir. Nada adantei. Apenas, num dos magotes, que seguia para a Austria, gritava, em tardio francez-belga, de vez em quando, uma mulher corpulenta: «Perdi meu marido!» Movimentos diversos. Troca de olhares indagadores. Surgimento dum minuscuro marido com bigodes pretos. Calma geral até repetição da sena.

Sinal. Partida. A principio tudo me marchou bem. Mas, chegado á terceira estação, foi o vagão infeccionado pelo mofo pestilento dumas barbas velhas, trazidas na cara de homem redondo com olhar suino e ventas inqua-



lificaveis. Instantaneamente me convenci estar em companhia de fabricante de colchetes e deputado italiano governista.

Premeditei evita-lo.

Oferecimento de jornaes, porém, abrindo-nos conversação, proporcionou-me á ignorancia duas informações inéditas. Estocadeou-me o recemvindo: que, tendo a Turquia deixado as areias cobrir a Tripolitana, a retirada desse cobertor entregaria ao governo do Quirinal um solo apropriado a todas as culturas; e, mais, que a administração paulista, dezencaminhando e encaminhando imigrantes, estava precisamente prejudicando a futura lavoura tripolitana.

Ouvi-o com a impassibilidade dum batente de porta. Tomei, porém, a palavra quando o ponto e virgula do interlocutor m'a facilitou, e expliquei-lhe: a felicidade relativa dos seus patricios em S. Paulo; a partida do emigrante com a esperança, que é o milhão do pobre, e a sua volta com a velhice tranquillizada pela reserva de economias; exemplos de grandes fortunas italianas decentemente organizadas; perspicacia de millionarios no abatimento dos preços de emendas orçamentarias; risco de o proprio Samsão entizicar si o levassem á Tripolitana para remover areaes.

A nada o bruto se moveu. Abracei-o á despedida. Como é recreativa a auzencia dum jumento!

Em Genova - Maio, 5

ε — Chego. Procuo uma raridade. Procuo um amigo. No consulado; entro sem bater; abraço o dr. Raymundo de Sá Valle. Palestrámos interrogativamente. Sagaz, afentozo, o jornalista letrado mantem a fraze latinamente educada e, sobretudo, aquelle coração lhano, largo, da mocidade a que pertenceu, e cuja autonomia lhe brilha na conversação abundante em replicas.

— Saí. Entre o Consulado, que enxotou as tentativas aduaneiras contra as commodidades que me costume conceder, e o «Miramare», hotel que seria impecavel si a deslealdade do leite lhe não marcasse a fama, duas estatuas me embargavam o passo pedindo reflexões. A de Cristovão Colombo, apesar do marmore esgrovinhado numa das bases, cansaço quiçá por onze annos de feitio, é mais que toleravel. A de Vitor Manoel não é má, nem tem direito a se-lo, pois é mais uma copia toleravel da de Pedro I. no Largo do Rocío.



Maio, 6

— E' inutil querer em Genova automovel barato e cocheiro calado (Automovel é carro, carro é coche, coche tem cocheiro). Gritante de nomes de ruas, praças e monumentos, durante quatro horas um auriga verbozissimo, e não de todo illetrado, me apresentou á cidade, e viceversa.

Genova? Não agazalha duzentos mil habitantes, mesmo incluindo os hospedes, que muitos são. Cidade maritima e commercial, irregular de mescla, falta-lhe á população um tipo acentuado; faltam-lhe, consequentemente, estos idealistas e agitações patrioticas. Sem ser, como a cidade de S. Paulo hoje, uma função estrangeira, Genova é dos menos italianos centros da peninsula. Invadida, ofendida a Italia, Genova reagirá mas em ultimo logar.

Mulheres não feias, nem bonitas, mas duma vivacidade fizionomica que transforma, facilmente, o simples encontro em espontanea simpatia; farmacias frequentadissimas; commercio malcredo e mal sortido: é o que seguidamente se nota. Edificios enormes, solidos, antigos, historicos, imponentes como o da Universidade, foram perfeitamente aproveitados pelas exigencias de moderna administração; verifiquei-o: no pateo, asseiado e vasto, que precede a larga escadaria, sustentei com um amavel grupo de estudantes, destro, inesperado e investigador dialogo pornografico.

Dos tres apregoados palacios «Vermelho, Preto e Branco» só vi as arrogantes fachadas; do «Palacio Real» só as escadas, e despreocupadamente. Genova, onde estou trazido pela sarna politiqueira que me obriga a embarcar para o Brazil e padecer Camara dos Deputados, não me estava nos delineamentos itinerantes. Chegar e partir me são verbos aqui associados. Vizitei-a porque, retardada como é de praxe a partida do paquete, eu não devia ficar dois dias á espera que Genova me visitasse. Fôra exigir muito.

Não ha, juro-o, si preciso, com a mão debaixo da coxa como o primitivo semita, não ha dezignio desrespeitozo nessa despreocupação; mera incidencia de circumstantias e nada mais. Paulista, possivelmente sou um tanto genovez; de origem genoveza são, em S. Paulo, os Spindolas e Dorias, sendo que pelas allianças de familia perderam os Adornos o nome, não a raça.



## A Catedral - Maio, 7

— Não a buscam muito os doutores em arte. Contraria-os a mistura de estilos. Ha, no interior, uma porção de igrejas juntas. Distrae-se um amador como eu; irrita-se um mestre, naturalmente. Levantada no remate do X século, dizendo-a alguns anterior de quinze annos áquelle anno mil que deveria ser o fim do mundo, ha dez seculos vive esta igreja em continuos concertos.

Até parece lei eleitoral! Ninguem a entende, nem ella mesma! Trapalhona. Guarda, em sarcofago do XIII século numa capella construida no XV, reliquias de S. João Batista. Trocando olhares sorrateiros, guia e um futuro padre começaram a mostrar-me a prata que servira na ceia de Cristo; nada me responderam, porém, quando lhes perguntei como e onde gente pobre arranjava aparelho de prata numa epoca em que, pelo menos, era de um para noventa a relação do cobre para a prata.

Alternativamente revestido de marmore preto e branco, o exterior da «Catedral» é agradável. Lá dentro o mesmo succede ás columnas, muitas, de ordem composita, que lhe adornam a nave principal. Na sacristia, afirmaram-me e eu tenho certeza de não ter acreditado, conservadissimo, ha um copo de vidro que de Cristo passou a pertencer a Jozé de Arimatéa. Sei-lhe a legenda: morria quem lhe encostava o dedo. Lérias.

## A America

-- Demandeí a caza, na qual, sequiozo de sciencia, menino e moço morou Cristovão Colombo. Autentica-a uma placa.

Tem o predio, num beco tortuozo, ingreme, duas portas; em cima duas janellas, que estão em baixo de duas outras, que ficam em baixo de outras duas, sobre as quaes ha mais duas que têm em cima duas janellinhas. Compreendi, então, a descoberta da America: Colombo quiz mudar de caza.

## No Cemiterio - Maio, 8

— Tem fama, justa fama, o «Cemiterio de Genova». E', talvez, o que de melhor ha por aqui. O numero avultado de vizitantes pretexta a desconfiança de que, em Genova, os mortos sejam preferiveis aos vivos. Distanciados os tumulos, ficam os fallecidos bem á larga. Achei-o supe-

rior ao «Père La Chaise». Não lhe li epitafio lorpa. Reparei, todavia, que quando o tumulo era grande o morto fôra, inevitavelmente, commerciante honrado.

Bellissimos os monumentos, imitado, no marmore de Carrara, o brilho brando do setim. Dificil preferir tumulo pelo valor artistico ou pela simples correção significativa; tão interessantes se elles succedem que o ultimo parece sempre o melhor. Tudo bem dividido, zelozamente administrado.

A valla commum não é commum: enchem-na de flores rodeando as sepulturas. Não ha tumulo feio. Perde-se aqui o pavor que a morte infunde; mais bem endereçado buscará elle aquellas artilhadissimas fortalezas que, de tres eminencias, ameaçam mortos e vivos, cemiterio e cidade.

Entre sabendo que a commoda mansão fôra principiada por Carlos Barlino e terminada por João Rizzasco; era pouco para quem lá ia á cata de passatempo. Tomei um guia, e acompanhámo-nos: elle a minha pessoa, eu as suas preleções. A' despedida impingiu troquinho em moeda falsa; aceitei sem reclamar; fui genovez em Genova.

Tambem não reclamei quando me informou elle de haver na valla commum duas ordens de quadras: quadras para homens e quadras para mulheres. E', é uma téze a estudar: essa do celibato dos defuntos.

Idiota, outrozim, a distincção, murada, de repartições judaica, protestante e catolica. Em vida comem, bebem, jogam, dansam, mas depois de mortos não querem estar juntos. Pandorgas!

Fui vendo, admirando, elogiando. A luta da «Morte e da Vida», tumulo de Valente Celle, concepção extraordinaria, é o bello horrivel numa sinteze simbolica. A figura do profeta Ezequiel, tumulo de Jozé Brunetti, braços esticados, labios abertos, invocadores, olhar allucinado, superposta á frase «Esperando Resurreição», que moralmente a completa, é rica de pensamento, tradutora de conhecimento biblico, complexa de cogitação sobretudo. Cinzelou-a A. Botta: um artista.

Anjos e anjinhos a granel. Semideuzinhos a serviço do homem, seu inferior. Pois sim! Na quadra judaica, quando atravessava a porta hebraicamente pobre de arquitetura, cortejei, respeitozo, a inscrição memorativa de Adolfo Binger. Pessoalmente não o conheci; noticiei-lhe, porém, o fallecimento em 1893. O bemfeitor, o caritativo, o servidor da instrução... Imitassem-no, e a invenção do paraizo entraria no rol das inutilidades.

.....



— No «Miramare». Jantar nos reclama com ameaça de resfriamento. Sete á meza. Sá Valle e espoza, Carlos Faria, Oscar Paranhos, Martins e meu cazal. Repetição de pratos. Proibição de discursos; tres minutos, no maximo, para cada brinde. Contentamento unanime.

#### Embarcando - Maio, 9

— Trouxe-me, á ponte movel que ligava o paquete ao cáes, o pessoal do consulado uma porção de abraços de despedida. Começavamos a preparar as saudades. Interrompeu-as uma agressão ao nosso patriotismo.

Um aduaneiro, fardado, gritão, impedia que, em vapor subsidiado pelo Brazil, embarcassem passageiros de terceira classe para o Brazil. Para a Argentina, sim.

.....

E sob essa injurioza impressão deixei o porto pequeno, o cáes bom, a installação marconiana e o bellissimo farol de Genova: cidade sufocada pelo carvão e por montanhas que a apertam, e donde a gente se retira tendo nos labios o ah! prolongado e gostozo de quem descalça botina de verniz depois de haver servido de padrinho de batismo a criança com dor de barriga.

#### Napoles - Maio, 10

— Da amurada do «Brasile», enquanto a aduana tarda, contrato e ouço estridentes canções napolitanas. Primeiro premio em fuga, um dos meninos da improvisada banda fôge com o chapéu dum passageiro.

— Bom dia, bom carro, bom cocheiro; uma hora na lindissima «Galeria Humberto»; minutos na praça do mesmo nome; rapida vizita ao «Azilo dos Pobres», grande edificio e maior instituto, filho de doações muito fiscalizadas (Mizericordia! Mizericordias de S. Paulo e Santos...); exame incompetente das esculturas que enfeitam a «Porta Capuana»; volta a bordo; vizita do consul substituto Eugenio Oddino, falante de bom portuguez e intelligencia merecedora de emprego superior ao que ocupa ha já duas duzias de annos; cansaço; partida: foi o que me aconteceu hoje.

#### A bordo - Maio, 11

— Separei para reler: o languidissimo «Herman e Dorotéa», onde o maior poeta germanico magistralmente realiza o ideal da inferioridade literaria; a instrutiva «Pre-

zidencia da Republica» de Leiret; e, para ler, o «Flos Sanctorum» de Severiano de Rezende. Passarei, depois, a tresler na cara e nos modos dos companheiros de viagem.

Maio, 12

.....

Maio, 13

— Relatam-me, companheiros de meza, terem ouvido em terra noticias certas de parede operaria em S. Paulo. Rezultado da lei de expulsão de estrangeiros; lei inspirada pelo atrazo, sustentada pela malvadez e votada pela ignorancia.

Imagino quanta perseguição e quanta subvenção! Como aturador e inerte, o povo lhe não pede contas, a oligarquia paulista mete o braço no Tezouro até os cotovellos. E' da «Arte de Furtar»: os maiores ladrões são aquelles que têm por officio nos livrar dos ladrões.

Reparando - Maio, 14

— Das tres mezas, com quinze gargantas de primeira classe e dois officiaes, commandante e medico, calvos ambos, a melhor é a minha. Recitante de coplas populares, alegra-a um italiano, patriota e eleitor no Brazil, eleitor e patriota na Italia; fronteia-o um cunhado que se dedica ao culto do silencio; fecha a roda um casal de velhos civilizados em estréa transatlantica: a mulher com um terço de sorriso; o marido, quando instigado, repetindo valentes estrofes de Carduci.

Noutra meza: mistura italiana com suissopaulista, uma promissora familia mantendo desde já a arimetica do casamento: 1 mais 1 igual a 6; ao lado, uma ex-atriz, candidata á resurreição moral. Depois... Mas o escandalo da-se! Medico e commandante arrebanharam refeitoriamente as duas confessadas solteiras de bordo: uma morena espaçoza e uma irmã, quinze annos si tanto, franzina, pés diminutivos, corpo flexivel. A gorda veiu á Europa buscar a magra. Destino policial inevitavel e garantido.

Inimportantes os mexericos de bordo. O proprio boato de haver o commandante tomado um laxativo apenas mereceu ligeiros commentarios.



No pico do Itatiaya



NO PICO DO "ITATIAYA", PONTO CULMINANTE DAS AGULHAS NEGRAS,  
A 2.983 METROS DE ALTITUDE

## No alto do Itatiaya



A «Casa das Macieiras», no núcleo colonial Itatiaya, a 2.500 metros de altitude, proximo ao pico das «Aguilhas Negras». E' a casa de residencia mais alta do Brasil



Na base das «Aguilhas Negras», 2.400 metros de altitude

(Fotografias do Sr. Roberto Rodrigues)

## Queixas e queixas - Maio, 15

— Falta velocidade aos vapores da «Companhia Veloce». Na sua maior marcha o «Brazile» marcou 320 milhas. Peior, porém, do que a marcha é a comida; suportável em começo, perdeu de repente de quantidade e qualidade. O pão está melancólico. A anemia da sopa aconselha cuidados medicos. A costelleta de vitella annunciada para hontem foi substituida por carne de vaca brava.

Na volta, dizem, os passageiros padecem mais. Só lhes fornecem generos trazidos de Genova e Napoles. Nem laranjas do Rio, nem abacaxis de Pernambuco têm os commissarios licença de comprar. Os queixos dos passageiros que se queixem ao bispo. Levar queixas á gerencia da «Veloce» é perder tempo. Associados a marinheiros no desatapamento e reprego de bagagens, para turto de objetos que, uzualmente, estão nas primeiras camadas, invariavelmente os empregados da agencia respondem: que o reclamante indique e prove onde o turto foi praticado. Identica resposta recebe, quazi sempre, quem interpella as companhias de seguro.

Ir ao governo brasileiro? Peior. Envergonhou-me na Europa a divulgada convicção da venalidade de nossas repartições publicas. Por mais que eu afirmasse ser a nossa latrocracia, quazi toda, obra dos funcionarios subalternos, tendo unhas aparadas cerca de noventa e tres por cento dos ministros republicanos, ninguem acreditava nos meus protestos em prol da relativa honestidade nacional. A deputado francez que me perguntou porque, no Brazil, os ministros saem e os larapios ficam, repliquei citando-lhe o caso do Panamá. Enfronhadamente me embuchou treplcando:

— No Panamá o ministro saiu do parlamento para a cadeia; em vossa terra, nem sempre a peça termina assim.

Impedido, por oportuno acesso de tosse, de dar ao francez uma resposta energica, recorri, para fechar o incidente, á mais moderna das qualidades paulistas: a paciencia. Silencieí. Calei-me.

Ninguem se arrepende de ficar calado. Aprendi praticamente (nos outros) essa verdade em Santos, poucos dias depois da proclamação da Republica em 1889. Foi o caso: officiaes do exercito, contrariados porque não atendidos com urgencia em requizição feita á Santa Caza de Mizecordia, dirigiram-se ás respetivas enfermarias e, armados de palmatorias, generosamente distribuiram duzias de bo-



los aos principaes funcionarios. Recebidos os bolos sem reclamação, combinaram Irmandade, directorio politico e imprensa dar immediatamente o assumto por terminado. Só a palmatoria falou. Ninguem lhe respondeu. Ninguem se arrepende de ficar calado.

### Profecias - Maio, 16

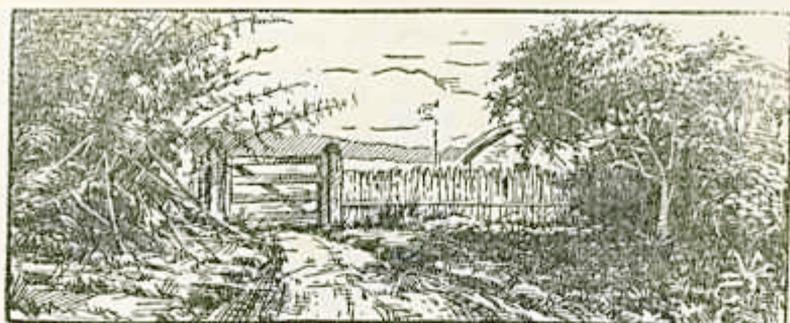
— Achei, numa maleta, volume de Henri Gaston sobre siderurgia. Prevê decadencia da Allemanha pelo provavel exgotamento de suas minas de ferro. Documenta-se com cifras, discute com imparcialidade, conclue com firmeza. Ensina e convence. Profecias! Para uma que se realize ha mil que falham. Tres vaticinaram com estardalhaço a morte da Allemanha: a de Hermann em 1240; a de Maience, de data incerta, porém posterior áquella; e a de Fienisberg em 1849: mas os quarteis germanicos continuam a apavorar o ocidente, ameaçando a liberdade dos povos.

Cada um profetiza o que dezeja. Ainda ninguem profetizou que ia tomar uma sóva de páu.

*(Continúa)*

MARTIM FRANCISCO





## PORQUE LOPES SE CASOU

— Pois meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz uma asneira, casei-me.

— E és paê d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho some-se em bugigangas, leite e farinhas, coeiros, toucas, cavallinhos de pau...

— Um trabalho de negro captivo mal dá para mantelos no pé de decencia que a minha posição requer. E' uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze e breve quinze pares de sapatos. Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto uma sacca por semana. Uma voragem!

E se visses que jararaca me sahiu minha mulher!... Uma fera, Lopes! Dessas que lançam com o prato á cara do marido se este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabellos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinellas a arrastar pela casa, *trec, trec...* Traz á cintura a penca de chaves e um rabo de tatu' que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas. Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha ás criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que supprimiu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem e me põe na casa humilde, caladinho, d'ore-

lhas murchas como um burro de carroça.

Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas quando o serviço termina e volto para a Gehenna, ah! Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu o lar é circulo que esqueceu ao Dante. Em caminho para o «remanso do lar» rememoro tudo o que me espera. No topo da escada, de mãos á cintura, a minha tremenda metade em attitude de juiz em face do réu:

— «Trouxe a pimenta? comprou o sabão? chamou o homem para concertar a torneira?»

E se acaso me esquece alguma coisita lá desaba o temporal:

— «E' isto, não prestas para nada, não sei porque casou já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho, e tá, tá, tá. Não imaginas a minha vida, Lopes...

Lopes arripiado ante as confidencias do amigo alvitrou uma solução desesperada.

— Em teu caso, Lucas, eu recorreria aos meios extremos, ao divorcio, á bolinha...

— Caçoa, caçoa... Eu tambem caçoava.

— Mas, Lucas, estás a exaggerar. Dou de barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as alegrias sãs da paternidade...

— Os filhos! Têm muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro. Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestesinhas infernaes! Destroem tudo, põe a casa imunda, vivem num corropio de peraltagens capaz de endoidecer a um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os *records*. Ha um, o senhor Lulu, que denuncia um novo Atila. Diver-te-se quebrando, furando, judiando escangalhando o que encontra. Hontem procurei um livro — livro de contas, socega — e fui encontral-o no quintal, dentro d'uma poça d'agua, a guiza de barragem de dique. Só em louça quebrada esse patife dá-me um rombo de quarenta mil réis por mez. E não é elle só. O Eduardinho tem a mania de encafiar os talheres que pilha nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho. Um outro especializou-se em quebrar dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um com quatro dentes! Já as facas são uma dentadura completa. Quem é o dentista? O Sr. Lulu. Aparece

uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O Sr. Lulu.

A Ignezita tem a bôssa da costura. Está praticando no córte. Em pilhando a tesoura esconde-se num canto e vae picando o que encontra. Ha dias abriu um rombo no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro!...

O Leandro é o homem da balistica. Vive com o papo da camisa cheio de pedregulhos e cacos de telha, «tentos», diz elle e brinca de partir as vidraças dos visinhos. Tem mão certa como o Guilherme Tell.

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, atôa, por brincadeira. E' o rei da manha, mas daquellas manhas interminaveis que deixam os nervos da gente em carne viva. O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e collecciona nomes feios apanhados na rua. O mais velho foge de casa pela janella, e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas espinhas suspeitas. O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar folego e fazer uma observação. Sendo assim como são, travessos insubordinados, a culpa é só tua. E' que lhes não dás a devida disciplina, não os corrige, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem!

— Será, mas que queres? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrazado que me fiz fatalista para ter uma philosophia que me dê paz á consciencia. Bem me accusa ella de inepecia e frouxidão extrema... A's vezes vem-me impetos de reagir, entrar em casa de Guatambu' em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa do começar no frangote das pe-rebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canários azu-rcrinantes do Julio e pelas bonecas de panno da Mariinha. Moel-os em massa, a granel, e vir entregar-me á policia, e pedir ao jury, de joelhos, trinta deliciosos annos de paz e silencio no fundo duma cellula. Mas fica em impetos; sou uma tapera arrazada incapaz dum movimento ener-gico...

O pobre Lucas consultou o relógio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus Lopes, vou-me ao «repouso do lar», concluiu elle, despedindo-se, com riso amargo.

E foi-se o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo



sobraçado. Lopes ficou no lugar, acompanhando-o, com olhos parados a recordar. Veio-lhe á mente o Lucas de quinze annos atraz. Era um rapagão viçoso, todo esperanças no futuro, e amigo de architectar castellos de Hespanha. Poetava. Amou meia duzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu diva á Nonoca Fagundes, uma loura translucida, magrinha, de falas mellifluas — um Botticelli temperado á moderna, dizia elle. Era bonitinha, dezeseite annos, em pleno viço da beleza do diabo, um mimo de fragilidade e boasinha como não havia outra — boa, «boa constrictor...» Ingenua, amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia elle: moram em suas faces duas rosas Bella-Helena. Andar, saltitante, leve como de sylphide. Um verso d'elle resava:

*Das plumas tens no andar  
a suave macieza...*

Lucas amou-a em regra e sonetou-a inteira, dos cabellos aos pés, parnasianamente, nephelibatamente, com lyrismo de commover ás pedras. Não a tratou pelo cubismo porque o cubo guindado a metro poetico inda não tinha sido inventado.

Sonhava-a ao seu lado, amiga peregrina d'alma e do coração, n'um arroubo perenne de felicidade celestial pela estrada da vida afora...

Amou-a tres annos seguidos com o dispendio annual d'uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivaes. Rompeu com a familia que desaprovava o casorio. Cantou-lhe á janella, com muito choro de violão, todas as modinhas do tempo, «Quizera amar-te», «Accorda donzella» e outras adrede compostas para aquelle fim. Amou-a loucamente «como só se ama uma vez na vida». Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: «ver-te e amar-te foi obra de um só momento». Intercallou num alexandrino o classico anjo, mulher ou visão». Esgottou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal em cata de flores comparativas. Não contente com isso inda deambulou pelos ceus e mergulhou nos mares, caçando imagens — que nada era bastante á immensidade d'aquelle formidavel amor.

Casou, por fim.

E estava reduzido áquillo, o Lucas!...



Em vista do que Lopes, que estava noivo, e irresoluto se casaria ou não, tendo no activo já uma duzia de sonetos hendecassylabos, decidiu incontinenti... casou. Se tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre elle, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura casavel. Porque lhe pareceu que o maior soffrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos ante-nupciaes. E era.

MONTEIRO LOBATO





## UMA EXCURSÃO AO PICO DO ITATIAYA

*No Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, vol. V, de 1889, o mallogrado Orville Derby dava como inatingivel o Pico do Itatiaya, pois ao notavel sabio lhe parecia que só um passaro ou uma lagartixa pudesse chegar ao ponto culminante em absoluto. Esse ponto é hoje acessivel, como o demonstram as photographias que publicamos e esta narração do arrojado excursionista sr. Roberto Rodrigues.*

Do Nucleo Colonial «Visconde de Mauá», situado a 1.050 metros de altitude, na Serra da Mantiqueira, e a 34 kilometros da cidade de Rezende, partí acompanhado de José Ubmayer, numa viagem ao pico do Itatiaya, que fica, como se sabe, num ponto de limite dos tres Estados de S. Paulo, Minas e Rio. Levava-me a essa aventureosa excursão a maneira entusiastica pela qual Ubmayer se referia ás regiões da Mantiqueira, pois que elle era velho conhecedor daquellas paragens, possuindo dellas bellissimos documentos photographicos, a par de dados scientificos de inestimavel valor.

Adherira ao farrancho o Snr. José A. Antunes, funcionario do referido nucleo, a quem muito deveu a nossa

excursão em materia de segurança e commodidade. Partimos ás sete da manhã, pela estrada do Nucleo que margeia o Rio Preto até ao sitio «Invernada» e dahi, pelo valle do ribeirão Bonito, por veredas já bastante ingremes.

A's 11 horas mais ou menos, embrenhamo-nos na mais densa floresta da Mantiqueira, a 1.900 metros de altitude, onde fizemos alto para o *lunch* e folego aos animaes que com as maiores difficuldades vinham vencendo, a passo, caminhos solapados, barrados a cada momento por gigantescos troncos desraigados, e veredas emmaranhadas de cipós.

Depois de ligeiro descanso, emquanto Ubmayer, com a indiscreta machina, photographava uma bellissima canelleira, enlaçada de lianas e revestida de orchideas, proseguimos na marcha rumo ao sitio denominado «Retiro», situado numa pequena esplanada a 2.200 metros de altitude.

Neste lugar a paisagem muda completa e bruscamente, como nas magicas, causando verdadeira surpresa aos excursionistas, já habituados, durante a caminheira anterior, ao crepusculo das mattas virgens, onde o murmurio de innumeradas cascatas se casa ao rumor da fauna miuda.

A conformação topographica torna-se mais uniforme, extendendo-se em planicies, ora regulares e cobertas de gramineas fortes, constituindo excellentes pastagens, ora onduladas e circumscriptas por blocos de rochas desnudas, isolados ou em grupos pittorescos.

Ao fundo, em direcção Norte, elevavam-se, entre blocos esparsos, os macissos colossaes que constituem os primeiros contrafortes do gigantesco «Itatiaya» a cuja base chegamos ás quatro da tarde, depois de um percurso de 30 kilometros, aproximadamente.

Achavamo-nos então, a 2.400 metros de altitude, nas margens das bellissimas lagôas que dão origem ao Rio Preto, ribeirões Itatiaya e Ayruoca, afluentes do Parahyba. Embevecidos, ficamos por alguns momentos a admirar aquelle amontoado de rochedos gigantescos, que se extendem longitudinalmente, e terminam em anfractuosidades e columnas isoladas que á distancia semelham arestas ponteadas.

O nosso guia e precioso companheiro, exaltava o nosso enthusiasmo, contando jocosas peripecias das suas ascensões anteriores, mas disfarçava as reaes difficuldades e os perigos que correm os que se propõe chegar aos pincaros.

Proseguindo na caminhada, fraldejamos a inexpugnável barreira que se nos antepunha, em demanda do sitio «Macieiras», onde pernoitaríamos. A hospitalidade que graças as relações amistosas do Sr. Ubmayer, nos estava reser-



vada manifestou-se de começo por uma ceia deliciosa e magnificas fructas, — maçãs e peras — cultivadas naquella região pelo seu ex-proprietario Commendador Henrique Irineu de Souza, as quaes, pelo sabor e tamanho, rivalisavam com as melhores que nos vem do estrangeiro.

Depois de reconfortados os estomagos, dispunhamo-nos a dormir, quando Ubmayer protestou. Era preciso aproveitar a oportunidade para admirar o espectáculo de uma noite de luar naquellas alturas. Marcando o thermometro 6º centigrados, o frio e um vento cortante oppunham-se a isso. Não obstante, acompanhei o heróe. O panorama que se me deparou é dos que se não descrevem. O grandioso espectáculo, o silencio augusto que reinava na paisagem cyclopica dava a impressão de que estivessemos sonhando, ou fóra do mundo...

Na manhã seguinte, logo ás 6 horas, começaram os preparativos para a continuação da viagem. Desistiu deprehendel-a o companheiro Antunes, que, mau grado nosso, preferiu a palestra das amaveis senhoritas que nos hospedavam, aos riscos da aventura.

A's dez, chegámos á base, junto ás primeiras lombadas do grande macisso onde se ergue o posto meteroologico do Observatorio Nacional, cujos aparelhos registradores são visitados semanalmente por uma senhorita encarregada desse serviço por aquella repartição.

A's 11 horas começamos a subir de novo, levando como indispensavel bagagem um rolo de cordas, o nosso *lunch*, um aneroide e apetrechos photographicos.

Galgadas com relativa facilidade as primeiras encostas, seguimos em direcção á bocca de uma furna, pelo meu guia denominada «Gruta do Inferno» situada a 2.760 ms. de altitude. Pelo interior d'essa gruta, ou, mais propriamente, d'essa garganta formada por dois blocos enormes, onde a luz directa era interceptada por outros rochedos deslocados e entalados entre as paredes, continuamos a subir, tacteando as saliencias que nos offereciam apoio e passando espremidos entre os desvãos das pedras deslocadas, até chegarmos a um platô, com muito acerto denominado «Tribuna» pelo meu companheiro, cuja altitude, já muito elevada, não pudemos verificar por falha do nosso aneroide. Teriamos gozado nessa «Tribuna» do espectáculo de um vasto horizonte, si o nevoeiro, tão commum nessas alturas, nos não tivesse privado desse prazer.

Attingimos, enfim, um dos mais altos pincaros do Itatiya. Ahí encontramos uma garrafa perfeitamente fechada, contendo bilhetes de visita, entre os quaes os das se-



nhoritas Lutz e Margarida Oliverio. Gravados nas rochas viam-se algumas inscrições, nomes e iniciaes.

Não alcançáramos, porém, a nossa meta: uma columna mais alta se elevava ao nosso lado e para galgar-a seria mister um salto arrojado, pois aquelle ponto se achava separado da nossa base por uma grande fenda.

O entusiasmo arrefeceu um bocado. Não obstante dispuzemos a nossa machina photographica focalizada para o alto da columna que visavamos para pedestal e arrojamos a empreitada. Galgamol-a, e grande foi a sensação ao firmarmos pé no seu apice. O vento gelado e intenso, e a garoa de arripiar, não permittiam que nos conservassemos por muito tempo allí, sobre a pequenina superficie muito irregular e meio chanfrada. Além disso, a attracção do abysmos nos atordoava.

Procuramos perscrutar o horizonte atravez das nuvens carregadas que successivamente passavam como um branco lençol estendido á frente; nada se podia ver nem mesmo na parte baixa da montanha, envolta em densa cerração.

Eram 3 horas da tarde: havíamos, portanto, gasto 4 horas para vencer uma differença de altitude de mais ou menos 600 metros (da base ao pico.) Deixamos ao pé da nossa bandeira, fechados num frasco, os nosso bilhetes, e preparámo-nos para a descida com receio de que a noite nos sorprehendesse naquellas solitarias regiões.

Chegámos á base da montanha ás 7 horas da noite, sem incidentes maiores além de ligeiras arranhaduras, tendo gasto menos tempo na descida apesar de a termos realizado em condições arriscadissimas, com muito arrojo e sangue frio, ora nos deixando escorregar com o ventre sobre os lagedos levemente sulcados pelas erozões, ora quasi pendurados entre os penhascos, procurando com o pé um apoio ou medindo os precipicios e saltando de um para outro rochedo em degrau inferior.

Algumas variedades de algas e curiosos batrachios, inteiramente vermelhos, foram os unicos representantes encontrados da flora e fauna desses altos pincaros. Notamos porém, na sua base, uma vegetação mais rica e variada, sobre tudo em grammineas e pequenos arbustos, cujas flores de variados tons, matizavam as varzeas perfumando-as.

A casa das «Macieiras» é a mais alta moradia do Brazil. Pertence ao Nucleo Colonial do Itatiaya e está situada a 2.500 metros de altitude, em uma lombada de terras fertilissimas, onde, em completo abandono, vegetam macieiras e pereiras, em plena producção.

Quanto ás aguas, que de toda a parte brotam, são de



incontestavel pureza, sendo reputadas pelo Dr. L. Cruls, que as analysou, como superiores ás da Carioca, no Rio de Janeiro, tidas como das mais puras do Brazil.

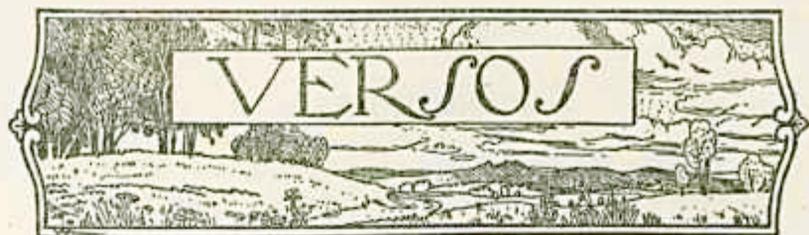
Antes de deixar essa magnifica vivenda, subimos ao alto de uma montanha proxima, a 2.600 metros de altitude.

D'alli domina-se o valle do Parahyba em grande extensão. Fronteiro, formando a outra vertente do grande rio, eleva-se a serra da Bocaina, em linha quasi parallela, até uma curva além, onde parecia entroncar-se com a Mantiqueira. A' nossa direita, em direcção NO. a serra do «Picu'», que nas visinhanças de Queluz se destaca do geral das montanhas pela sua conformação regular e quasi symetrica, terminava por uma serie de picos ou columnas isoladas, de bellissimo aspecto. A' nossa esquerda, elevava-se em destaque, na linha das cumeadas, muito ao longe, a «Pedra Selada»; em baixo, á nossa frente serpenteante como uma fita branca num tapete de verdura, desde a cidade de Queluz até além da villa de Floriano, o magestoso Parahyba.

As condições climatericas, ao par das conformações topographicas de varios e pittorescos effeitos, tornam as regiões do Itatiaya dignas da attenção do nosso Governo. Como na Allemanha, Suissa e Estados Unidos, poderiamos tambem ter alli confortaveis hotéis e sanatorios, que certamente se tornariam frequentados por doentes e excursionistas. Seriam, — como diz o Dr. L. Cruls, — «o ponto de *rendez-vous* de todos os que amam a natureza ou procuram revigorar a saúde debilitada no seio de uma região privilegiada em que os ares purissimos e as aguas cristalinas dariam novas forças aos seus organismos debilitados.» Se não isso ao menos conservasse o Governo a estrada de rodagem já existente entre a estação de Campo Bello e o alto das «Macieiras». O incomprehensivel é que não faça nem uma nem outra cousa.

ROBERTO RODRIGUES





Da nova geração mineira, o Sr. Mario de Azevedo é um dos mais interessantes espiritos; e estes versos, colhidos ao acaso no seu livro «Vigílias», a publicar-se, sobre serem de um accentuado sabor parnaseano, evidenciam que não ascendeu ás «alterosas», felizmente, a mania de macaquear os poetas do decadentismo.

## METEOROS

---

*Diante de mim, á noite, apparecem ogivas  
e surgem barbacûs fidalgas, onde vejo  
d'amantes que olvidei, mudas sombras esquivas,  
como extinctas visões de um postumo desejo.*

*Passam por mim, e á gloria, á sensação de um beijo  
ruge uma turba-multa hostile de outros convivas,  
e o espaço repercute o mysterioso arpejo  
do torvelinho astral de notas emotivas.*

*Alucinado espreito. Alma êxul d'outras éras,  
a lua como um buzio entre os cirros pairando  
concentra a melodia esparsa das esphas.*

*E, harmonia da côr, á queda dos meteoros,  
cada raio de luar parece estar vibrando,  
vibram no firmamento heptacordios sonoros.*



## PENUMBRAS

*Entrebailar de sombras no ar silente.  
Meios tons... lusco-fusco... nuança esquiva  
de uma tonalidade compassiva,  
que parece abençoar a alma da gente.*

*Porque deste crepusculo deriva  
um rio inteiro de emoções, fremente:  
dentro de nós, á suggestão do poente,  
cirandam sonhos que a saudade aviva.*

*E o mormaço que sopra das queimadas,  
faz-nos pensar em cousas não pensadas,  
por esta tarde mystica de agosto.*

*... ser sombra que se esvae, nevoa que passa,  
nevoa que o vento enlaça e desenlaça  
no esvoaçar das penumbras ao sol posto...*

## A PARABOLA DO TRONCO

## I

*Velho tronco a morrer, como eu lamento  
a tua ancianidade dolorida;  
á cicatriz de insolita ferida,  
não serás nunca mais renovamento...*

*A vindicta do tempo, desabrida,  
te transformou, num tragico momento:  
eras vigor, és encarquilhamento,  
saudade paralytica da vida...*

*Triste mendigo ao pé das outras cousas,  
nem tens homisio num qualquer canteiro,  
num canteiro qualquer nem te repousas.*

*Que esperas tu, exanime phantasma,  
neste anniquillamento derradeiro?  
— O milagre da Côr que em mim se plasma!*



## II

*E o velho Tronco, entanto, ao vir do outomno,  
numa manhã metálica e offuscante,  
como quem se ergue de um pesado somno,  
despertou para a vida circundante.*

*E reverente, humilde, sem entono,  
ao primeiro rebento vacillante,  
olvidando o amaríssimo abandono,  
offerta fez á luz de um caule injante...*

*Outras hastes uniram-se á primeira,  
tornando-se uma esplendida roseira,  
plantada no arcabouço original.*

*E uma rosa se abriu casta e serena,  
casta como a visão de uma patena,  
serena como um Verso de Mistral.*

## III

*A's plantas do jardim quanto desdouro  
o sol não trouxe num sorriso tardo:  
num fremito feliz o floreo jardo  
illuminou-se como um vello d'ouro.*

*Das cigarras espouca o alegre côro,  
numa sébe minúscula de nardo:  
nunca viram velhinho tão galhardo  
ostentando tão flórido thesouro!*

*Ao proprio Ipê, o Creso das florestas,  
tanta fecundidade tropical  
pode açular, ó Tronco, iras junestas...*

*E quanta inveja que não causa á gente,  
aos que envelhecem prematuramente,  
a tua Senectude vegetal...*

MARIO DE AZEVEDO



## O REBELLADO

*O Sr. Rodrigo Octavio — que, ultimamente, pelo muito que lhe exige a jurisprudencia nacional, tem quasi abandonado as bellas letras, — fixa nestas paginas um dos problemas mais cruciantes da psychologia humana: a procura da felicidade.*

Após alguns dias desse viver solitario que, fugindo aos homens, fui buscar na altura quieta do planalto da *Chartreuse*, tornando ao meu albergue, que trazia o suggestivo nome de *Hotel do Deserto*, cansado de percorrer accidentados caminhos, ora, no mais vivo das penedias escarpadas, ora, sob as espessas ramas dos pinheirões soturnos, sentei-me na platibanda de uma pequena ponte.

Em baixo referviam, cantando, as aguas de duas torrentes que ali se juntavam; aguas raras, nesse tempo de grandes estiadas, mas que muito deviam avultar em tempos outros, a se avaliar pela extensão das margens cobertas de arredondadas lages.

Acompanhava, distraído, o crespó deslizar sussurrante da corrente, esgueirando-se entre pedrouços irregulares.

A musica, sob qualquer forma, sempre exerceu em mim dominadora influencia. Ouvindo-a, quando recolhido, meus pensamentos vão com ella, como levados á flux da correnteza, e nesse vaguear, meio sonho, quanta perspectiva não se me tem aberto á phantasia solta, e desaparecido, num breve momento, como essas construcções coloridas e cambiantes que um raio de sol desenha, subito, na poeira humida das quedas de agua?...

Essa ribeira, cuja musica, ora me embalava, no seu pequeno curso, flebil e murmurante, coleava subtil, aqui, entre as vegetações das margens, segredando-lhes a historia de sua jornada sob tantos ceus diversos, ali, dilacerando-se, em soluços, nas arestas dos penhascos, mais alem, espreguicando-se em murmurios nas bordas arenosas, e nessa continuidade harmoniosa e dis-

par, aparecia-me essa ribeira como a piouresca materialização de uma sonata.

Eu estava num desses raros momentos de abstracção, em que o esquecimento das preocupações da vida permite o colloquio mudo, a conjunção ideal do homem consigo mesmo, e lhe sensibiliza o espirito para apreensão das manifestações mais subtis.

E a mim, nesse raro momento de vida interior, a múrmura ondulação cantante das aguas levava, no seu curso, para o indefinido porto o meu pensar indefinido...

Nessa tarde estival, sobre a velha montanha do *Dauphiné*, tudo concorria para mais longe me levar do mundo. Eu me abstrahia da vida; me confundira na natureza. E uma voz humana me chamou á terra, a voz de um velho guia montanhez, que, tantas vezes já, encontrára em excursões solitárias.

Escusou-se o homem do sobressalto que me causára a subita interpeleção amical. Mas, não se continha no desejo de me contar uma historia e me fazer uma revelação.

E era tão sincera a expressão do seu rosto, queimado pela aspereza dos invernos batidos de vento, e tão humano o gesto com que se escusava de talvez me haver incomodado, que do melhor humor eu lhe acolhi o proposito.

Confiou-me então o guia, que ao meu lado se assentára, que eu lhe fazia lembrar uma original creatura, um estrangeiro, que, annos passados, viéra viver n'aquellas montanhas afastadas. E eu lhe lembrei esse homem porque, tambem, como o outro, andava sempre só e me esquivava do convívio humano. A razão não era muito concludente, mas o caso me interessou desde logo e eu me dispuz a deixar fallar o loquaz interlocutor. E, do que elle me contou, numa abundancia enorme de pormenores e informações, aqui registro um apagado resumo:

O tempo, não importa; o guia, em cuja cabeça mascula os aneladas cabellos alvejavam de todo, ao contacto das nevascas de tantos invernos, era homem feito e já conduzia viajante através das montanhas, quando o estrangeiro, um dia, sem se saber de onde vinha, appareceu no pequenino arraial.

Aboletou-se numa pequena hospedaria, não havendo ainda, nesses tempos atrás, hotéis nem casas de conforto em taes longitudes.

O homem, sendo, aliás de agradável aspecto, não fallava senão para o que era de todo necessario, e de ninguem procurava aproximar-se. E, o quê, a todos, maior extranhese causava, era que elle não manifestava a intenção de partir; antes, tão calmo e conformado áquella vida vivia, que, parecia, outra não querer para si.

Era o bom tempo da serra. O sol brilhava no escalavrado das escarpas e toda a gamma do verde cobria vergéis e morros. O estrangeiro não deixava os caminhos e trilhos de cabra. Não houve recanto a que não descesse a altura de onde não fosse contemplar as perspectivas abertas do horizonte.



Mesmo ás noites, deixava, ás vezes, o pouso e se confundia na sombra, onde, a duas horas viva alma não se aventurava a penetrar.

Vieram, entretanto, os primeiros ventos frios, depois as primeiras neves ralas. O pequeno gado da serra foi descido ás rechans, onde uma relativa melhora de temperatura lhe facilitava o trato, impossível na asperesa das montanhas.

Breve, os gelos e as chuvas encharcariam caminhos, condemnariam portas e janellas. Pensou-se que o estrangeiro partisse tambem, como tanta gente da serra que partia. Mas, o estrangeiro ficou.

O assombro dos aldeões não teve limites. Havia ali um mysterio; ninguém o duvidava, mas por o desvendar ardia inutilmente a ingenua curiosidade da rude gente.

Que ali morasse e vivesse os que ali haviam nascido ou para ali haviam sido trazido, pela avalanche da vida, era cousa que ninguém extranhava.

Por muito grande que seja a terra e por mais bellos e melhores que sejam alguns de seus lugares, ha sempre o homem para quem, agrestes e inhospitos recantos sejam o paraíso mesmo, ou porque não conhecesse outro ou porque outro não podesse ter.

Mas, procurar por seus pés essa triste morada, eleger por seu gosto esse sombrio retiro para o já sombrio desfilar dos dias, não era cousa de sã razão, a menos que se não fosse filho de S. Bruno.

E como o estrangeiro quasi não falava e, a sós, no pequeno quarto, tomava as refeições frugas que pedia, chegou-se mesmo a creditar que elle outra cousa não fosse que um frade fugido ou expulso do convento, tão rigoroso se mostrava na observancia da austera regra dos Cartuxos... Mas, o homem não ia á igreja e do Cura não queria tambem saber, como dos demais mortaes. E essa hypothese foi afastada, em taes condições.

De uma vez viu-se gente da policia aproximar-se do seu albergue e procurar por elle.

Um arrepio de curioso sobresalto correu a espinha do pequeno arraial. Mas a gente partiu e tudo tornou ao que era dantes.

Depois soube-se que o haviam tomado por um criminoso audaz de que se andava em busca. Uma rapida conversa com a autoridade, porém, estabeleceu o seu estado civil e desfizera a enganosa hypothese.

E, certo, criminoso não podia ser quem tão despreocupado e calmamente vivia; nem poderia tanto amar a solidão, que desperta a consciencia, quem receio tivesse de se encontrar a sós com ella.

Entretanto, o mysterio perdurava; pois, jamais alguém o visitava, como jamais o estafeta lhe batera á porta para deixar missiva ou recado.

Não era, entretanto, um mau animal essa creatura que tão seivagem e intratavel se apresentava ás demais creaturas.

Com o decorrer do tempo, e, annos se passaram, os nativos do lugar se foram afazendo á sua presença e aos seus hábitos, e mesmo o foram vendo se humanisar um pouco.

Nunca se lhe soube, é certo, cousa alguma da vida, nem quem era, nem de onde viera; mas, aquelles que, por qualquer circumstancia, delle se apro-



xinavam ou delle necessitavam, jamais se aproximaram ou procuraram em vão.

Era compassivo, tolerante e generoso. Jamais dera, em tantos annos, motivo de queixa ou ressentimento.

A só occupação em que se o via entregue era o trato de um pequeno jardim, que plantára nos fundos da pobre, rustica morada, e a leitura de uns poucos livros que, naturalmente, consigo trouxera, pois que ali não os havia recebido.

Fôra disso, era o seu tempo consumido no longo vaguear pelos caminhos e nas quédas contemplações do horizonte.

O velho guia, que taes cousas me contou, fôra o seu unico amigo na montanha.

Talvez, essa expressão *amigo* não caracterise bem o que o guia lhe fôra. Amigo era elle de todos, pois, de ninguem era desafecto ou inimigo; mas, foi o guia a só pessoa admittida, um pouco, na intimidade simples de sua vida. Como, por seu habitual viver, de vagueador impenitente, muitas vezes o encontrára na montanha, o guia foi talvez o seu primeiro conhecido, e delle se serviu para obter algumas cousas de que necessitava.

Depois o guia tornou-se-lhe numa especie de empregado; e, se bem o serviço que lhe incumbia fosse pouco e promptamente feito, elle se deixava ficar em casa, sem que mesmo o patrão delle se dêsse por apercebido, sentado á um canto, ou em lugar em que o pudesse ver.

Afigurava-se-lhe que o estrangeiro, por misantropo que fosse, não desgostava dessa dedicação, muda, quasi animal.

Ao cabo de algum tempo, ás vezes, saham juntos para as serras, e, se bem que o guia não tivesse conversa que puzesse interessar o espirito da original creatura, os dois, ás vezes, conversavam.

E, de tal modo, decorreram annos, sem que essa vida simples e solitaria do estrangeiro apresentasse modificação alguma.

O homem gosava de uma saúde excellente, a que ainda avigorava a vida primitiva que levava. Mas, avançava a idade e começava a decahir.

Certa noite, o estrangeiro chamou pelo guia e, apontando para um movel, disse — «Naquelle gaveta ha ainda algum dinheiro; quando eu morrer toma-o e entrega-o ao Cura para distribuir pelos necessitados do arraial. Quanto a papeis que encontrar, mette-lhes fogo. O maço é teu.»

Depois o guia, a quem aquellas palavras haviam sobressaltado, na previsão de uma desgraça, o viu aproximar-se da meza, em que ardia uma candeia, e queimar tranquillamente papeis, muitos papeis, que ali jaziam espalhados.

Entretanto, a vida continuava ainda como dantes. Alguns dias passados, porem não o vendo, pela manhã, apparecer, como de costume, foi ao seu quarto o guia, e o encontrou deitado, todo vestido, como se assim houvesse adormecido. Chamou por elle; viu que estava morto.

O desaparecimento d'aquella figura habitual no scenario da serra, causou a natural sensação. Toda gente quiz ver o morto e, por esse corpo,



tão mudo e enigmático sem vida, como o fóra vivo, desfilou, constricta e curiosa, toda a ingenua população dos arredores.

O guia fez como o patrão lhe havia recommendado. Entregou ao padre da freguezia o dinheiro que encontrou, e recolheu a pequena herança, onde o que mais avultava eram livros, uma dezena de volumes, lidos e anotados. Como esses livros pouco interessassem ao herdeiro, que os não podia entender, levou-os elles tambem ao padre e este, examinando-os, guardou alguns e mandou queimar os outros. Lembra-se o guia de que o sacerdote, ao terminar o exame desses volumes, observára que era extranho que pudesse a mesma creatura ter tido como companheiros de solidão aquelle conjunto de livros, alguns de puro sentimento christão, outros de espirito verdadeiramente diabolico e rebelde.

\* \* \*

O auto da fé recommendado pelo velho, entretanto, o guia não tivera coragem de fazer, immediatamente.

Um certo respeito pelo estrangeiro, a quem, afinal, o simples montanhez se ligára por uma grande affeição supersticiosa, não permittiu a profanação de lançar ao fogo tanta coisa que encontrou escripta, muita a lapis, alguma de modo quasi inintelligivel. Recolheu tudo numa caixa de folha, atou com um cordel e guardou em baixo da cama.

A alma do amigo que lhe perdoasse o desrespeito á prescripção terminante. Certo dia, porem, apoz varias noites em que sonhára com o homem, appareceu-lhe o remorso por não haver satisfeito, nessa parte, o seu desejo. Tomou da pequenina caixa, foi para baixo dos pinheiros de uma grota mais proxima e ali, tendo feio de tudo uma fogueira, rezou o Padre Nosso em intenção do velho, enquanto crepitavam, reduzindo-se a cinzas, as folhas amarelecidas. E ficou mais calmo.

Algum tempo depois o pobre homem se apercebeu que dentro de um livro do morto, que conservára, porque nelle havia umas figuras, e que, desde muito não folheava, haviam ficado esquecidas algumas paginas escriptas.

O guia não teve coragem de queimar tambem isso. Mas embrulhou tudo, livro e escriptos, num mesmo pacote e o sumiu num fundo gavetão.

De vez em quando, porém, a lembrança daquelle guardado o sobresaltava e elle bem queria se desfazer da reliquia.

Foi para o que eu servi; tendo-me elle visto naquelles dias ultimos, lembrára-se do seu velho patrão. Os meus passeios solitarios, as minhas longas contemplanções de horizontes longinquos ou de aguas que corriam cantando, tudo lhe trouxera á memoria outros passeios e outras contemplanções; e pensou dar-me o pequeno volume.

E nessa tarde, tendo sabido no Hotel que eu ia partir no dia seguinte, encontrára o animo que lhe havia faltado até então; abordára-me, contára-me a historia do solitario estrangeiro, que fugira do mundo, e perguntára-me se eu queria aceitar o volume.

E, assim fallando, tirou do fundo do bolso do casaco, um pequeno pacote feito de jornal.

Eu accitei, pressuroso, a offerta, agradecendo ao narrador singelo a



histeria e o presente; e, como houvesse quasi anotecido e ali meamo não pudesse eu satisfazer a intensa curiosidade, fui logo para o quarto onde desfia o pequeno embrulho.

O volume era uma velha edição já muito lida do livro da *Imitação*, com vinhetas gravadas em madeira, e o escripto, que a custo pude decifrar, pois que a letra era meada e fina, e a tinta clara e quasi apagada, continha a extraordinaria narraçõ que se vae ler.

. . .

«Esta é a visã do meu fim, do fim que eu não quiz ter.

No grande leito, em meio do quarto que illumina mal o vão de uma grande janella, de onde um sombrio velario pende, humana creatura vive seus ultimos momentos.

Sobre os travesseiros onde se percebe a impressã da longa permanencia de uma cabeça pesada, se desenhavam as linhas de um perfil sofredor.

A morte, que quasi já tem a presa, começava a traduzir-se na lividez do rosto, onde os olhos afundam e as pommas faciaes se elevam, na finura das mãos pousadas sobre a coberta branca, descarnadas, quasi uns feixes de ossos que as pelles enrugadas mantinham contra a dispersã. Mas, no brilho do olhar e na curva dos labios descolorados, a vida se accusa ainda e persiste.

E o moribundo fallava. Em torno delle pessoas escutam, concentradas, parentes, amigos; uns debruçados sobre o leito, outros, de pé aos pés da cama, todos na dolorosa expectativa do trespassse proximo, assistindo compurgidos, a reprodução do mysterio da morte.

É no silencio do aposento, morno e sombrio, um fio de voz, brando e regular, como o escoar subtil e limitado da areia na ampulheta, é o só que se escuta.

Todos se admiram daquella quasi postuma loquacidade em creatura que tanto amou a solidão e o silencio. Parecia que elle dizia agora cousas em que havia pensado e repensado, e que á força de terem sido ditas para dentro, sahiam-lhe dos labios sem esforço, machinalmente, sem impressã, como se fosse o proprio pensamento que se estivesse fazendo escutar.

E o fio de voz continuava:

..... quanto a bens de fortuna não tenho outras coisas que dizer; o que deixo não é muito, é mesmo pouco, mas é o bastante para poder fazer com que os meus herdeiros amanhã se malquistem, e, apesar do amor que hoje os uno, façam, uns contra os outros, as maiores crueldades. O interesse adormece a razão e desperta o instinto, e o homem entregue ás inspirações do instinto, é o menos racional dos annuaes. Não seriam conselhos nem disposições testamentarias que evitariam a conflagraçã; e, depois, estou mesmo convencido que é muito fallivel a presunçosa perspicácia dos testadores que acreditam assentar, com suas determinações arithmeticas, a harmonia das familias e a prosperidade das proles. Para impedir a luta que a partilha dos bens herdados pode fazer desencadear, é preciso, não tanto que os herdeiros tenham o sentimento de respeito para com o direito dos outros, como,



principalmente, se convençam do pouco que o dinheiro vale para a felicidade humana. Não posso aqui dizer quanto desejaria sobre a felicidade humana, já estão correndo os minutos da minha última hora e há cousas de maior conveniência a serem ditas por mim. Basta que se accentue, que os bens de fortuna, além de um certo limite indispensável, não influem na ventura, primeiro, porque só raramente a ventura se encontra, segundo, porque ella só depende de nós mesmos, da nossa faculdade interior de nos despreocuparmos da miséria humana. Póde, pois, na pobreza haver a ventura, que é a conformação perfeita com a vida que se tem, que se póde ter.

Eu nunca fui feliz, porque ardia no desejo de uma vida melhor ou diferente, que nunca chegou. O ideal é o inimigo da ventura. E eu poderia ter sido feliz, porque muito trecho de minha vida houve em que eu poderia ter gosado da ventura, se o estado de meu espirito me deixasse aperceber da bondade do presente. Por desgraça, porém, só depois de passados, na re-actualização da vida que é a saudade, é que eu pude verificar que tinham sido bons esses dias e que nada, senão a consciencia de que o eram realmente, me faltou para ter sido feliz. Ora, se eu não pude ser feliz com tudo quanto hoje deixo, não é com uma parte disso que os meus herdeiros vão encontrar a ventura. Não saberia, pois, como dividir o pecúlio e attribuir as suas parcelas. A lei impessoal e o sentimento de meus herdeiros que resolvam. E passo adiante.

Não quero pompas funebres nem ornamentações de luto. Apenas o que fór indispensável para o enterramento: um caixão, um carro. E no caixão, no leito em que poderei afinal dormir o somno sem o sobresalto do amanhecer, estarei bem, asseguro. Na clarividencia destes momentos, em que me estão vindo á flôr dos labios pelo remembo final da consciencia, idéas e sugestões, vejo, e posso ler paginas e concretos de que, de tanto os ter lido, tenho gravados na memoria. Lembro-me de que *Mon Oncle Benjamin* dizia «a morte não é somente o fim da vida, é tambem o remedio della. Em parte alguma se está tão bem como num caixão de defunto... é á só roupa que não nos incommoda».

Para esperar a hora da viagem colloquem meu caixão sobre minha mesa de estudo, em meu gabinete, tendo em torno meus livros e papéis. Debruçado nessa mesa passei a maior parte dos meus dias, no gozo da leitura ou no afan de crear; nesse recinto frui os meus momentos de real e mais vivo prazer. E sobre essa mesa outra vida tambem se passou, cuja figura se apagou de meus olhos nos primeiros annos de minha consciencia, mas de quem a flôr de a ter perdido me acompanhou sempre, bemfazejamente, através da vida, como a saudade de um bem que eu quizeria ter tido.

Não chorem minha morte. Estas lagrimas que me vieram aos olhos não foram ahí trandias pelo desgosto de deixar a vida; lembrei-me dessa figura que mal conheci... foi a saudade que me enterneceu; é na saudade que o homem vive realmente.

Não chorem minha morte; penso que o philosopho tinha razão quando proclamou que é quando nasce que o homem deve ser chorado...

O nascimento é que abre para o homem uma perspectiva de soffrimentos



pela qual elle deve ser lastimado. A morte é o termo dessa peregrinação. Vou descansar. Devem regosijar-se os que me amam. Nem as lagrimas e o desespero, que a perda de um ente amado desperta nos outros, vêm as mãs das vezes, realmente, por intenção do que morre. Bem por certo, os que choram acreditam sinceramente que choram o morto; mas, á parte o irreprimível abalo que o espectáculo da agonia e o mysterio da morte trazem aos mortaes que ficam, abalo que, physica e mechanicamente, se traduz no pranto e na convulsão, o desespero e a dôr que se manifestam em taes casos são, principalmente, explosões, quero crer que inconscientes, de puro sentimento egoista.

Na generosidade, o que nos dóe na morte de alguém é, quasi sempre a falta que o morto nos vai fazer, é a perspectiva do reflexo nefasto que o facto possa ter em nossa vida. Não o choramos por elle senão por nós mesmos... E a prova é que nenhum abalo nos causa a morte, por mais triste e dolorosa que seja, das pessoas estranhas. Se a dôr que nos causa a morte de alguém fosse pura consequencia da magoa e da pena de ver esse alguém deixar de viver, por elle, pelo que elle com isso perdesse, a morte de qualquer pessoa nos devia causar um certo abalo. Entretanto, somos a isso perfeitamente indifferentes; as vezes, uma exclamação de dô, um movimento de piedade, e é tudo.

Compreendo que se chore aquelle que vivia para o beneficio do proximo, pois que essa morte vai marcar a cessação desse beneficio. Mas não chorem a mim que nenhuma falta vou fazer, morrendo. Mesmo porque eu fui peor do que se pensa. O homem nunca é tão bom como parece. Primeiro, a maior parte do bem que elle faz, ou é levado a fazello por circumstancias irresistiveis, o que lhe tira todo o merito, ou o faz por sua propria satisfação, o que lhe não dá merito. E depois, de quanto se faz de máu e censuravel só uma pequena parte se torna conhecida. Ha as faltas, e mesmo os crimes que morrem no fundo das consciencias ou no segredo das complicitades e das discreções generosas; ha as intenções perversas, os pensamentos máus, que morrem na covardia ou na falta de oppotunidade de se traduzirem em acção.

A approximação da morte me deveria fazer encarar os homens com máis piedade ou generosidade; não posso, entretanto, calar o triste juizo que formo delles. Eu os creio capazes das maiores abjecções; na incerteza da impunidade, que cobre nove decimos dos actos criminosos, e graças á elasticidade que o proprio homem vai dando ao campo da moral, em prejuizo da acção repressiva da sociedade, raro é o homem que poderá supportar, sobranceiro, um superficial exame de consciencia. Não sou severo demais; pelo contrario, o conhecimento da fraqueza humana me levou a julgar os homens com uma grande indulgencia. Julgo os outros por mim. Eu que passo por bom, honesto e generoso, eu não me posso lembrar de certos actos de minha vida, de certas coisas em que pensei e que desejei, sem procurar esconder de mim mesmo o rubor de meu rosto.

Eu fui peor do que pareço e, se me não confranjo nem enrubeço agora, pensando no que fiz de máu, tanto por pensamentos como por actos, é por-



que tanto me arrependi do que fiz, tanto me torturoi e soffri disso, que ora tenho a consciencia alliviada.

Não chorem, pois, minha morte, e meu desejo seria que pouco tivessem que se preocupar com meus despojos. Queria que meu corpo fosse desde logo, reduzido á cinzas e essas entregues ao vento. A sepultura responde á um culto que só a saudade alimenta e tudo na vida conspira contra a lembrança dos mortos. Vêde, num cemiterio, quão pequeno é o numero de sepulturas que uma saudosa piedade adorna e entrem. A generalidade dellas se enegrecem ao tempo, á mingua de cuidado, e se gasta sem que ao menos um apressado olhar venha pousar, de tempos a tempos, sobre as inscrições que, dias atrás, uma sincera ternura havia ditado. Quasi que só se salvam as sepulturas dos que deixaram paes, principalmente mães. Um cemiterio demonstra que o maior amor é o dos paes, e ahí ha ainda egoismo, porque o filho é um pedaço de nós: assim mesmo, na parte reservada ás crianças, quanto abandono; é que em relação aos mortos, eternamente ausentes, que não tem meios de se fazerem lembrados, tudo leva ao esquecimento. Não quer isso dizer que eu desejaria que o soffrimento agudo da perda de um ente amado fosse longo e perduravel, quando não eterno. Seria isso dolorosamente insupportavel e é feliz para o homem que o tempo acalme a exaltação do primeiro choque e o esquecimento o restitua á normalidade de seus sentimentos. Simplesmente, isso, que a justa apreciação das coisas me faz reconhecer como explicavel e razoavel, em cada caso particular offende um: como especie de amor proprio postumo. Uma sepultura em abandono é prova material do esquecimento do morto e, se, porventura, no que fellimente não creio, depois da morte innocua desta vida se consente deve ser doloroso aos trespassados o terem, permanente e palpavel, a prova do, como e quão cedo foram esquecidos.

A mim não são taes preocupações que me detem neste assumpto. Eu tambem esqueci os meus mortos; não posso esperar nem querer que me tratem de diverso modo.

E isso é humano. Não querendo a sepultura procura eliminar dos meus um motivo de preocupação. De vez em quando a gente se lembra que ha num canto da cidade uma louca e uns vasos, a que certo dever piedoso nos deveria trazer mais attento e um certo remorso nos confrange. Quizerá, pois, que meu corpo fosse feito cinza.

Mas, não sendo aqui materialmente possivel a realização deste desejo, desde já condescendo com o preconceito e deixo que me sepultem. Não renovo, porem, o meu jarigo, findo o prazo que os regulamentos marcam para a obra da destruição. Não se preocupem com meus ossos. Deixem que sigam o destino anonymo dos detritos da natureza.

O homem não tem o direito de se querer perpetuar na materialização de um tumulo, e de impôr aos posteros o dever de se occupar com elle. A nossa sobrevivencia é no coração, quando não só na memoria dos que ficam. Felizes os que podem fruir dessa gloria, reflexo do que puderam fazer do bom, de util ou de bello.

Sinto-me cada vez mais fraco e percebo que não poderei continuar por



muito tempo. Lamento, porque tenho gozado de um verdadeiro prazer dizendo estas coisas, em que tanto tenho pensado, e que só a singularidade desta ultima hora me poderia ter dado o animo para, tão sinceramente, as dizer. Eu tinha ainda muito que falar. Não posso.

Ao contrario do que, depois de uma vida de renuncia e pobreza o fez Santa Clara, de Assis, *plantula beatissimi patris Francisci*, não me sinto, morrendo, no dever de agradecer a Deus o favor de me haver creado.

A' força ignota que preside a co-existencia dos seres, na successão da vida e da morte, não saberei confessar a minha gratidão por me haver feito nascer e viver, em que, se uma inscripção quizesse em meu tumulo, outra não queria senão aquelle versículo de Job: «Morresse o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma creatura foi concebida.» Se alguma coisa devo agradecer á natureza, que me criou e me manteve vivo até agora, é o privilegio de me não haver feito morrer a razão antes do corpo e me ter permitido a enunciação, quasi postuma, destes conceitos a que o mais completo desinteresse de tudo poudo tornar inteiramente sinceros.

Essa feliz circumstancia me dispensou de haver feito, como Renan, em plena vitalidade do espirito, renuncia anticipada dos actos contradictorios, das blasphemias que a debilidade dos ultimos momentos me pudessem levar a fazer...»

Estas ultimas palavras do moribundo já foram ditas muito pausadamente e com esforço. Apóz um rapido silencio os labios descolorados se agitaram ainda e, quasi como um suspiro, estas palavras foram ainda percebidas:

«Agradeço por isso á natureza creadora e amigavel. Vou repousar; a morte não é mais que um sono de que se não desperta... Quizera ouvir musica. Já não posso mais pensar; e o pensamento foi o maior gozo de minha vida. Feliz de mim que pude morrer, pensando alto, Aldeia o pensamento a minha maior satisfação foi a musica. Ouvindo-a eu me dispensava de pensar: a harmonia me enchia o espirito. Um de vós que, calados, crecaes meu leito, ide tocar piano... Beethoven... Chopen... mas não a Marcha Funebre... Não tocarias por muito tempo...»

Calou-se velho, cujo corpo tinha já as extremidades frias e immoveis.

Os olhos brilhavam ainda de estranha sciitillação, que concentrava todo o rest da vida.

Pela porta do aposento entravam agora, e tudo enchiam, suavemente, como ondas esparsas de um incenso harmonioso, os sons de um piano, de leve e dolorosamente, arrancados...

passou-se um tempo indefinido, que ninguem poudo avaliar qual foi.

Uma explosão de soluços, longamente contidos, e de exclamações dolorosas fez calar a musica...

O mysterio se tinha consumado»

• • •

Aqui terminava o manuscrito, que não traxia nome, nem data. Abaixo da ultima pagina, com letra muito meuda e talvez escripta mais tarde, havia uma nota que rezava assim:



«Convenho em que o meu moribundo fallou de mais; mas esse doente sou eu, que ainda não tenho a razão enfraquecida pela meningite, nem a palavra presa pela dispnéa. Essas coisas que elle disse são as que eu queria dizer no momento do trespassse.

A hypothese, que era improvavel, dada a contingencia da fragilidade organica do homem, tornou-se impossivel desde que, rebelado, eu desertei do mundo.

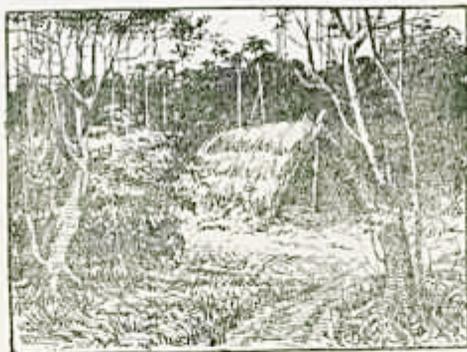
Longe dos que me conheceram e talvez, sinceramente, acreditassem que me queriam, vou morrer, só, ou entre extranhos, a quem nada tenho que dizer ou pedir.

Que me hão de enterrar, acredito, porque isso está nos habitos e na conversencia delles.»

RODRIGO OCTAVIO

(Da Academia Brasileira de Letras)

Montreux. Dezembro, 1912.





## PAIZ DE OURO E ESMERALDA <sup>(1)</sup>

### X II

Angelo ficou rindo dos modos do irmão. Aquella figura, alta e magra, de bonifrate desconforme e desgraçoso escondia uma alma candida de sonhador. Desde menino impressionára-se profundamente com a sorte dos operarios que via em torno de si. Na vidraria do pae, onde trabalhára algum tempo, ao lado dos mais humildes, começára desde logo a mostrar vivo interesse pela melhoria de condições do proletariado. Assistia-lhes ás reuniões e apoiava-lhes as reclamações, embebendo-se cada vez mais do sentimento da injustiça social, que a uns concede o luxo, o superfluo, o sumptuario e a outros recusa o indispensavel á conservação da saúde e até da vida.

Levado por essa solidariedade, puzera-se a ler infatigavelmente o que de mais rubro se ha escripto sobre as reivindicações dos opprimidos. Iniciara-o em taes estudos um individuo singular com quem havia travado conhecimento em uma reunião de paredistas a que assistira, certa vez, na rua da Sé. Operarios da vidraria que lá se achavam, vieram apresentar-lhe, com vizivel desvanecimento de contarem entre os seus um homem formado, o doutor Remigio de Vasconcellos, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, um dos redactores d'«O Mundo Redimido», gazeta de propaganda anarchista que se publicava esporadicamente na propria cidade, e traductor de varias obras revolucionarias.

(1) Vide numeros de Dezembro a Maio.

Desmedrado de corpo, de tez baça e doentia, o estranho «companheiro» parecia recém-sahido do hospital, tal era a impressão de depauperamento physico que dava toda a sua pessoa. Vestia um casaco já ruço e franjado de velhice. Não usava punhos engommados, de sorte que á bocca das mangas via-se-lhe o debrum sujo da camisa de algodão.

Desde então Leonardo entrára a frequentar o casebre escuzo, á rua do Gazometro, donde se derramavam, de mixtura com os numeros incandescentes d'«O Mundo Redimido», os folhetos vermelhos de Malatesta, os vehementes evangelhos de Reclus, de Kropotkine ou de Bacou-nine, cuidadosamente traduzidos, em orthographia ultra-phonetica, para uso dos «companheiros» que padeciam e lutavam em terras de Santa Cruz.

Remigio era a alma desse movimento. Consagrava-lhe o melhor de sua energia. Apesar de formado em direito, para ser coerente com suas idéas, repudiára a carreira, sujeitando-se a viver, á semelhança de qualquer proletario, dos magros proventos de um logar de revisor em uma folha diaria. Todo o tempo que lhe sobejava das noites passadas em corrigir provas sob a direcção de bravo secretario de redacção, era empregado em diffundir a boa nova, em annunciar o advento da proxima revolução...

Uma das primeiras obras que dera a Leonardo, para o enfronhar nos dogmas da religião nascente foi a «Evolução, Revolução e Ideal Anarchista» de Eliseu Reclus. O italiano ao chegar á ultima pagina, tinha os olhos em fogo e sentia crescer-lhe no peito uma onda de sahir para as ruas a tomar parte no grande levante infernal que ia destruir o capitalismo, com toda a machina das hypocrisias seculares interesseiramente mantidas pelos oppressores... Sua imaginação exaltada fazia-lhe vêr a derrocada geral das mentiras sociaes e assistir á rehabilitação dos humildes e explorados de toda a casta. Representava-se á frente de immensa e impetuosa multidão a clamar por vingança e justiça. Pallidos, famintos, andrajozos uivavam-lhe em torno os miseraveis, os espoliados, os desprovidos de logar na vida. Acompanham-n'os mulheres e creanças escaveiradas e esqueléticas. Soluçavam e bradavam inutilmente, por chuvas e sóes, em todas as ruas do mundo, emquanto passavam ao longe, em carros de ouro, os ociosos ricos, refestelados em velludos, a sorrirem escarriinhos da turba-multa, condemnada a rôlar pela poeira e pelas pedras dos caminhos. E Leonardo, espumando de indignação, reunia-os a todos e qual juiz vingador com-



mandava-os em furiosas e irresistíveis arremetidas contra os governos, os codigos, os templos, contra todas as mentiras que serviram de prender e subjugar aquella temerosa força indomita e brutal dos que se matam ao relento, por um pouco de pão e de justiça. Commandava-os em voz de trovão ante a qual desabavam as instituições como fragillimas torres de Jericó ou barreiras de papel varridas de um vendaval. E era tão vivo o quadro que imaginava, tão violenta a visão em que mergulhava, a cada pagina do incendiario pamphleto, que chegava ás vezes a levantar-se de um impeto da cadeira e a dar largas passadas pelo aposento, atirando para os lados gestos extravagantes, como que a lutar com mil cohortes invisíveis.

— Que foi o que te aconteceu? perguntou um dia Angelo, que entrava, espantado de dar com o irmão assim agitado a caretear e bracejar para as paredes.

Leonardo parou subito, envergonhado, cahindo só então no que estava fazendo.

— Nada, meu caro... Estava lendo...

— Ao que vejo, usas ler com todo o corpo... agradeceu o outro. Estou curioso de saber que obra-prima é essa que assim bole com os nervos... Deixa-me ver...

Tomou a brochura e leu com assombro o titulo.

— Ideal Anarchista!

E poz-se a olhal-o em silencio, de modo indefinivel, pois até esse dia ignorava o que o irmão tanto lia ultimamente. Apesar de Leonardo ser o mais velho, Angelo exercia sobre elle uma certa autoridade, pela apparencia de calma e sensatez que lhe dava o seu genio melancolico e silencioso.

— Olha Leonardo... Não vás julgar que neste mundo a acção póde ser irmã do sonho, para me servir de uma phrase de Beaudelaire...

— *Cosa vuoi dire?* inquiriu o gigante, que, embora fallasse com facilidade a lingua do paiz, do contacto diario com os patricios tirava o habito de semear o discurso de expressões italianas.

— Quer saber o que sinceramente penso de tudo isto? Acho que todos os teus autores se occupam mais em nos pintar as miserias e injustiças da actual organização social do que em ensinar-nos os meios de as supprimir... Querem demolir, sem saberem ao certo o que se ha de construir em logar dessas instituições que, a juizo delles, são a causa de todas as infelicidades dos homens... Pois eu me parece que haviam de começar por, antes de tudo,

reformat a natureza humana ... Só uma outra casta de seres, quasi sem paixões, inteiramente diversos de nós, uma especie de homens-abelhas ou homens-formigas poderia, a meu vêr, realizar alguma cousa disso com que sonham os organizadores da sociedade futura.

Leonardo não concordou. Era o velho argumento, a uso dos opressores, de que a sociedade não pôde existir sem o que lhes permite viver do trabalho dos outros. Sempre o antigo methodo. Apresentam como pedra angular da sociedade uma determinada instituição, espalhando a crença de que sem ella o mundo virá abaixo, desfeito em pó e em miseria. Até que um dia, com grande assombro dos ingenuos, o fundamento indispensavel, o unico apoio da vida organizada, o esteio de toda a collectividade, por uma causa ou por outra, salta aos ares, vae-se aos pedaços, subverte-se e desaparece — sem que se experimente a menor falta ... Muí ao contrario, admiram-se então de que ha mais tempo não se tenha removido para longe aquelle corpo estranho, que só servia para perturbar a harmonia da vida social.

### XIII

Angelo, á medida que ia acabando de vestir-se, rememorava de si para comsigo as varias discussões que tivera com o irmão a proposito da questão social, e sorria pensando na quantidade enorme de energia que diariamente despendia. Leonardo com a sua mania de querer reformat o mundo. Todas essas reflexões aggrupavam-se, porém, instinctivamente, em torno da imagem encantadora da amada. Parecia-lhe que Maria Luiza alli estava dentro de sua alma a illuminar um por um todos os seus pensamentos. A ella referia as mais disparatadas e loucas imaginações. As como que escuras vertigens que lhe lançára na vespera a fascinação daquelles olhos, lá estavam ardendo no mais profundo de seu ser. Eram dois incendios mysteriosos entre os quaes se agitava e tremia a sua vida, a sua esperança, todo o seu anseio para a alegria e a felicidade. Occorreram-lhe então as palavras de Novalis, que ouvira uma vez ao doutor Strauss: «Se toda a humanidade se reduzisse a um casal de amantes, desapareceria a differença entre o mysticismo e o não mysticismo.» E ampliou-as, em seu devanear, cuidando que, se tal cousa se desse, deixariam de existir todos os antagonismos e luctas, para só reinar no mundo a harmonia,



a paz, a felicidade, a maior felicidade da vida — a de amar e ser amado.

Cheio desse grande alvoroço e como que mergulhado ianda no maravilhoso olhar de Maria Luiza, desceu, meio abstracto e sonhando, á sala de refeições, onde *frau* Mathilde lhe servia, todo dia, pela manhã, uma chicara de café.

— Bom dia, senhor Angelo, disse ella ao vel-o entrar. Como passou a noite?

— Bem. Obrigado, Dona Mathilde. O nosso doutor ainda não se levantou?

— Ainda não. Deitou-se hontem muito tarde. Aceita pão com manteiga?

— Agradecido, dona Mathilde. Prefiro café simples.

*Frau* Mathilde, em sua immensa gordura, parecia espriaiar-se toda num grande sorriso bondoso e sereno. Trouxe o bule fumegante e pôl-o com a chavena á cabeceira da mesa.

— O senhor sirva-se á vontade...

Angelo sentia-se disposto a aproveitar a occasião para contar á boa matrona os seus projectos de casamento. Notou, porém, que ella fallava baixo e andava o mais leve e macio que podia, não fosse o mais pequenino ruido interromper o somno matinal do esposo. Calou-se por isso. Emborcou ás pressas a chicara, escaldando um pouco a garganta, de fervendo que estava o café, e sahiu, pisando manso e manso para não assustar a incomparavel dona de casa.

Foi até o parque, a andar por entre as arvores, pois sentia necessidade de movimento. Ao chegar á porta viu que era mais cedo do que suppunha. O sol começava apenas a filtrar os seus raios a meia altura do bambual dos fundos. Passarinhos, pelas pontas das ramadas, gazeavam estridulos, explicando as azitas, como que occupados ainda em banir de si o entorpecimento da noite. Consultando o relógio, verificou com espanto que eram apenas sete e meia. «Deuses bemditos! pensou. Como Leonardo é madrugador. Á estas horas já anda pela cidade! Que estará fazendo? Negocios... Pouco se preocupa elle com isso. Comícios, reuniões, o diabo... Isto será occasião para taes cousas?!» E tornou e rever os olhos brilhantes de Maria Luiza a fitarem-n'ó de todos os lados, enquanto andava, a esmo, entre o arvoredo, fumando um cigarro e deliciando-se em envolver-se distrahidamente em baforadas capitosas, que ia espalhando em torno, á maneira de nevoa tremula de oiro, na luz cariciosa da manhã. Experimentava dulcissima sensação de benevolencia universal. Dilatava-se-lhe o peito como para abranger todos os seres na mesma benção de amor. Perdia

até o sentimento, que tanto o atormentára, de que andava exilado nas terras de aquém-mar, para onde se havia baldadamente tentado transplantar. Parecia-lhe então que principiava a deitar raízes nestas phantásticas paragens. Lembra-se de *frau* Mathilde, do doutor Strauss, de innumerous estrangeiros de varias nacionalidades e dizia-se a si mesmo que todos mostravam estar tão bem, tão á vontade, tão felizes como se aqui foram nascidos e creados. E o Brasil appareceu-lhe como uma especie de paiz ideal, de patria universal, de prazo-dado para todos os que quizessem dar de mão ás ficticias barreiras que separam os homens, a fim de virem confraternizar uns com os outros, esquecidos para sempre de taes preconceitos, sob os rutilos céos destes climas, entre as torrentes de oiro liquido que a luz escorre pelo verde dos arvoredos. Paiz encantado, paiz de ouro e esmeralda, o em que vivia a amada e onde se haviam de criar os seus filhos e os filhos de seus filhos... E Angelo sorria de inaudita felicidade, passeando de um lado para outro, um pouco ás tontas, como quem pela primeira vez se sentia realmente deslumbrado das bellezas do sol e da folhagem, em suas caprichosas combinações. Afigurava-se-lhe ser um sonho magico tudo o que o rodeava. Até o tinido longinquo das campanas dos bondes chegava-lhe aos ouvidos como o vibrar sonoro de minusculos sino aereos, perdidos no espaço. O céu e a terra offerciam-se-lhe como seus, como pedaços de sua alma e de sua vida... Acudiram-lhe então á memoria as palavras exaltadas do singular redactor da «Vida Nova»: «Sou um entusiasta da grandeza deste paiz... Parece-me que já estou vendo o seu porvir maravilhoso...» E elle tambem sentia esse entusiasmo sagrado. Maria Luiza confundia-se, em seu espirito, como a natureza, com a luz, com a vida toda do torrão onde se achava. Apparecia-lhe então como indissoluevamente ligada a este pedaço encantado do mundo. Era como que uma criação luminosa destes céos, um fructo deste solo, ou uma flor rara e fragrantissima deste vasto jardins de titans.

(Continúa)

J. A. NOGUEIRA.



*Nos canaes Alagoanos*



Pescadores dos canaes alagoanos, "levantando a rêde de arrasto



O engenho d'agua da Galhota, Lagoa do Sul, Alagoas



O taboleiro do Pinto, entre os Canaes de Alagoas



Um aspecto característico das povoações alagoanas : o engenho, a «casa grande» e a Igreja do Camarão, lagoa do Sul



## NOS CANAES ALAGOANOS

*Do littoral brasileiro — tão vário nos seus aspectos e tão rico nas suas belezas — nenhum trecho apresenta mais curiosa physiographia do que as costas de Alagoas, aqui pintadas em rapidas impressões pelo sr. Octavio Brandão, um apaixonado estudioso daquellas regiões.*

### AS LAGOAS E OS CANAES

Se cada uma das lagôas é aqui como um coração a se contrahir na systole da vazante e a se dilatar na diastole da enchente, e se os rios fazem o papel de veias, isto é, de vasos que levam o sangue ao coração, os canaes são como arterias a conduzir e a dispersar a agua para o corpo do oceano. Formam um vestibulo propyleico antes da forma erchtheiônica das lagôas, e a nossa alma, á visão de sua immensidade, dilata-se, estende-se, amplia-se, como as ondas produzidas pelo cair subitaneo de um aerólitho na agua immovel e morta de um açude. Apertam-se entre uma longa faixa de collinas e uma estreita tira de terra arenosa, ou um labyrintho de ilhas e mais ilhas, confuso e informe como a materia primordial de que se gerou o globo.

De modo que, muitas vezes, num tracto de terra relativamente pequeno, temos estas diversas funcções geographicas, o mar, a tira estreita a servir de praia, um canal, uma ilha, outro canal, um baixio, uma quebrada e uma chã. Curiosa physiographia!

Em consequencia disso, temos uma vegetação a variar prodigiosamente.

Primeiro, as florideas e todas as outras thalassobias. Depois, as convolvulaceas littoraneas, os fructos seccos das gangóias, especie de *solanum agrarium*, as folhas da salsa da praia, *ipomæa maritima*, axillando-se em flores de um rubro-roxo, e o vermelho escuro dos gajiru's, destacando-se na brancura marmoreada e inifinita das dunas. Em seguida a floresta aquatica do capim salgado e a belleza irreal das *oscillarias*, nos canaes; nas ilhas, o capinzal bravio ou o coqueiral tremente, ou o mangueiral soluçante ou o mangal, denso como uma cabelleira. Depois, a mesma vegetação do primeiro canal e logo após, os baixios cheios de aningaes, *arum liniferum*, e as quebradas nu'as com estratos calcareos intercalando-se entre a argilla amarella e finalmente as chãs encapoeiradas — *garranchentas*.

Curiosa physiographia, em verdade, esta que se desata da ponta da Corôa da Hollanda na Lagôa Mandahu' á bocca do Riacho Novo na Lagôa Manguaba! Mas nem sempre os canaes se encolhem; às vezes se dilatam consideravelmente, quasi constituindo novas lagôas; tal é o caso do Canal Grande, e o do Afoga-Frade, para as bandas da Lagôa do Sul. Vendo-os, em linhas mais ou menos sinuosas, o homem chega á conclusão de que a Natureza tem a monomania das curvas, manifestada na ancia eterna de retocar, de burilar, de arredondar o que não nasceu perfeito.

Nos canaes, cujo fundo illuminado é como um palacio, a mansidão das cousas é infinita. E como a vida allí é clara e luminosa, claros e simples só poderiam ser os nomes dos lugares — Barra Nova, Bica da Pedra, Volta d'Agua.

Nos canaes alagoanos, a belleza das paizagens é tão grande, o clima em certas horas é tão delicioso, a viração tão macia, a languidez das cousas tão grande, o céu tão lindo, a agua tão clara, que nos dão uma lassidão constante.

As mangueiras, *mangifera indica* das terebinthaceas, com as mangas pendentes parecem arvores do Natal, e augmentam ainda essa semelhança os enxertos parasitas, *loranthus brasiliensis*, que sobre ellas se desenrolam e caem.

As canôas. com os seus altos mastros evocam os barcos que fluctuam nos canaes hollandezes, e ao rebrilhar do sol, milhões de pingos de luz fervilham dentro da agua como gottas prateadas, como estrellas caindo no liquido elemento; tem-se a idéa de uma verdadeira festa veneziana.

Nas noites sem estrellas, o remo batendo na agua dos canaes deixa um rastilho de luz, devido á *ardentia*, que é uma pequena alforreca phosphorescente. Então o naturalista visionario julga que as estrellas desceram de suas alturas



magníficas, e vieram, comô sereias idéaes, morar na agua divina, em contacto com as *nixes* risonhas, as luminosas ondinas e as *uiáras* maviosas...

### O PANORAMA

Na região dos canaes e das lagôas alagoanas não ha eminencias consideraveis do sólo: ha uma longa serie de collinas curveteantes, com pequenas differenças de nivel, de modo que em consequencia não ha tambem uma vista geral. Mas distingue-se por isso um longo cordão de vistas parciaes. Dentre estas, avultam as de cima de Coqueiro Secco, da ponta do Cadoz, da chã do Assobio, do alto do Outeiro e de cima do Compra Fiado na Lagôa do Sul.

De cima de Coqueiro Secco, circundando a Lagôa do Norte, o olhar cinge as capoeiras aridas e os baixios humidos, até Santa Luzia do Norte; dahi se desata o vâlle do Mandahu' no primeiro plano, e no segundo, as serranias longinquas com seus visos azues, perfilando-se no espaço e com as nuvens a cavalgal-os; depois, segue pelas Pedreiras, onde o giz é tão multicôr como uma ágata artificial; enche-se de alegria ao vêr a curva de punhal arabe das Goiabeiras; paira sobre os cerros do Flechal, um dos quaes, como o Thabor da Transfiguração, se assemelha a um seiô de mulher; passa por cima da casaria miseravel de Maceió e vae morrer — porque o horizonte ahi se arqueia — para os lados do oceano.

Da ponta do Cadoz, o olhar desfecha-se de subito sobre os canaes, que aos torcicollos, ás contorsões, aos bamboleios, espumando, morrem além.

E o azul chalcedonico do oceano, o verde do limpido Canal Grande, o alvor kaolinico dos comoros do Pontal da Barra e o metallico cinzento da lagôa, vistos de cima do Cadoz, parecem um desbragamento de matizes, orgia de côres imaginada por algum decorador do Islam...

Da chã do Assobio, a visão desdobra-se sobre a capella de Rua Nova, de portaes em ogiva e o todo medieval que lhe dá uma graça incomparavel; sobre o coqueiral da Masagueira e o mangueiral de Santa Rita, o capinzal da Lauriana e a alvura areienta e a verdura violenta da Barra Nova.

Do alto do Outeiro, contornando a Lagôa do Sul, o olhar se desprende sobre os mundos de Campo Grande, sobre o *carrasco* doloroso e ermo que se desdobra até ao Francez, sobre o valle do Sumau'ma e as ilhas mortas,

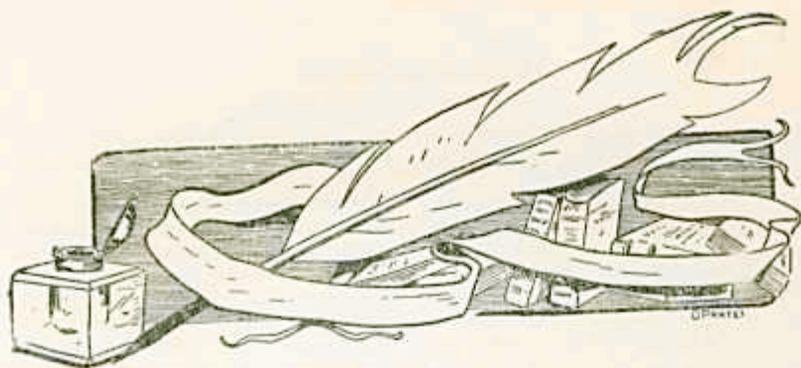
cheias de mangaes, e emfim sobre a Matriz de Alagoas, de paredes caiadas. Cae sobre o verde epídoto dos montes, as jaqueiras acolhedoras, os baixios paludicos, os catolezaes trementes e as enseadas lagunarias, muito curvas. Estira-se pelo valle do Parahyba até embater na antemural granitica da serra Dois Irmãos, cujos cabeços colossaes parecem *menhirs* titanicos, fincados no sólo como extranhos monumentos megalithicos. E volta pelas terras do Pilar, dos Gurjahu's e do Lamarão até á ponta do Camurupin, como um mergulhão a banhar a cabeça na agua fria da Lagôa do Sul.

De cima do Compra Fiado ou Itapuam, o scenario estende-se pelas tres igrejas pilarenses — a do Rosario, a de S. Benedicto, branca e azul, e a Matriz com os seus capiteis de um toscano duvidoso, a torre castellã bem lá no alto e um zimbório byzantino, de lado; pela bacia lavrada e prateada da lagôa; pelas seraphicas e celeres canôas de de vélas á ventania; pela curva linda e languida do Lamarão; pelos mundos dos Paturaes povoados de piávovós; pelas terras do Gongassary; pelos alagadiços longinquos do Riacho Novo e do Sumau'ma; pelos jaqueiraes de Tiquanduba, os catolezaes do Gurganema e os juncaes do Oitizeiro, onde numerosas aves aquaticas habitam e ahi dão signal de si piando lamentosamente...

OCTAVIO BRANDÃO.

(Da obra inédita «Canaes e Alagoas»).





## BIBLIOGRAPHIA

O SEGREDO DE MARATHONA —  
*Fernando de Azevedo* — Estudo de  
Athletica e Eugenia — Pocaí &  
Cia. — S. Paulo — 1919.

O Segredo de Marathona é o eterno segredo da victoria. Mas a victoria pacientemente organizada pela disciplina do corpo e das qualidades moraes que tornam proveitosas as forças resistentes assim accumuladas nos musculos.

A athletica faz o luctador; a eugenia faz o bello.

Uma só dessas artes, desauxiliada da outra, dará como productos ou a força desharmonica, monstruosa, ou a belleza fragil, inutil. Juntas, conseguem attingir ao ideal supremo, a força maxima na belleza maxima. E' esta a these que Fernando de Azevedo superiormente desenvolve neste opusculo de 40 paginas, num estylo terso, enxuto, athletico e eugenico a um tempo. Aborda, sempre com a mesma elevação, as varias faces do assumpto, o paralellismo necessario entre a cultura mental e a perfeição physica, a função da gymnastica como correctivo á multiplicação do vehiculo moderno, o valor hygienico da athletica, o seu valor eugenico ou plastico, o seu valor physico e moral, o seu valor social como força collectiva a unica efficazmente defensiva com que pode contar uma nação em perigo.

Depois, analysa o problema sob o nosso ponto de vista nacional. Argumenta contra o pessimismo que nos julga incapazes até de bons biceps, estuda por alto o que já existe, fructo do exercicio manual imposto pelas necessidades da vida e estabelece o programma que tudo impõe ao paiz, caso o paiz queira subsistir como força viva da humanidade e não como membro anquilosado, galho resecco a espéra d'um tranco para desfazer-se em pó. Os livros não valem pelo tamanho. Este pequeno folheto o demonstra. Ha nelle ensinamentos preciosos e uma riqueza de idéas rara em livros nossos onde o habito é sacrificar-as no cípoal da palavrosidade. E ha, sobretudo, uma comprehensão tão elevada do nosso problema muscular e eugenico que desejaríamos ver esse opusculo lido, relido, meditado e seguido por quantas associações existem prepostas ao cultivo dos desportos. O *Segredo da Marathona* não se limita a ser um programma: é um magnifico programma.

A DANÇA — *Martins Fontes* — Typ.  
Inst. «D. Escholastica Rosa» — Santos — 1919.

E' difficil classificar o genero deste trabalho de Martins Fontes, o aclamado poeta do «Verão». Mixto de mu-

sica e idéas, tentativa de symphonia por meio de onomatopéas, sua arte diverte a critica em dois campos, um que a exalta com delirio, outro que a condemna. Para o ultimo a palavra tem como função exclusiva suggerir idéas e as tentativas para fazer dos vocabulos notas musicas exorbitam dos dominios literarios. Para o primeiro cabe dentro da literatura essa musicalidade vocabular, esta ideação sonora, esta arte nova e rara de que são capazes alguns raros eleitos, egresos inconscientes dos arraizes de Euterpe.

D'ahi os dois juízos que correm relativos á *Dança*: pura maravilha; intelligivel malabarismo phonico.

A nós parece-nos inadmissivel o extremado desse partidario. O poeta soube conciliar as duas correntes.

Suas palavras a um tempo exprimem idéas e fazem musica. E' absurdo condemnar o artista pelo facto de ser elle *mais* que os outros, de possuir no lado de dons poeticos dons de musicista. Como poeta, ninguem o discute; como musicador de palavras não conhecemos outro capaz de arrancar da lingua mais bellos effectos.

Conhece-a a fundo e cultiva-lhe o vocabulario pinturesco com o amor de um colleccionador de orchideas. Na lingua, como no mundo mineral, ha a palavra vulgar de uso diario — pedregulho grosseiro, e a palavra rara, de uso artistico ou erudito — pedras preciosas. M. Fontes collecciona as pedras preciosas da lingua, e, orives paciente, engasta-as no estylo fazendo de cada periodo uma joia de feitio raro e irrisadas fulgurações. Mas não se limita a isso. Enfibra os periodos ourivescamente lavrados com um sentido logico, uma idéa reveladora de alta cultura.

Sua *Dança*, pois, entra para a litteratura, onde occupará lugar a parte, na secção das joias ou das raridades artisticas.

PAINÉIS BARBAROS — *Manuel Mendes* — Off. «O Estado» — São Paulo — 1919.

Tem uma estranha attracção pelo doentio este novo contista, estreado

com um livreto de 50 paginas. Tactante ainda, incerto no manejo da lingua, incorrecto, e sem a cultura necessaria para facilitar a perfeita eclosão da sua esthesia inata, M. Mendes revela-se, todavia, rico de predicados naturaes. Possui o essencial, o que só a natureza dá; o resto adquirirá com o tempo e o estudo. Se souber conduzi-lo com acerto, não reelamos em lhe augurar uma posição de destaque entre os nossos contistas. Seus contos, apesar de todas as falhas, prendem o leitor, despertam-lhe a curiosidade, e arrastam-no, empolgado, até ao desfecho imprevisto. Essa qualidade de empolgar o leitor é a qualidade preciosa por excellencia. Quem a possui, trazida do berço, póde penetrar desassombadamente nos dominios literarios, certo de conquistar o publico mais cedo ou mais tarde. O erro de M. Mendes é o erro de quasi todos os novos: precipitação, ancia de vir a publico antes de completa a crystalisação de uma individualidade esthetica que apenas se inicia. Esta *solfreguidão*, na maioria dos casos, traz consigo decepções, consequentes da frieza da critica e indifferença do publico. Os artistas, como as fructas, só devem dar-se ao publico, depois de completa a maturação. Por optima que seja a qualidade de uma laranja, é erro pol-a á mesa antes de madura. M. Mendes affigura-se-nos neste caso. Possui fortes e bellos predicados; falta-lhe, porém, a maturação. Quando a attingir, será um victorioso.

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO MAL DE ENGASGO — *Enjotas Vampê* — Duprat — S. Paulo — 1919.

O Serviço Sanitario do E. de S. Paulo, depois que recebeu com a direcção Arthur Neiva a sabia orientação do seu espirito rigorosamente scientifico, iniciou a publicação duma série de monographias onde são salvos da sepultura dos archivos os trabalhos merecedores de virem a publico. Sobre já a cinco o numero dellas, e representam uma contribuição de vulto no acervo da nossa minguada litteratura



científica, não da falsa literatura de adaptação, tradução e pilhagem de obras estrangeiras, mas da única valiosa, porque resultante de observações pessoais feitas em nosso meio. Abriu a série a *Campanha contra a ancylostomose*, dos Drs. O. Gonzaga e Carvalho Lima, que compendiarão com alto discernimento os estudos feitos e os resultados obtidos na luta em tão boa hora iniciada em S. Paulo contra o terrível parasito da opilação.

A seguir veio um trabalho dos pharmaceuticos Araujo Lima e Baptista da Rocha, commissionedos para investigar o typo medio do leite consumido na capital paulista. Dando cabal desempenho á incumbencia elles illustres chimicos patricios expuzeram a questão com muita clareza, e estabeleceram, por fim, a composição media do nosso leite, base unica sobre que é possível exercer-se uma fiscalização honesta.

A monographia n.º 3 trata da *Epidemia de poliomyelite infantil em Villa Americana*; o seu autor, Dr. Sales Gomes Junior, infatigavel trabalhador amigo de esconder a valia profissional sob uma capa de excessiva modestia, nella expõe o que observou e concluiu relativamente á molestia infantil surgida em Villa Americana.

Na quarta, *Os inimigos dos nossos livros*, o Dr. Diogo de Faria, nome de sobejo conhecido em nosso meio scientifico, ebiologisa os dois coleopteros á conta de cuja voracidade vemos em S. Paulo os maiores estragos de livros, o *Catorama herbarium* (Costa Lima) e o *Dorcotoma bibliophagum brasiliensis* (S. de Magalhães). Em seguida ensina-nos os meios mais efficazes de dar-lhes combate.

A quinta monographia recém apparecida é a que dá epigrapha a esta nota. Trata do mal de engasgo e sae da penna do Dr. Enjolras Vampré. O mal de engasgo, ou entalção, apesar de antigo, só agora merece a repetida attenção dos medicos, depois do apparecimento do hoje celebre relatório de viagem de A. Neiva e B. Penna, livro precioso que marcará epocha no país, pelo grande numero de consequencias que determinou. Toño o movimento pró-saneamento de agora sae

desse desprentencioso relatório cujo grande merito foi dizer a verdade inteira. E sae delle tambem o trabalho do Dr. Vampré. O Auctor reedita os estudos anteriores de Langaard, Pereira Barreto, B. Rodrigues etc. e enumera em seguida o que colligiu a respeito em materia de observações, ou suas ou de collegas. Conclue estabelecendo os pontos liquidos do problema, que, entretanto, continua na mesa da discussão a espera do mate definitivo.

—

O COMMERCIO MARITIMO NO DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO — *Sergio Loreto Filho* — Imp. Industrial — Recife — 1919.

O autor, que é livre-docente da Faculdade de Direito de Recife, onde lecciona as cadeiras de Direito Publico e Constitucional, Direito Publico Internacional e Direito Internacional Privado, revelá-se um estudioso apaixonado desta ultima, que é considerada como o ramo mais novo da Sciencia do Direito.

Tendo, já em 1917, publicado uma apreciada sobre os Principios adoptados no Brasil sobre o assumpto, apresenta-nos agora o presente livro em que estuda o commercio maritimo encarado daquelle ponto de vista.

E' um grosso volume, de quasi 500 paginas, a que o A. imprimiu, propostadamente, a feição didactica, por achar que na literatura nacional ha carencia de livros desse genero.

Dividiu a obra em duas partes: *Navegação Internacional* e *Os navios estrangeiros no Brasil*. A primeira está subdividida em 6 titulos, assim classificados: *Dos Navios, Da Propriedade dos Navios, Do Pessoal de Bordo, Do Fretamento, Accidentes Nauticos, Do Seguro Maritimo* e *Dos Creditos Maritimos*, que elle estuda com proficiencia, sendo de notar o valioso concurso que traz aos estudantes e estudiosos sobre a legislação a respeito, em vigor nos palcos estrangeiros.

Diz o A. no prefacio, que tendo sentido a falta do livro não irá de certo preencher a lacuna; mas acredita que ninguem lhe contestará de boa



fé o direito de levar ao conhecimento dos mestres e dos interessados o resultado dos seus esforços.»

Creemos que o resultado dos seus esforços foi plenamente coroadado de êxito, porque o livro exgota o assumpto e se recomenda aos cultores de tão árdua sciencia, já pela competencia que manifesta, já pela clareza da exposição, já pelo estylo simples e desataviado.

GUIA BOTANICO DA PRAÇA DA REPUBLICA E DO JARDIM DA LUZ — A. Usteri — Ed. Cia. de P. e A. Graphics — S. Paulo — 1919.

O dr. A. Usteri, antigo lente de botanica da Escola Polytechnica de S. Paulo organisou o catalogo completo das plantas existentes em dois dos mais importantes jardins de S. Paulo, realisando assim uma obra de subido valor scientifico e educativo. O seu Guia Botanico, contendo em linguagem simples e accessivel mesmo aos mais desaffeitos á technologia scientifica uma methodica classificação dos vegetaes catalogados, constitui um instrumento de grande efficacia para o estudo directo das nossas plantas. É uma obra a que podem e devem recorrer os professores de cursos primarios e secundarios, para cujas aulas de Botanica o trabalho do dr. Usteri transformou dois extensos jardins em optimos campos de observação. Acompanhado de plantas dos jardins catalogados, o «Guia» facilita grandemente a identificação de cada um dos exemplares vegetaes, dando ordenadamente todos os seus caracteristicos principaes.

O TRABALHO MODERNO — Roberto Simonsen — Typ. d'«O Estado de S. Paulo» — S. Paulo — 1919.

Tirando-a á ephemeridade em que estava, inserta em folhas volantes da imprensa diaria, o sr. Roberto C. Simonsen deu publicidade em folheto á bem elaborada conferencia que teve oportunidade de pronunciar em Santos, sobre interessantissimos assumptos

de sua especialidade, versando com proficiencia e elegancia os seguintes aspectos sociaes modernos: o trabalho organizado, a organização da produção, a administração scientifica.

Nesse esplendido trabalho teve o notavel economista, mais uma vez o enjejo de patentear a sua solida erudição em assumptos economicos e sociaes, revelando ao mesmo tempo possuir estylo proprio, claro e conciso, como convem aos escriptos dessa natureza, e que tornam o seu folheto de agradável leitura mesmo para os leigos e curiosos.

CARTAS PERDIDAS — *Nunc Licet* — 2.<sup>a</sup> Edição. — Ed. de Azevedo & Costa — Rio de Janeiro — 1919.

Inspirado nas doutrinas de Swedenborg e com o intuito de propagal-as entre os brasileiros, o A. imaginou uma série de interessantes epistolas, em as quaes faz explanação das theorias do seu philosopho predilecto, apresentando-as sob essa forma, accessivelmente, aos espiritos menos habituados ás especulações de tal natureza, e formando uma brochurinha cuja leitura, se não convincente, é todavia extremamente agradável.

DOM PEDRO — Coelho de Carvalho — Ed. «Renascença Portuguesa» — Porto — 1918.

Ignes de Castro e D. Pedro, cujos amores tanto falam á alma portugueza, são typos queridos da literatura luzitana. Muito della se tem escripto e muito ainda certo se escreverá. Prosa e verso, chronica e historia, tudo tem dado de si.

Ainda este livro do Sr. Coelho de Carvalho se prende ao episodio. O drama porém, é como que pretexto para um longo e exhaustivo estudo da sociedade iberica no seculo XLV. Nada lhe escapou á observação. Reflecte fielmente aquella epoca de romantismo sentido e realismo intensamente vividos. Digno de figurar entre os livros de um estudioso de historia é de leitura interessante a facil, pois nelle se romaneam os amores não só do

príncipe portuguez como o de soberanos e fidalgos da península.

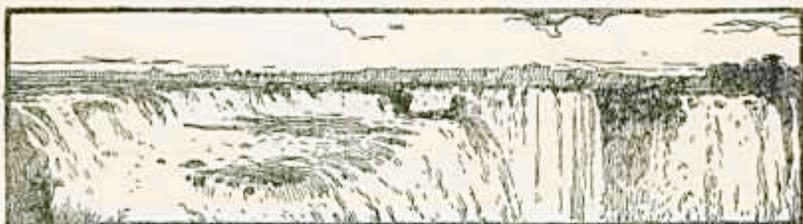
MEMORIAS DA GRANDE GUERRA — *Jaime Cortezão* — «Renasçença Portuguesa» — Porto: 1919.

Portugal entrou na guerra sem saber como nem porque. Empurraram-no para a fogueira, em defeza da Civilização que levaria a breca se vencesse a Alemanha imperialista. Vencendo o imperialismo inglez salvava-se a civilização. Este mysterio proclamado pelas agencias telegraphicas e mais difficil de decifrar do que o da Santissima Trindade, virou dogma, e Portugal, esquecido de que a Inglaterra lhe comeu uma por uma todas as colonias, arruinou-se para ir nos campos de batalha defender a... civilização, isto é, para defender a maxilla do carnívoro que entre os alimentos predilectos collocam sempre nacos

do imperio colonial portuguez.

Jaime Cortezão, nome já popularizado entre nós pelas publicações da «Renasçença Portuguesa», escreve mais um bello e doloroso livro. Impressionista, elle apanha, dia a dia, quadros e sensações da guerra, que é uma coisa vista de longe e outra, feia, estúpida, brutal, sem belleza nenhuma, vista de perto. Ao cabo da leitura fica o leitor a meditar sobre o illogismo das acções collectivas. Todo o soffrimento de seus filhos, todo o esforço do velho Portugal, todo seu sacrificio em summa em homens e em dinheiro, tão grande que a republica está irremediavelmente fallida, em prol de quem e do que foi feito? Imaginariamente em prol da civilização, som formado de cinco syllabas com um ditongo no fim. Praticamente em prol da ex-perfida Albion que lhe comeu, a Portugal, as Indias e lhe ha de comer os remanescentes dos dominios lusos em Africa *E così va il mondo...*





# RESENHA DO MEZ

## VIDA NACIONAL

De 15 a 15

*Julho, 15* — Installou-se na Bahia o primeiro Congresso dos Trabalhadores desse Estado.

16 — O ministro da Justiça expediu instruções para a organização definitiva do serviço de prophylaxia rural no Districto Federal.

17 — O «Jornal do Commercio», do Rio, declarou que ainda não se acha prompta a estatua de Rio Branco, para a qual aquelle jornal abriu ha tempos uma subscrição nacional, em vista unicamente de transtornos resultantes da guerra.

21 — Chegou ao Rio, depois de sua viagem pela Europa e Estados Unidos, o presidente eleito da Republica, sr. Epitacio Pessoa.

22 — Foram inaugurados os grandes melhoramentos realisados na Capital Federal pelo Prefeito Paulo de Frontin.

23 — Foi recebido na Academia Brasileira de Letras o novo academico, sr. Alfredo Pujol.

24 — Houve um grande desastre na Estrada de Ferro de Bragança, Pará. — Falleceu no Rio o dr. Pedro Moacyr.

26 — Foi recebido no Instituto Historico e Geographico Nacional o dr. Afranio Peixoto.

27 — O presidente da Republica, organizou assim o seu ministerio: Ex-

terior, Azevedo Marques; Guerra, Pandiá Calogeras; Marinha, Raul Soares; Justiça, Alfredo Pinto; Viação, Pires do Rio; Agricultura, Simões Lopes.

28 — Tomou posse da presidencia da Republica o sr. Epitacio Pessoa. — A Academia de Letras elegeu o sr. Xavier Marques, na vaga de Inglez de Souza.

29 — Dissolveu-se a Liga Brasileira pelos Alliados.

30 — Chegou ao Rio o general Candido Rondon.

*Agosto, 1* — Installou-se a Assembléa Legislativa do Estado do Rio.

3 — O governador da Parahyba passou a direcção da hygiene do Estado para a Comissão Sanitaria Federal.

4 — O povo do Rio atacou e incendiou varios trens e estações da Companhia Leopoldina, como protesto ás irregularidades dessa estrada.

6 — Foi recebido na Academia de Letras o novo academico sr. Alberto Faria.

7 — Foi eleito membro da Academia de Letras, na vaga de Olavo Bilac, o sr. Amadeu Amaral.

8 — Iniciaram-se em Nictheroy os festejos commemorativos do centenario dessa cidade.

9 — Foi inaugurada em Natal uma grande estatua ao Padre João Maria.

11 — Commemorou-se solennemente na Faculdade de Direito de S. Paulo, com a presença do ministro do Exterior, o 92.º anniversario da fun-



dação dos cursos jurídicos no Brasil.

14 — O Ministro da Fazenda revogou a circular n. 15 de 17 de Junho de 1917 que prohibia as relações commerciaes com a Alemanha.

...

### Os mortos do mez

PEDRO MOACYR. — O Dr. Pedro Moacyr morreu relativamente joven, aos 48 annos, deixando uma justa fama de tribuno, jornalista e parlamentar.

Nascido no Rio Grande do Sul, a 29 de Junho de 1871, Pedro Moacyr formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo e se alistou logo entre os republicanos. Na Academia sobresahio cedo pelo ardor de seu verbo, pela elegancia de suas imagens, pelo poder de sua dialectica. Voltando para o Rio Grande do Sul systematizou o seu combate pela Republica e, proclamada esta, filiado ao partido do Sr. Julio de Castilhos foi redactor-chefe da «Federación», organ do Partido Republicano do Estado, e membro da Assembléa de Representantes.

Foi um jornalista ardente, imaginoso, um articulista com todos os predica-dos de uma época de transição, onde os ideaes romanticos ainda não se tinham extinguido e os tropos rhetoricos ainda estavam em voga. Eleito Deputado Federal, pouco depois divergiu do seu partido e se filiou aos federalistas, sustentando o seu programma revisionista e parlamentarista.

De 1892 a 1914, não só foi incansavel na tribuna parlamentar como tambem no seu jornal a «Republica» na propaganda das idéas que consubstanciavam o seu programma de partido. Nesse combate, o seu feiço se destacou, e o grande publico do Brasil principiou a apreciar no joven parlamentar uma das primeiras figuras da nossa eloquencia.

Depois, em novas eleições, sem o apoio do partido situacionista, com os suffragios de seus correligionarios, logrou fazer-se eleger e reconhecer pelo Rio Grande do Sul na legislatura de 1909 a 1912, tendo então tomado parte em todas as agitações politicas, participando activamente do movimento chamado *civilista*, que se oppoz á elei-

ção do Sr. Marechal Hermes da Fonseca á presidencia da Republica.

Em 1914 tendo, como membro da Commissão de Constituição e Justiça, de sustentar uma causa politica que envolvia grandes interesses do Estado do Rio, preferio ficar no seu posto de combate a ir pleitear no seu Estado natal a renovação de seu mandato. O Partido Republicano Fluminense, chefiado pelo Sr. Nilo Peçanha, julgou, portanto, que era dever de honra esforçar-se para que este fosse eleito pelo 1.º districto do Estado do Rio. E, de facto, assim aconteceu.

No fim desse mandato, quando debatia na Camara uma de suas questões predilectas, teve o primeiro insulto apopletico, que repetindo-se agora, o victimou.

Ainda combalido, foi candidato a deputado pelo Rio Grande do Sul, não logrando ser eleito, passando então a se dedicar á advocacia.

Pedro Moacyr que foi tambem jornalista no Rio, tendo pertencido á redacção do «Paiz» e do «Diario de Noticias», deixa nas colleções dos jornaes artigos primorosos, que na época, causaram sensação.

Revisionista e parlamentarista, discursou e escreveu defendendo o seu programma, e sempre manteve de 1892, para cá, perfeita coherencia nos seus pontos de vista constitucionaes.

...

### Academia Brasileira

A eleição de Amadeu Amaral para a Academia Brasileira de Letras tem o merito de não vir inquinada de nenhum vicio de origem. Não o levou lá o compadresco nem outro qualquer criterio alheio ao seu merito literario. O novo academico o é por força exclusiva do valor pessoal, como poeta, autor das «Nevoas» e das «Espumas»; como prosador notabilisado por varias conferencias que saíram em volume sob o titulo de «Letras floridas»; e como estudioso de variantes dialectaes. Sob este aspecto só o conhecem os leitores da «Revista do Brasil» que já publicou magnificos capitulos do seu «Dialecto caipira», livro annunciado para breve.

Se se reúnem em Amadeu Amaral dotes intellectuaes sufficientes para lhe accentuar a personalidade como das mais elevadas que possuímos, emolduram-n'as qualidades moraes notabilíssimas.

D'ahi o seu feito inteiriço, a harmonia, o caso de «equilibrio sobremaneira raro que elle é nesta epocha de extremas frouxidões. Junto com o grande poeta mora em Amadeu Amaral o homem de bem. Com enthusiasmo proclamamos esta feliz conjunção de valores. Ganha fóros de truismo na mente do nosso povo o doloroso apophthegma: talento e character excluem-se. A prova de que não, é que Amadeu Amaral existe.

### Lafayette na intimidade

Era Lafayette um conversador adoravel, cheio de fantasia e de graça, nutrido de factos, de anedotas e de reminiscencias historicas e literarias, zombeteando, em commentarios repentinos e improvisos burlescos, a proposito dos erros e ridiculos do seu tempo. Não poupava, nas suas palestras encantadoras, os homens e as cousas da Republica. Em Novembro de 1904,\* militares da Escola da Praia Vermelha sublevaram-se contra o Governo. Partiram em demanda da cidade, mas, pouco depois, se detiveram, esperando o combate. A autoridade organizou a resistencia e enviou contra os rebeldes tropas fieis.

Encontraram-se ás escuras, na rua da Passagem; tiroteio, feridos de um e outro lado, e, sem mais, recuo e debandada, cada qual no sentido em que viera, com a convicção de ter sido batido. *Et le combat cessa, faute de combattants...* Commentava-se depois o facto, diante de Lafayette. O terrivel ironista advertio: «Era de esperar... Não faz muito tempo, logo que se fechava o meu portão e era solto o meu cão de guarda, deu outro canzarão da rua em vir provocá-lo. Depois de latidos, que seriam insultos, iam ás vias de facto, através da grade, sem consequencia, porque estavam protegidos. Isto noites seguidas, sem me deixarem paz para o estudo ou para o

somno. Por mais que chamasse a um e enxotasse o outro, livres, os bichos volviam a ladrar e arremetter furiosos... contra o gradil. Exasperado, uma noite, mandei abrir o portão... Diabos! que se estrafeguem!... Os dous cães viraram as costas um ao outro, correndo cada qual para a sua banda...»

Lafayette não confiava na solidez do regimen republicano. Acreditava que a nação, cansada dos erros da Republica, seria levada a restaurar subitamente o Imperio: «Um dia a gente encontra na rua o carro do Estado abandonado. E' só trepar á boléa e fazer o andar.»

Quando foi da conspiração monarchista, em 1900, escreveu estas linhas a Andrade Figueira, preso e submettido a processo: «Conspirar? Para que e contra quem? Seneca dizia que é de estulto tentar contra a vida do moribundo. E' querer alcançar pela violencia o que a natureza, cedendo á necessidade de suas leis, vai, dentro em pouco, dar de graça. O animal está morrendo de inanido. Lembra, na phrase do orador antigo, um burro a devorar a propria cauda.»

Assegura-se, todavia, que Lafayette, não desmentindo a sua aversão a Republica, entrou em conspiração contra ella.

O brilhante jornalista das *Cartas sem titulo* dizia numa de suas chronicas: «Houve quem regulasse as phases de inquietação ou de tranquillidade politica do paiz pelo paradeiro de Lafayette. Nos dias em que os boatos fervilhavam, os boateiros, para avigorarem as suas informações sinistras, cochichavam com segurança: *O Lafayette já foi para Minas. Toda a vez que eu o via aqui no Rio, tinha uma doce sensação de paz e socego.*»

A ser isto verdade, pôde dizer-se que Lafayette aproveitou com a lição de 1870.

\* Conta-se que, em 1870, Quintino Bocayuva remetteu a Emilio Castellar o manifesto republicano de 3 de dezembro. O grande tribuno respondeu com os votos mais fervorosos pelo exito daquella propaganda politica, prometendo auxiliá-la na pessoa de um cidadão hespanhol, muito entendido no

mister de organizar partidos revolucionários.»

Mezes depois aqui appareceu, com effeito, o empreiteiro de revoluções, garantindo a subversão do regimen imperial dentro de dous annos. Inquirido acerca dos seus planos, começou por dizer que a primeira cousa em que se deve pensar, quando se prepara uma revolução, é nos meios de fugir, — *en los medios de escape*. Constituiu-se uma conjuração em sociedade secreta, a *Sociedade do Sacrificio* (assim chamada porque os arrependidos se obrigavam ao suicidio), e creou-se um distinctivo, que consistia num alfinete de gravata em fórma de punhal, para que mutuamente se reconhecessem os conspiradores. Começavam estes os seus trabalhos quando lhes deu caça o famoso Chefe de Polícia Ludgero Gonçalves da Silva, desconfiado de tantos punhaes, espetados em gravatas, que appareceram na cidade.

Aturdidos, os conjurados, dous dentre elles, Aristides Lobo e Salvador de Mendonça, foram procurar o Hespanhol na pensão em que morava. Tinha fugido na vespera, rumo da Europa, a bordo de um paquete inglez!

Nos lazeres que lhe deixava uma vasta clientela, que de todos os pontos do paiz disputava seus luminosos pareceres, parcamente retribuidos mas que, quasi sempre influíam na decisão de importantes e avultadas questões patrimoniaes, Lafayette não descurava os estudos literarios e juridicos. Em 1899 apparece o seu livro «Vindicices, em que se revela um vigoroso polemista, profundamente versado na philosophia do direito e na historia literaria. Foi desapiedado contra Sylvio Romero, que, em 1883, nos *Ensaos de Critica Parlamentar*, o tinha crivado de injustos baldões, chamando-lhe emediocridade feliz, de idéas esvagas e aleijadas e sulfarrabista juridico, sem philosophia, sem systema e sem senso criticos. Este volumezinho de duzentas e cincoenta paginas é uma essencia concentrada de finissima ironia e de sarcasmo corrosivo, de envolta com uma secreta e maravilhosa intuición da critica, em periodos viva-

zes, nervosos, cortantes, vertidos numa locução aprimorada e castiça. Kantiano obstinado, Lafayette pulveriza, em paginas magistraes, o monismo attribuido por Sylvio Romero «ao maior genio da philosophia e a filiação, por elle imaginada, entre o systema philosophico de Spencer e o kantismo. O capitulo em que defende Machado de Assis das increpações do celebre critico, é um modelo de apurado gosto e de penetrante percepção esthetica. Poucos annos depois vem a lume o *Principios de Direito Internacional*, em cujo prefacio Lafayette reivindica os direitos das nações fracas, embora se mostre desalentado em face do triumpho crescente dos fortes: «Diante deste espectáculo, que serve de transição do seculo dezenove para o seculo vinte, compôr e publicar um livro de direito internacional e invocar a moral e o direito como as regras supremas das relações de nação a nação, pôde parecer uma ironia ou uma ingenuidade, como a de Seneca, escrevendo para Nero o tratado *De Clementia*. E conclue melancolicamente que dia virá, talvez, em que os povos, grandes e pequenos, comprehendam o respeito ao direito não é só um dever sinão tambem a condição necessaria para a paz. «Estará longe esse dia? Elle virá certamente, embora, talvez a distancia que o separa de nós só possa ser medida pelos algarismos da chronologia geologica.»

No refugio solitario da meditação e do estudo, na sua chacara da Gavea, entre o mar e a montanha, á sombra das suas arvores queridas, ouvindo o sussurro da corrente que derivava a poucos passos da sua bibliotheca, viveu Lafayette os seus derradeiros dias. A sua livraria ficava em pavilhão separado da casa de morada e para lá se dirigia, calçado de botas de cano, quando havia lama no jardim. Foi a leitura a unica distracção da sua velhice, e Montaigne, engenho irmão do seu, o ultimo companheiro de espirito, que o deleitava com as confidencias de moralista desencantado, de sceptico eternecido e sorridente, nesse livro immortal dos *Ensaos*, breviario da sabedoria antiga, em que se mostra o grande pensador «sans étude



et artifices, etel sur le papier qu'à la bouches.

Seria preciso ver Lafayette na intimidade do seu lar, desprendido de ambições e vaidades mundanas, simples, modesto, recolhido, sorvendo os seus intermináveis cigarros de fumo de rôlo e marcando as suas leituras interrompidas com fragmentos de palha de mûlho, declamando versos de Virgílio à esposa e aos filhos, e subindo todas as manhãs ao alto da montanha para paudar o sol e contemplar longamente o mysterio infinito do oceano, para avalliar a injustiça e a dureza dos que proclamaram a supposta malignidade do seu character. Chamaram-lhe «animal de sangue frio», a elle, que tinha a mais delicada sensibilidade! «L'humanité est comme une mêlée de masques» escreveu Jules Lemaitre. A frieza da mascara de Lafayette occultava aos outros os thesouros de sua alma peregrina. Quando o injuriavam na imprensa, taxando-o de perverso e máo, sua esposa, revoltada, pedia-lhe que se defendesse. E Lafayette, com um encolher de hombros: «Ninguém me conhece!»

A 29 de Janeiro de 1917 veio buscar-o a morte. Desappareceu como um deus proscripto, no meio da confusão contemporanea, entre o esquecimento de uns e a indiferença de outros... Mas, senhores, recordando a palavra de Romain Rolland — *Il y a des morts qui sont plus vivants que les vivants*, podemos dizer que Lafayette resuscitará para a sua gloria na sagração das gerações futuras, porque amou o Direito, que é o eterno symbolo do Poder, na phrase de Carlyle, e amou a Belleza, no mundo radiante do pensamento e do sonho! — ALFREDO PUJOL (Do discurso de recepção na Academia de Letras).

\*\*\*

## REVISTAS E JORNAES

### Snobismo e mais snobismo...

Senhores e senhoras, que temos nós a ver com o que se passa em França? Que temos nós com as infelicidades da França? Que nos importam as calamidades da França? Algum dia

houve em França qualquer movimento de solidariedade commosco, por occasião das nossas desventuras?

Não. Pelo contrario. O francez, com a sua tradicional ignorancia de materia geographica, não nos conhece, não sabe em que sitio do planeta estamos e não perde occasião de manifestar o seu desprezo para commosco. Tal cousa ficou bem evidente agora, por occasião da guerra.

Entretanto, isso ainda parecia pouco aos numerosos amigos que tem a França neste *pays de Cocagne*. As festas então se succediam em beneficio de todas as cruces-vermelhas de todos os paizes alliados. Ora, si exceptuarmos os italianos, nenhum desses paizes amigos merecia tal excesso de gentileza. Com effeito, foram os italianos os que menos nos exploraram, não só porque elles têm no Brasil uma colonia immensa e rica, como tambem porque foi um banqueiro italiano que, aqui no Rio, dando cem contos para a Cruz Vermelha da sua patria, teve tambem a generosa lembrança de dar outros cem para a Cruz Vermelha Brasileira, manifestando por tal fórma a sua gratidão para com um paiz onde elle chegou pobre e se tornou lindamente rico. Das outras colonias, nenhuma prova de gentileza recebemos. Mas isso nada importava. Era preciso festejar a França, a Inglaterra, e a grande Democracia dos Pelles Vermelhas, assassinos e queimadores dos pobres pretos, seus infelizes compatriotas. Com essa francophilía exaggerada, não fazemos mais do que justificar o desdem que os francezes têm por nós. Lá em Paris, os jornalistas que acompanharam a Embaixada da Paz, puderam verificar até que ponto o francez nos despreza. Quando o sr. Wilson defendeu o nosso direito de ter tres delegados junto á Conferencia, não houve jornal francez que deixasse de manifestar o seu espanto, o seu escandalo e o seu desprezo, pois, segundo elles, o Brasil é apenas uma *potencia de florestas*. Debalde lhes tinhamos vendido, em optimas condições, os cereaes, as carnes congeladas e mais uma coisa sem a qual, conforme declarou o Sr. Wilson, impossivel lhes



teria sido combater: o manganez, imprescindível no fabrico de canhões. Nada disso os commovia. Eramos apenas *une petite puissance de forêts*...

E os favores que devemos á França? Isso não passa de uma desavergonhada declamação. Os favores que o Brasil deve á França podem ser comparados com os que um rapaz meio gastador deve ao seu agiota. A França nos emprestou dinheiro, tendo o cuidado de cobrar os juros adiantados, como fazem os prestamistas judeus: e nós lhe vamos pagando esse dinheiro, segundo as nossas possibilidades. Ha motivos de gratidão nisso? Francamente, não os vejo. Demais os banqueiros francezes, sempre que o podem, não perdem occasião de tosquiar-nos o pelo bem rente á pelle, como aquelle banqueiro Hemerlingue, do «Nababos, de Alph. Daudet.

Eis ahí porque eu protesto contra esse snobismo exagerado, que põe de cocaras as melhores familias do Brasil diante de um paiz que não nos conhece, que nos explora e nos escarnece, porque nos despreza. O publico devia castigar esse snobismo, não indo systematicamente a festas em beneficio de escolas francezas, inglezas, japonezas ou chinezas, pouco importa: porque nós temos aqui milhões de crianças analfabetas; temos aqui milhões de opilados, impaludados, tuberculosos, leishmanicos, victimas da molestia de Chagas, famintos, flagellados por todas as especies de pragas do inferno. Estes, sim, é que devem merecer a attenção das nossas patricias, porque são elles que, apesar de doentes e aleijados, ajudam, com o seu trabalho de cada dia, nos campos e nas fabricas, a fundir essa riqueza que está ao alcance dos grãos-senhores e das grandes damas. Dos estrangeiros nada teremos a não ser explorações e latrocinios, temperados com desprezo e escarneio por este povo, que, depois de explorado e desprezado, ainda festeja os seus exploradores e desprezadores... — ANTONIO TORRES (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

## A defeza nacional

A Inglaterra, o paiz mais liberal da Europa, aquelle em que os direitos e liberdades individuais são ha mais de dous seculos assignalados por leis minuciosas e intangiveis; a nação que tradicionalmente se orgulhava de ser o asylo inviolavel de todos os perseguidos, resolveu agora tomar contra todos os estrangeiros medidas de precaução, de defeza, já consubstanciadas em um projecto de lei do Conselho Privado, que precisa de ser conhecido no Brasil, tantas e tão preciosas são as lições que encerra.

O primeiro capitulo dessa lei diz respeito á admissão dos estrangeiros na Grã-Bretanha. Não poderão entrar em territorio inglez senão os que provarem ter meios de subsistencia, sejam aios de espirito e isemptos de certas molestias contagiosas, e tambem não tenham sido condemnados por crimes que os tornem passiveis de extradição.

Até ahí nada ha de extraordinario. Os passageiros de terceira classe já eram antes da guerra submettidos nos portos ingleres a um interrogatorio summario sobre esses particulares, e os Estados Unidos, paiz de immigrantes por excellencia, impõem ha muito restricções semelhantes, fazendo-as observar com a maior severidade, e varios outros paizes têm, igualmente, ha muitos annos, uma lei do mesmo genero.

Passemos, porém, ao segundo capitulo, o relativo á vigilancia dos estrangeiros já residentes na Inglaterra.

Durante a guerra, um estrangeiro all não podia litteralmente mover-se, mesmo dentro de uma cidade ou de um bairro, sem um «passe» da autoridade policial do quarteirão que deixava e outro da autoridade do quarteirão para onde se dirigia, sendo depois forçado a fazer visar esse «passe» diariamente.

Agora, pela nova lei, o regimen será diverso. O viajante que tiver de passar na Inglaterra periodo inferior a um mez estará isemto de qualquer formalidade, com excepção do classico boletim de hotel, que é commum em todos os paizes policiados.

Quanto aos estrangeiros que têm residência no territorio inglez, terão ape-

nas de obter consentimento para mudar de residencia por prazo superior a dous mezes e estarão sujeitos ás seguintes providencias policiaes: «Todo o commissario de policia, que tiver uma autorisação geral do secretario de Estado, poderá fechar, sem outra fórma de processo, todo o café, club, sala de baile ou casa de diversões frequentados por estrangeiros ou explorados com um fim immoral ou contrario á ordem publica.»

Outro artigo estabelece que qualquer agente da força publica pôde prender, sem mandado de juiz, qualquer estrangeiro que tenha commetido ou seja suspeito de haver commetido uma infracção a qualquer previsão da lei. Essa prisão por simples suspeita é uma excepção reservada sómente aos estrangeiros num paiz onde, até agora, ninguem ia para a cadeia sem decisão judicial.

E não é só isso. Tambem no capítulo das penalidades — pesadas, conforme o uso inglez — e vão de um franco a too libras de multa e de um dia a seis mezes de prisão, com ou sem trabalhos forçados. Tarifa dobrada em caso de reincidencia.

No mais, o estrangeiro terá a mesma liberdade que o indigena, para commerciar, abrir um estabelecimento, etc., mas sob a pressão das Trade Unions, cujo internacionalismo se detém deante dos interesses commerciaes, porquanto os escriptorios, officias de collocação **NAO TEEM O DIREITO DE OFFERECER AOS PATROES OS SERVIÇOS DE UM EMPREGADO OU OPERARIO ESTRANGEIRO, EM QUANTO HOVER DESEMPREGADO UM SO' INGLEZ CAPAZ DE EXERCER O MESMO OFFICIO. E' o mesmo que dizer que esses escriptorios estão fechados aos estrangeiros. Mas os contractos ou engagements directos — e são os mais frequentes — subsistem. Em resumo, o que a Inglaterra quer evitar com isso é a entrada em seu territorio, onde os sem-trabalho se contam por centenas de milhares, de estrangeiros que vão procurar trabalho e principalmente de estrangeiros que vão offerecer mão de obra barata, desvalorizando o trabalho nacional e consequentemente ag-**

gravando a crise social.

Isso é o que está fazendo a Inglaterra. Com a lucidez que foi sempre seu apanagio, o povo inglez rompe com uma das mais sagradas tradições de hospitalidade para acudir ao perigo urgente, para attender aos novos problemas que se impõem a todas as nações.

Serão excessivas as medidas que ali se vão pôr em pratica? O Parlamento decidirá, modificará talvez alguns detalhes de execução, mas pela unanimidade com que a imprensa, não só de Londres como de todas as grandes cidades do reino, se têm manifestado sobre o projecto, parece certa sua approvação em conjunto.

Aqui mais perto, a Argentina, se não desceu a regulamentar a existencia dos estrangeiros com residencia permanente, armou-se com uma lei de expulsão com processos summarissimos e além disso cercou a entrada de novos estrangeiros com providencias ainda mais severas do que as projectadas na Inglaterra.

Só nós ficamos inertes no meio das prevenções geraes; só nós zelamos o direito dos estrangeiros mais do que a segurança nacional; só nós damos a qualquer immigrante direito superior ao que elle possuía em seu proprio paiz; privamo-nos do direito de expulsão e mantemos as portas abertas a todo aquelle que não pôde entrar em terras possiciadas. — (Editorial d'O *Imparcial*, Rio).

## Rondon

De vez em quando, do fundo dos sertões brasileiros tão mysteriosos ainda, apesar da obra maravilhosa de audacia e tenacidade das sbandeirras antigas, e mais poeticos, mercê da literatura romantica de Alencar e da literatura naturalista de Euclides, surge no litoral Candido Rondon.

E' sempre um acontecimento. Desinteressadamente todos o festejam.

Onde reside o segredo do seu triumpho? — Na sua força moral. Por instincto parece que todos sentem a formula consciante e admiravel de W. Gill: — *melhor, mais util, mais dif-*

ficil do que morrer pela Patria, é viver para ella.»

E é pela sua grande patria que o general Rondon tem sempre vivido, a vida mais cheia, mais forte que nestes ultimos vinte annos se tem vivido debaixo do Cruzeiro do Sul.

E o bandeira por excellencia, mas suavizado pelas idéas modernas, e por um grande espirito de humanidade. Diante delle as tribus indigenas, aquelles pobres e tradicionais senhores da terra, não fogem espavoridos e aterrados a esconder-se no fundo das selvas.

Este bandeirante não é impellido como os antigos pela ancia de riqueza, de conquista e dominio. Não destróe, constróe; não afugenta, atráe. E' um iman moral.

Não se importa, beneficio do seu coração tão amplo, e do alto ideal que enche toda a sua vida, com as theorias sociologicas que sustentam a inutilidade da tentativa civilizadora das chamadas raças inferiores. Elle confia na sua obra. E, na verdade, ainda que ella fosse uma illusão, seria sempre uma formosa illusão, mais consoladora, nesse caso, que a realidade.

Não se illude, porém, o alto espirito do general Rondon. Os sociologos, que no fundo dos seus gabinetes, por inducções ou deducções de factos isolados, mal colhidos muitas vezes, ou mal interpretados, forjam essas theorias, não pôdem ter razão contra quem no fundo das selvas directamente e conscientemente desbrava a terra e as almas.

Que importa que o grande pensador francez Edgard Quinet fosse de opição, e com elle outros menores, que em face duma raça civilizada, sempre, mais tarde ou mais cedo, acabam por desaparecer as raças inculdas, mesmo quando não sejam destruidas, visto que neste caso ellas morrem collectivamente de econsumpções ou seja de esgotamento lento e progressivo das energias moraes e pñysicas?

A violencia e o desdem são absolutamente destructivos. As raças inculdas só se salvam pela attracção. Só a bondade pôde fazer o milagre de aproveitar esses elementos julgados inu-

teis pelos sociologos theoricos, mas de uma alta utilidade bem reconhecida, por quem conhece a historia tragica da colonização do Ceará pelos portuguezes, ou melhor, a historia da attracção e fusão do indigena com a raça lusitana, de que resultou esse forte cruzamento que assombra pela formidavel resistencia, talvez unica em todo o mundo.

Podem os sociologos continuar a forjar theorias, á distancia, longe dos phenomenos, a muitas milhas, sem o conhecimento integral da terra e dos homens, porque a verdade está com o general Rondon.

Elle dá todos os dias ao mundo lições de sociologia pratica. E' um dos mais altos cathedricos do universo. Não se limita á ensinar os selvagens, mas tambem os civilizados. Das suas lições podem os inculdos tirar certos ensinamentos, e outros ensinamentos podem tirar os sabios.

A estes elle demonstra que a sentença de morte collectiva dos indigenas não foi lavrada pela civilização, mas, sim, pela má applicação dessa civilização.

Não é com a violencia, nem com o desdem, isto é, nem com ferro, nem com preconceitos, que se podem utilizar os elementos humanos ainda no estado de selvageria, mas, sim, pelo amor, pela attracção.

Ahi reside a base fundamental da sua grande obra, tão elevadamente patriotica, tão profundamente religiosa, que faz delle, no Brasil actual, o maior dos heróes pacíficos.

Já dizia W. J. Byran: «Ha mais inspiração numa vida nobre do que na morte heroica» — ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE. (D'O Paiz, Rio).

### João Ribeiro e o folk-lore

O sr. João Ribeiro é um caso positivamente unico em nossa literatura: um erudito elegante. Grammatico, professor, historiador, critico, todas essas fórmas de viviseccão literaria não lhe tiraram o gosto natural da arte. Nossos intellectuaes oscillam, em geral, entre a pesquisa scientifica minuciosa, ingrata, sem qualidades de composi-



ção, e a criação de fantasia, forrada de ignorancia ou de vagas tintas scientificas. Não temos, contudo, a especialidade dessa distincção.

Na propria França, país de lucidez, de elegancia, de graça, os sabios-artistas não são communs. Cita-se Gaston Boissier, archeologo e historiador, que resuscitou Roma, conseguindo conciliar virtudes aparentemente incompativeis, respeitado por technicos e dilettantes.

Bergson, porque soube vestir harmoniosamente seu pensamento, ganhou mundo. Henri Poincaré, apontado entre os mathematicos como conciliador da belleza com o numero. E o caso singular de Remy de Gourmont, quasi um sabio em arte literaria e philologia, e um dos mais puros artistas do seculo XX? A sciencia é mulher: quer tudo para si.

O sr. João Ribeiro não chega á perfeição de ser um artista: é um erudito de gosto, um pesquisador que não desama a belleza. Dissemos que os nossos sabios, ou antes sabedores, não eram artistas. E' frequente entre nós o caso, ainda mais grave, de scientistas que querem ser artistas, sem o ser. Temos varios. Julgam que empolando o estylo, attingem á arte. Ledo engano! A belleza, nos livros de sciencia ou philosophia, é a arte de não cogitar della. Ainda nos livros de pura literatura, o verdadeiro estylo, é a ausencia apparente de estylo. Quando se é um artista, ou um amator de arte como o sr. João Ribeiro, a harmonia da fórma e da composição nasce naturalmente da lucidez do pensamento. Quando se o não é, vale a sinceridade de escrever sem gosto, mas espontaneamente. Um livro bem pensado é raramente um livro mal escripto.

O sr. João Ribeiro, como historiador, é dos poucos que souberam julgar a nossa historia, escrevel-a com as idéas e não com os factos. Não lhe pesa a erudição aristocratica de alguns, nem a enumeração fastidiosa de datas, o gongorismo ou desconcerto de outros. Como grammatico sabe fugir á superstição tyrannica das etymologias, dos purismos, das regras asphyxiantes. Como professor dizem que tem a arte

de bem dizer. Como critico, nem sempre é independente, se bem que de penetração agil e profunda cultura.

E como folklorista?

O folk-lore, queiram ou não seus apologistas — e todos o são, — é uma arte exacta, ou quando muito, uma sciencia balbuciante.

Está ainda no período documentario. Dia para dia affluem novos materiaes, trazidos pelo carinho de devotos e fanaticos. Os folkloristas são, por vezes, sabios observadores e eruditos: ainda não podem ser scientistas. Os autores Ingleses e allemães, que mais profundamente versaram o assumpto, acham-se ainda na phase das doutrinas dos systemas: caminham para a verdade. A verdade popular é ardua e arriscada. O folklorista ha de ser um glotologo, um humanista, um historiador, um observador, um generalizador, um erudito. E, se não fór um artista, ou quando menos um homem de gosto, dessas virtudes forradas de uma boa-fé logo degenera em compilador arido e illisivel. Ao sr. João Ribeiro avultam inalteravel, um grande escrupulo na colheita de materiaes. Ingrata sciencia, que ainda repousa na boa fé de seus fieis! Se o folk-lore parece ainda não admittir scientistas, possui os seus sabios: entre elles se inclue o nosso autor. Sabedor o é pela copia de conhecimentos que tem: sabio se torna que traz á materia. Todo mundo se julga folklorista. Não ha quem desconheça mythos e tradições, proverbios e parlendas, brinquedos e superstições populares e não se arvore em comentarior desses phenomenos literarios.

Por isso o material bibliographico ou oral do assumpto é inesgotavel. A qualidade maxima de um folklorista é o faro. Distinguir o pouco trigo da massa de joio, é o grande esforço dos verdadeiros pesquisadores da literatura popular.

A idéa capital do folk-lore é, justamente, que as variedades literarias dos povos mais distinctos podem reduzir-se a alguns typos geraes — greco-romanos, e indo-arabes, aryanos ou semitas. Essa redução é tudo. O sr. João Ribeiro é um espirito lucido e logico. Sua erudição desconhece o pedantismo.



Sem embargo, resente-se por vezes de sibyllina. Parece notar-se neste livro um caso interessante: o autor fatigado, como professor, de baixar a sua sciencia ao nivel de ouvidos infantis, desforra-se nos livros — escrevendo-os para uma élite. A este «Folk-Lore» chama de simples ensaio de vulgarizações: conceito a um tempo ousado e modesto.

Não é «simples ensaio», mas um livro de grande erudição e descortino, observação propria e revelações inéditas, solida cultura e engenho. Tão pouco pôde ser um livro de «vulgarizações». Para isso lhe faltam methodo, amplificação, mais idéas geraes, esclarecimentos talvez elementares, mas necessarios, mais accessibilidade e unidade enfim. O livro é uma contribuição de incalculavel valor, a melhor que podíamos dar, ao grande processo da sciencia «folklorica».

O «Folk-Lore» é um livro de estudo. Trae a cada passo os materiaes com que é feito. O autor combina uma aturada erudição polyglottica com uma observação muito pessoal. Sente-se que está em caminho de uma obra de methodo e continuidade, onde irá condensar os estudos e ensaios já publicados de exegese, observação e erudição. «O Fabordão», «Frazes Feitas», o «Folk-Lore» são etapas para o «Livro» que o sr. João Ribeiro tem o poder e o dever de nos dar em breve, se não definitivo, dada a continua transformação das especiaes folkloristas e a incerteza dessa quasi sciencia, ao menos precioso para a nossa psychologia nacional. Vestindo com afeição uma rara erudição, amoroso do pormenor sem desamparar as idéas geraes, o autor do «Folk-Lore» deu-nos um livro unico, alliando a graça á sabedoria. — TRISTÃO DE ATHAYDE (*D'O Jornal*, Rio).

### Os dois tigres

Na noite de 28 de junho, após a assignatura do Tratado de Paz entre os Allados e a Alemanha, que se realisára á tarde, no salão dos Espelhos, em Versailles, o ministro Clemenceau sentava-se ao «bureau», no

seu gabinete de trabalho, quando observou, espantado, que o cano do seu revolver, collocado ao lado do tinteiro de prata, despedia uma fumaça tenue, a qual, oscillando e subindo, punha no ar, á sua frente, os relevos indecisos de uma grande figura humana. Era um vulto de sexagenario robusto, de physionomia aspera, em que se misturavam, no entanto, no momento, a tristeza e a arrogancia. As feições rudes, quasi brutaeas, illuminadas por dous olhos azues e perscrutadores, emprestavam-lhe o aspecto de um desses fidalgos da Alemanha medieval, que tivesse abandonado os urso e os lobos para apresentar-se de repente, no limiar da civilisação. Trajava o uniforme do Exercito allemão, e ostentava o peito herculeo coberto de medalhas, como um rochedo saliente que mostrasse as suas ostras ao mar.

— Bismarck!... — exclamou o primeiro ministro, pondo-se de pé.

A figura impalpavel deu em torno, com as suas pernas de sombra, alguns passos silenciosos, e descançando, fixo, nos olhos do chefe do governo francez o seu fundo olhar de leão sem garras, confirmou a verdade do seu nome com a mentira da sua palavra:

— Acabas de matar a França, em Versailles, na mesma sala e com a mesma armá com que eu apunhalei a Alemanha.

Clemenceau olhou, mudo, o fantasma e elle continuou:

— O pomo de ouro da Paz entre a minha patria e a tua, repellido do campo da Europa, no seculo XVII, pela mão ambiciosa de Louvois, acaba de ser impellido mais uma vez, para um futuro desconhecido, pela tua bota de vencedor.

A palavra triste da visão, o primeiro ministro tentou sorrir, incredulo; a voz do visitante mysterioso tinha, porém, uma inflexão tão dolorosa que o sorriso lhe morreu, repentino, entre os labios e a fêde branca e grossa do bigode aggressivo.

— A guerra de amanhã, — continuou a sombra — será um crime da França, como a que hoje foi, pela minha ambição um crime da Alemanha. No ninho de ouro de Versailles

foi posto, ha pouco, para ser fecundado pelo tempo, o ovo de uma nova calamidade. A culpada inicial, a mãe secular desses crimes, não foi, no entanto, a minha patria. Foi a tua. As armas da insidia, com que a Alemanha se bate na paz e se defende na guerra, são, todas, de origem franceza.

— Mentos! — rugiu o tigre do Sena, com os olhos faiscantes de cólera.

— Não conheces, porventura, a historia da Europa? Quem instituiu na politica européa o recurso aos pequenos pretextos para justificação das grandes conquistas? Que monarcha violou em primeiro logar, na idade moderna, a liberdade dos povos pequenos, recorrendo a razões mentirosas e servindo-se, antes dos meus principes, do nome de Deus? Luiz XIV! Que fez elle quando se quiz apossar da Belgica? Pretextou a existencia de uma antiga lei, peculiar a algumas provincias belgas, pela qual, em caso de segundo matrimonio, o direito de successão cabia, inteiro, aos filhos do segundo leito. Estribado nessa disposição, que jámais vigorára, Luiz XIV entendeu que toda a Belgica lhe pertencia, pelo seu casamento com Maria Thereza, e invadiu-a militarmente, diante da Europa, que olhava, assombrada, tamanha semcerimonia.

— Mas elle não dissimulava jámais a sua ambição.

— Dissimulava, sim. Louvois, que promoveu a invasão, escreveu nas suas memorias: «Não tendo o céo estabelecido sobre a terra um tribunal a quem o rei de França pudesse pedir justiça, elle teve que procural-a no seu coração, fazendo-a executar com as suas armas.» E, enquanto invadia a Flandres, que fazia a corte de França? Jurava á Hespanha, com um cynismo que eu, depois, aproveitei, os seus sentimentos pacíficos, em communicções desta ordem: «Notre intention est d'entretenir religieusement la paix, ne voulant pas que la dite paix soit rompue par notre entrée dans le Pays-Bas, puisque nous n'y entrons que pour nous mettre en possession de ce qui a été usurpé sur nous.» Era a minha linguagem, a linguagem de todos os conquistadores! Invade-se um paiz e

juza-se, de joelhos, eterna fidelidade á Paz!

— Mas Luiz XIV não se serviu jámais do nome de Deus para justificar as aggressões do seu reino.

— Elle proprio escreveu, nas suas memorias: «Deus, que é o protector da justiça, abençoou e ajudou os meus exercitos.» Foi com elle que os meus principes aprenderam a mentir em nome do céo.

— Mudemos de assumpto, pediu Clemenceau, perturbado — isso é historia antiga que não convem recordar.

— Não; o presente, como o futuro, reflecte-se no passallo. Era de suppr que, após tamanhos esforços, Louvois e Luiz XIV tivessem renunciado á politica de invasão. Mas a ambição não é detida quando se a quer reter. O instincto de usurpação, a febre de engrandecimento, quando elles se apossam de um soberano e de um povo, levam-no de roldão, mesmo á sua revelia. No dia em que um paiz se lança na politica de expansão, apropriando-se, sob qualquer titulo, de territorios visinhos, não poderá dizer jámais: «eu me deterei ali.» Como no vicio da embriaguez, é preciso sempre ir mais longe. Após o tratado de Niméga, a paz parecia assegurada por muito tempo. Louvois teve, porém, a pretensão de fazer novas conquistas, em plena paz, e viu-se, então, num espectáculo estranho, a politica de invasão proseguir a sua obra fóra de toda guerra. Os ultimos tratados haviam dado ao rei certas cidades, com as suas «dependencias.» Por esta palavra comprehendia-se, está claro, o territorio realmente dependente de cada cidade; Louvois entendia, porém, que se tratava de outras cidades, tendo outr'ora dependido feudalmente das primeiras. Isso equivalia, naquelles tempos, ás vossas cabeças de ponte... Para justificar-se, entendeu, então, a França, que só a magistratura podia decidir... em seu favor. E appellou para a magistratura. Os meios jurídicos foram sempre commodos para a ambição. Foi com elle que eu aprendi quando quiz saber a quem pertencia o Slesvig-Holstein...

— Os allemães foram, sempre, ambiciosos e bellicosos...

— E' engano. O povo allemão não foi consultado jámais sobre as guerras emprendidas pelos seus príncipes. Se a Allemanha possuísse, como a França, os Estados Geraes do seculo XIV, ou as Assembléas de Notaveis, de Luiz XI, Francisco I e Henrique IV, saber-se-ia, hoje o que pensava outr'ora o seu povo. Não se pôde responsabilisar o povo allemão pelas loucuras periódicas dos que o governam. Porque é corajoso, não se concêue que esse seja bellicoso.

— Mas o parlamento allemão acolheu com entusiasmo a declaração da ultima guerra...

— E' certo; mas é preciso definir a origem desse entusiasmo. A Assembléa que votou na França a declaração de guerra de 1870 era uma das mais pacifistas da Europa e, no entanto, recebeu aquella guerra com igual entusiasmo. E' que ella votou a guerra sob a promessa, que lhe foi feita, de que traria o desarmamento geral. A Allemanha quiz desarmar os outros para desarmar-se, depois, a si mesma...

— E, triumphante, armou-se ainda mais.

— E' verdade; antes disso, porém, como vós agora, tratou da fundação de uma «Liga da Paz» que falhou.

— Mas a Allemanha saqueou, devastou, incendiou...

— Louvois, quando penetrou na Belgica, escrevia a um dos generaes encarregados da occupação: «Cette province, ne pouvant pas, après la paix, demeurer possession du roi, il faut en tirer tous les avantages imaginables sans se soucier de la bonne ou méchant humeur des habitants; le roi trouve que leur argent vaud mieux que leurs bonnes grâces.»

— Os allemães, marchando sobre a França, assolavam também a Belgica, sabendo-a innocente.

— A outro general, que atravessava o território belga, para attingir a Hollanda, Louvois escreveu, em nome de Luiz XIV: «Comme ce sont gens affectionnés à nos ennemis, il faut tirer d'eux tout le plus de choses que

l'on pourra, pour, par ce moyen, les faire servir le roi, malgré qu'ils en aient.»

— E o incendio das aldeias desarmadas? Porque fuzilastes os camponeses, criminosos, apenas, do seu patriotismo?

— Louvois havia aconselhado aos exercitos do rei: «Il faut fusiller les paysans et bruler les villages, pour mettre ce peuple à raison.» E justificava: «Tout le monde sait que les français ne commettent des atrocités pareilles qu'à regret, mais ces paysans allemands nous obligent à les commettre.»

— Tudo isso vai longe, passou...

— Passou... Vieram outras guerras iguaes, que também passaram. E hoje foi assignada a paz que por termo, á ultima, que será, por sua vez, a semente das guerras que virão.

Clémenceau olhou, sereno, o rosto do príncipe, que se illuminara de uma alegria satânica, e elle continuou:

— Sim. A França sacrificou na sua defesa quatro annos de vida, quatro annos de actividade, e uma parte de sua riqueza. Ella morrerá, porém, da victoria de 1918, como a Allemanha morreu do seu triumpho de 1871. As suas perdas terminarão por ser reparadas e esquecidas; a occupação de um palmo de territorio alheio constitue, porém, um veneno lethal, derramado nas suas veias. Esta guerra victoriosa terá effectos incalculaveis sobre o estado moral da França. Ella mudará de habitos e de caracter. O povo francez não será depois da guerra o que foi antes della. O espirito de trabalho será substituido pela idéa da elasticidade das fronteiras. A sua intelligencia perderá os ideaes sadios, que fazem o fim e a honra da vida, substituindo-os por uma falsa concepção da gloria. Ella acreditará que ha para uma nação alguma cousa mais desejavel do que a prosperidade laboriosa, e innoculará, num suicidio lento, a molestia da ambição e a febre da expansão pela terra... — HUMBERTO DE CAMPOS (Da *Gazeta de Noticias*, Rio.)

### Eça de Queiroz

Eça de Queiroz foi o ultimo escriptor portuguez que achou sonora repercussão no Brasil, mas não deixou um só discipulo digno de estima. A sua influencia foi uma illusão pyrotechnica, um fogo de vista ephemero.

Nunca nos pareceu que fosse um romancista; foi antes um pamphletario, uma especie de terremoto branco e alegre.

Nada construiu, mas demollia alegremente, dando o mais bello rythmo ás ruinas que esboroavam. Queria que a sua terra desaparecesse como Cesar, compondo-se com a toga para cair com dignidade.

Quando elle quiz cantar a palinodia, nobilitando a choldra que era Lisboa, e elevando o Portugal que lhe parecia ridiculo, faltou-lhe a voz. O velho tenor estava exhausto.

As suas obras ultimas, de edificação, são fastidiosamente mediocres. O ermitão ficou muito abaixo do antigo diabo.

No Brasil, a desenvoltura de Eça de Queiroz, as suas elegancias, geraram um começo de proselytismo. Em verdade ainda são hoje entre nós familiares o conselheiro Accacio, o João da Ega, o Raposo e outros que taes, exatadamente por serem inveridicos. Nas obras literarias acham vida proverbial as caricaturas: não a verdade, mas o exaggero é que as alimenta na imaginação vulgar. Nada mais falso que o Conde de Monte Christo, o Rocambole, o Lovelace ou o Tartarin.

Sustenta-os o epigramma ou a anecdota. Em Eça de Queiroz havia o genio do burlesco, em que era incomparavel e sem exemplo nas letras portuguezas. Todo o seu grande merito está nisso.

Assim, quando Alberto Doliveira traça um paralelo entre o Jacintho e a Morgadinha dos Cannaviaes (capitulo VII do livro) ha realmente justeza e approximação, sem contacto, de Julio Diniz e Eça de Queiroz.

Mas d'esta vez Julio Diniz é como diz o critico «radio-activo e reparador», mas o Eça da — «Cidade e as Serras» — é apenas um tonico de reclamação, sómente util para os boticarios.

Para utilidade mercantil.

Eça de Queiroz não sabia edificar; pedra, não tinha outro equilibrio que a do proprio peso. O grande cyclope não conhecia a argamaça. Faltava-lhe o nexo de amor é entusiasmo, perdidos nas dissipações juvenis.

E' já, então, um escriptor que tem morta a alma; e faz dos seus ultimos nervos uma lyra inhabil, apenas capaz de uma surdina de arrependimento.

Ninguem recorda o Jacintho senão para embargar as inconveniencias do bacharel Raposo ou do Fradique Mendes. — JOAO RIBEIRO (D'O *Imparcial*, Rio).

### Os nossos hospedes

Um dos aspectos da hospitalidade que praticamos no Brasil, é a semceremonia com que os estrangeiros, mesmo os mais extranhos, pela raça e pela educação, aos nossos sentimentos e aspirações, se envolvem na apreciação das nossas coisas nacionaes. O arabe, o chinês, o russo, o turkestarico, o egypcio, envolvem-se todos em nossos negocios e destinos, como se constituíssemos um aldeamento das suas geleiras ou uma tribu dos seus desertos. Ainda ante-hontem, com a timidez caracteristica das folhas nacionaes, um matutino reproduzia, magoadado, a opinião desattenciosa de um estrangeiro a proposito da nossa supposta incapacidade politica. Tudo isso fica, porém, sem resposta, porque nos tapam a bocca, infelizmente, as disposições irrevogaveis do codigo da hospitalidade!

Os brasileiros que testemunham tão clamorosas descortezias podiam fazer, entretanto, como o Filho de um outro país americano, o Peru', victima como o nosso, da incivildade dos seus hospedes. Ha alguns annos, em uma festa official, discutia-se em um grupo de diplomatas, quando o representante de certa potencia européa se poz a criticar as manifestações da vida nacional, achando-as atrasadas, barbaras, insupportaveis. Essas observações não foram, porém, demoradas, porque um patriota, que se achava proximo, lhe cortou energicamente a palestra, dizendo-lhe:



— Es posible que, en el Peru', todo sea malo, insoportable; pero nadie negará que esta tierra tiene una cosa buena, inmejorable; muchos y cómodos puertos para que puedan embarcarse los extranjeros que no están contentos del país, de sus costumbres, ni de su gobierno!

E os portos do Brasil ainda são melhores, e mais numerosos, que os do Peru'... — MICROMEGAS (*D'O Imparcial*, Rio).

### A poesia em Portugal

Sucedem-se, nas montras dos livros, os novos livros de versos, e todavia, não se nos depara um poeta. Aquelles que ainda não perderam o amor á divina arte e nas chammas de um claro patriotismo desejavam velo florindo, em apogeu de graça e harmonia, no agro natal, sentem-se desconsolados, perplexos, e uma nuvem de tristeza tolda o céu das suas mais puras aspirações. Portugal é uma terra de poesia, ella tem fulgido no génio e palpitado na ingenua e culta alma popular. Por tudo tem perpassado, como clarão solar e perfume suavissimo. Pois bem! Essa poesia que através dos seculos nos acompanhou, já não a encontramos. Dir-se-ia que se desvaneceu como uma bella espiral de fumo que se confunde com o ar e com elle desaparece, volatilizando-se.

Nessa vastidão de sentimento, nem uma mais doce ou mais vibrante musica na linguagem da lyra. Nem sequer no exotismo se encontra alguma coisa de artificial e bizarro. A simplicidade foi-se e não a substituiu sequer a propria loucura rimada e flamejante. O symbolismo, o decadentismo ainda produziram em Portugal, no seculo findo, nos verbos estranhos, scintillantes e morbidos dos *Oaristos*, de Eugenio de Castro. Hoje, nada, nada! Apenas a toada das velhas cantes, apenas a banalidade das antigas madriças. A obra de arte dos povos não se impregna de humanidade fremente, nem evoca os paraes artificiaes onde a imaginação edifica a Torre de Marfim. Vegetamos na mediocridade, na banalidade. Eça de

Queiroz dizia que a geração que lhe succedera lhe dava a impressão de andar de muletas. Por acaso distinguimos, mesmo rastejando, a geração que ahi vem?

E todavia nunca tantos poetas versajaram em Portugal. A alguns mesmo não se lhes pôde negar talento e esforço. Que lhes falta, pois? A meu ver, falta-lhes um fargo sopro de humanidade. Quer reflectindo-se no sentimento patriótico, quer referendo no culto da liberdade e da justiça, quer definindo uma vasta aspiração de progresso, os grandes poetas que atél recebiam effectivamente dos seus idéaes os vôos gigantes da inspiração. Garrett cantava a propria patria, exaltando a memoria olvidada de Camões; o mesmo fez Thomaz Ribeiro no *D. Jaime*. Encontramos em Gomes Leal e Guilherme Braga os cantores revolucionarios; vemos em Junqueiro, o philosopho e o paladino d'uma grande evolução para o futuro. Estes poetas fizeram poemas, não se limitaram a alguns sonetos ou meia duzia de estrophes quasi todas dessangradas e desfallecidas. Foram cantores da energia da vida. Altearam a fronte perante o destino e perante o homem.

Os que não possuiram essa chamma forte de entusiasmo e convicção triumphante souberam dar ao amor tintas fleis de uma emoção flagrantemente sincera. Foi o caso de João de Deus, considerado por alguns criticos, no seu tempo, o primeiro lyrico do mundo. Agora é tudo reduzido e esbatido, tudo parece uma miniatura ou espiral de fumo. Sem duvida Julio Dantas é precioso; sem duvida Augusto Gil é delgado. Mas na sua arte não se encontra, mesmo no brilho dourado das imagens, o que seja de decadencia? Ha casos em que do sentimento viril que sempre caracterizou a raça cahimos na preguiça e na fraqueza. As lagrimas, na boa e solida literatura da nossa terra, não são prantos de desfallecimento ou cobardia perante os propios decretos da sorte. Ninguém soube fazer vibrar mais intensamente do que Camillo Castello Branco aquillo a que o seu discipulo amado Silva Pinto chamava a formidavel corda das lagrimas. Mas es-

sas lágrimas consumiam-se nos brazeiros da revolta ou bebiam-as os profundos abysmos do coração. Nunca se choramingou, na obra dos nossos Mestres. A poesia portugueza descora e esfola-se pela falta de uma emoção autenticamente lusitana, mesmo na produção dos amavios mais lyricos.

O que é grave é que vão morrendo os melhores cultores da poesia, e de outros já não ha esperar novas alvoradas e gorgeios. Morreram João de Deus, Anthero; estão ainda vivos, certo, Gomes Leal e Junqueiro. Mas Junqueiro não escreve ha muito. A sua ultima obra em verso foi a *Oração d Luz*, e já lá vão quinze ou dezesseis annos! Oxalá me engane no triste vaticinio; mas já não tenho esperança que daquella lyra emmudecida brotem novas maravilhas de pensamento e harmonia. Quanto a Gomes Leal, vi-o hontem... Mas nem quero dizer em que estado, porque a dôr de ver apagado um tão alto espirito e reduzido a tão misero estado uma gloria de Portugal me faz calar, de desgosto e de vergonha.

E, contudo, a vida é qualquer coisa de solido como um alicerce, quando a sua ultima scentelha não desaparece. Quando estrangeiros nos fallam nos nossos poetas, são ainda estes dous nomes que nos salvam. «Temos Gomes Leal e Guerra Junqueiro!» Mas, na realidade, já os não temos senão como duas urnas em que se encerrou a maiz pura essencia. Já não cantam esses rouxinôes da nossa Arcadia; já não voam, essas aguias dos nossos Andes! Um porque não quer; outro porque não pôde. E, de resto, não nos deram a *Historia de Jesus* e os *Simplex*? Junqueiro mantém ainda intacto o seu genio, mas reserva-o, ao que julgo, para estudos philosophicos, e dispersa-os na sua conversação admiravel, que é um dardejar de estrelas. Contudo, a poesia soffre, a poesia estiola-se, e quando nem sequer podemos dizer que ella viveu, como poderemos sequer assegurar que ella vegeta?

Estamos então num crepusculo do genio portuguez? Nesta terra, que é tanto de poetas como de navegadores, a flôr da Poesia murcã si falta de

seiva criadora? Não o sei; mas o que realmente se verifica é que, em toda a parte, se reconhece uma depressão igual. Onde está a França dos tempos de Hugo e Musset; onde está a Hespanha de Espronceda e Campoamor; onde está a Inglaterra de Byron e Shelley? A grande guerra não fez surgir um grande cantor da sua epopéa, e o proprio D'Annunzio praticou maravilhas de heroismo e não soube escrever uma pagina verdadeiramente maravilhosa... Dirs-e hia que estamos numa época de ferro, — e o talento dos nossos sonhos afasta-se cada vez mais, em vez de cada vez mais se approximar, como deveria proporcionar a nossa vertiginosa marcha para o futuro. — MAYER GARÇAO (Do *Jornal do Commercio* Rio).

...

## HOMENS E COISAS DO EXTRANGEIRO

### Haeckel

A notoriedade de Ernesto Haeckel agora fallecido, foi das maiores de seu tempo, de seu seculo e da época moderna. O professor de Iena, convencido da theoria da evolução, não se limitou nos circulos scientificos e a provar sómente a doutrina entre os technicos. Quiz se comunicar com o grande publico e levantar sobre os phenomenos biologicos uma nova theoria moral. Toda a biologia se refundia. Darwin, continuando Goethe, Lamarck, Saint-Hilaire, provava ligações e transformações; Lyell, depois de Laplace, ampliara as concepções da evolução geologica; e, assim, por toda a parte, os biologos profissionais, os meios universitarios estremeçiam, em quanto Spencer construa a doutrina evolucionista, cujo methodo é impercível.

Possuindo toda a sciencia naturalista de seu tempo, erudito e pratico nos laboratorios, tendo lido tudo que interessava a sua especialidade e tendo elle proprio feito descobertas de valor, emprehendeu então uma cruzada de propaganda das doutrinas novas. Não havia na natureza, nada de sobrenatural. Os seres se tinham creado



natural e espontaneamente, de accôrdo com as condições cósmicas e, depois evoluindo, pela selecção e aperfeiçoamento das qualidades adquiridas, até ao homem.

O que, porém, os outros ensinavam, o que os outros provavam parcialmente, Haeckel resolveu systematizar, e assim organizou a escala dos seres vivos, da monera ao homem, mostrou a sua conexão e vulgarizou, ampliou, definiu a doutrina de Serres, de que, como elle disse na sua nova linguagem a ontogenesis recapitula a philogenesis.

Definira como ninguem a theoria da evolução natural. Justamente porque tudo procurava simplificar, teve de abandonar detalhes e preencher lacunas, e isso deu motivos aos ataques de seus adversarios. Mas, justamente porque preferia á omissão o exerto para obter simplicidade, de todos se fazia comprehender, corporizava numa doutrina elegante o que andava ainda espalhado e no ar. Haeckel reduzia tudo a schemas. Simplificava, synthetizava, mettia tudo em quadros, mas por isso mesmo tornava tão accessivel, tão atrahente, tão interessante o que dizia que o mundo inteiro começava a discutir as suas idéas, as suas systematizações, os seus livros.

Era um materialista, que não aceitava a classificação. Só Buchner, aliás, quiz ser materialista. Haeckel era *monista*, consoante o seu proprio e expressivo neologismo. Segundo a sua theoria, a natureza era composta de uma só materia que se transformava e evoluia.

Da materia bruta ao tecido organico, só ha uma graduação, e nada mais, variando de accôrdo com as condições cósmicas. O homem, porém, sér mais consciente do que os outros, com altas responsabilidades moraes tinha deveres para com elle proprio e lhe cumpria aperfeiçoar a especie, para melhorar a vida.

Qualquer que seja a escola philophica a que se filie, ninguem pôde negar a influencia formidavel das idéas do professor Haeckel no movimento intellectual do seculo XIX. Com Lamarck, Darwin, Lyell, Spencer, Bain, Romanes, os dous Miller, Von Ihering, elle constituiu uma das for-

ças de uma corrente que deu outra orientação á philosophia, á sciencia e as concepções geraes, e motivou grandes controversias. O monismo é uma das creações do seculo passado, e não mais desaparecerá da historia do pensamento humano.

Com a sua linguagem simples e elegante, a sua schematização constante, Haeckel foi dos maiores pensadores de seu tempo.

O homem, mesmo quando combate as idéas que lhes repugna, não pôde fugir de todo a sua suggestão e acaba sempre, mais ou menos, influenciado por ellas. Por isso, Haeckel, applaudido ou combatido, a todos mais ou menos fez pensar, e assim sobre todos agio.

No Brasil, a sua influencia foi grande. Tobias Barreto, Sylvio Romero, Arthur Orlando, Martins Junior, Carvalho de Mendonça, Fausto Cardoso, Gama Rosa, Lyvio de Castro e muitos outros publicistas do seu tempo soffreram a sua influencia, e, durante um periodo ou a vida inteira, foram seus discipulos e vulgarizadores.

### Carnegie

Tendo subido por seu proprio esforço, de simples telegraphista de estrada de ferro a *Rei do Aço*, Andrew Carnegie nunca se esqueceu, durante toda sua vida de multimillionario das lições que a sua propria vida representava, e por isso tratou de auxíliar a todos que lutavam, não pela esmola, mas pela doação de amparo, de meios de educação e aparelhamento.

Distribuiu parte de seus milhões fundando bibliothecas, hospitaes, escolas, mas queria sempre que o ajudassem, que não fosse elle o unico a fazer doação, porque achava que a esmola aviltava e que todos deveriam aprender a trabalhar.

Carnegie foi, por assim dizer o definidor, o philosopho, o professor dos que querem honestamente vencer na vida dos negocios.

Democrata convicto, nos seus livros, prega o regimen republicano, a democracia, mas sustenta que o principal para augmentar a capacidade de pro-



ducção dos homens é a instrução. Por isso, as suas dotações foram sempre de preferencia dadas ás bibliothecas e ás escolas.

Tendo enriquecido por seu proprio esforço, dizia que quem morria rico morria deshonrado. A herança, no seu entender, deveria ser limitada a uma quantia insignificante, afim de que não tornasse rico o herdeiro. Só assim os seus dons nativos poderiam desenvolver-se no trabalho, prestando serviços a si proprio e aos seus semelhantes.

Nos seus livros e em uma porção de conferencias e artigos mostrou com claro e saudó optimismo o que vale o homem de iniciativa que se sabe instruir e que vive num meio livre.

\*\*\*

### Clemenceau e a sua estatua

*Des statues très pour moll!* exclamou Clemenceau, empregando uma das suas phrases habituaes de *argot* parisiense. E, como os membros da commissão insistissem, acrescentou, um tanto mais serio:

— Nós velhos, somos muito feios em marmore... Deixemos os pedestaes para as estatuas jovens...

Se Rodin não tivesse feito a loucura de morrer antes da Victoria, poderia agora vingar-se do seu fraternal inimigo, o «Tigre», lembrando-lhe a historia do seu famoso busto. Era, com effeito, um dos themas preferidos do maravilhoso escultor. E, quando depois de explicar as suas turras, largamente, murmurava, cofiando as grandes barbas de neve:

— *C'est un gosse, ce, sacré Clemenceau!*... algum poderia responder-lhe:

— Como o mestre tambem, que é uma creança de oitenta annos...

Na epoca em que Paris dava importancia a essas puerilidades, a peleja do grande artista e do grande politico causou mais ruido do que uma grande batalha.

Um grupo de admiradores, muito antes da guerra, reuniu cem mil francos, afim de prestar uma homenagem a Clemenceau.

— Que deseja? perguntaram-lhe:

Clemenceau respondeu:

— Meu busto feito pelo Rodin.

Immediatamente o escultor recebeu a encomenda, e as sessões de *pose* começaram, entre sessões do Senado e sessões de tiro de pistola.

Com seus modos hermeticos e cabalísticos, Rodin envolvia em véos mysteriosos a sua obra e não deixava que o modelo a visse.

— Mas, homem, apenas um instante, exclamava, curioso, o politico.

— Não... não a verá, antes de terminada.

Chegou o dia feliz. No *atelier* do Palacio Biron achavam-se reunidos os criticos de arte, extasiando-se deante da belleza exacta da obra. Clemenceau foi o ultimo a chegar, e, quando viu o busto, perguntou aterrado:

— Quem é este Kalmak?

— O senhor...

— Eu!... Nunca. Não quero isso!...

Foi em vão que os peritos, chamados a dar opinião sobre o caso, declararam que a effigie era, não sómente exactissima, mas até perfeita.

O Tigre panha-se a rugir, cada vez que a via photographada. Os amigos tambem intervieram; e, bem que pareça mentira, foi Clemenceau quem se mostrou mais irrecconciliavel.

— Que modifique o nariz, a boca, a cabeça, os olhos e a calva, disse, e então acceptarei o busto...

Rodin murmurava:

— Mas se o fiz muito menos feio do que é... Não modifico nem um cabello...

Quando alguém perguntava a Clemenceau por que não queria acceptar o busto, berrava, rindo:

— Porque, se sou tão feio, não o quero saber...

Não é pois de estranhar que, ás commissões que lhe offerecem estatuas, agora, as receba tão mal,

## NOTAS SCIENTIFICAS

### O bocio e a molestia de Chagas

Parecem-me justificadas certas considerações sobre a parte technica do problema posto em foco com a promulgação do decreto instituindo a pro-

phylaxia rural. Assim foram consideradas como molestias a serem debelladas, de prompto no paiz, a ankylostomiase, o sezonismo, a lepra e a molestia de Chagas, ficando sem bastante razão esquecido ou descuidado tudo o que se refere ao trachoma, a syphilis, a leishmaniose e demais ulcerações tropicaes, a schistosomiase, dysenteria, etc., para não falar senão nas mais importantes.

Mais logico me pareceria ter o Governo, de uma vez encarado o problema englobadamente ou então cuidar primeiramente da ankylostomiase e do sezonismo que incontestavelmente são os mais importantes e deixar para depois as demais entidades morbidas que assolam nossos campos. Fazer uma seleção um tanto arbitraria é que não se me afigura razoavel.

No que respeita a lepra não nos parece que a solução pratica do problema deva ser tomada em consideração por parte do Governo, antes de se tratar do trachoma ou da leishmaniose, por exemplo, especialmente esta ultima cuja tratamento especifico é conhecido e, portanto, de facil debellação.

Em relação a inclusão da molestia de Chagas no plano de prophylaxia, ha a considerar antes de mais que esta molestia não é uma entidade morbida unica pois contem, evidentemente em si, um pouco misturados diversos aspectos da nossa pathologia sertaneja, descripta como foi de zonas em que o indice nozologico é multiplo, e na melhor das hypothesees encerra, pelo menos, duas entidades morbidas diversas.

De um lado temos, na actual molestia do barbeiro, o bocio e o cretenismo endemicos, com o papo, suas manifestações myxoetematosas e nervosas que em nosso paiz não differem muito do que se conhece nas demais regiões do globo, e de outro, a trypanosomiasis brasileira ou melhor molestia de Cruz e Chagas, designando-a de accôrdo com a homenagem muito justa, lembrada pelo Professor Clementino Fraga, a Oswaldo Cruz o descobridor do Trypanosoma cruzi.

Si o bocio e o cretenismo endemicos que, aliás, já começam a ser

affastados pelo Dr. Carlos Chagas do quadro da molestia devido ás objecções de Kraus, apparecem entre nós as vezes, com algumas differenças em relação ao que se observa em outros paizes é certamente devido ao facto de se apresentar elle aqui menos em casos puros do que complicado com outras modalidades morbidas, (paludismo, syphilis, verminoses, carencias alfalta o papo em nosso paiz, como se mentares, miserias organicas. etc.) Não pensou, nem nos indios nem nos animaes.

A verdadeira etiologia do bocio e do cretenismo não está ainda bem esclarecida. Entre outras hypothesees surgiu ultimamente a de ser o mal causado por um virus filtravel. E' interessante deixar aqui assignalada a accção benefica que nos papos não fibrosos exercem os antisepticos intestinaes e certas vaccinas. Quanto a sua origem trypanosomica eu a julgo absolutamente insustentavel.

A tão fallada superposição geographica entre a presença do bocio e a de barbeiros (triatoma) infectados é mais apparente que real pois se tem verificado tanto na Argentina como no nosso paiz a ausencia de concordancia entre a disseminação do papo e até de outras manifestações morbidas attribuidas ao mal de Chagas e a de hemipteros infectados e vice-versa.

O bocio e o cretenismo endemicos como endemia rural tem no nosso paiz uma importancia consideravel pelo avultado numero de casos que existem do mal e, por isso, sua prophylaxia, pelos meios hoje reconhecidos efficazes a sua debellação, não deve ser esquecida, quando se fizer o combate systematico a todas as molestias que assolam as nossas populações rurales.

Isolado o bocio e o cretenismo endemicos da trypanosomiasis ou molestia de Cruz e Chagas esta entidade morbida apparece ainda interessantissima e digna de estudo sob o ponto de vista medico e scientifico mas diminuida de valor, sob o seu aspecto pratico como endemia rural, ao lado de outras muitas que entre nós existem. E' ainda relativamente pequeno o numero de casos authenticos dessa



molestia com verificação dos trypanosomas nos doentes, até agora mencionados em sciencia. Em 10 annos de estudos não foram citadas 4 dezenas de casos do mal e mesmo que esse numero fosse 10 vezes maior ainda seria minimo comparado ao que se sabe em relação as dezenas e centenas de milhares com que são representadas muitas outras doenças que nos assolam.

E' digno de reparo que não exista maior numero de casos em presença da grande proporção de barbeiros que se revelam infectados pelo flagellado. A explicação talvez se encontre em que o trypanosoma não seja facilmente transmitido pelos Triatoma ou por uma difficil adaptação do parasita ao organismo humano especialmente no adulto sendo a maioria de casos agudos em crianças.

Na verdade o Trypanosoma cruzi é, antes de tudo, um parasita dos nossos animaes sylvestres como os tatu's, gambás, etc., para os quaes parece ser bastante innocuo, como assignalou o Professor Parreira Horta.

Nas crianças e nos animaes novos o parasita se manifesta com poder pathogenico augmentado e, em contração, o Dr. Arthur Neiva verificou não poucos insuccessos na obtenção da infecção experimental em cães velhos.

E' muito provavel, portanto, que o homem adulto se infeste com menos facilidade ou evolua nelle a molestia para a cura expontanea, em muitos casos.

Este e outros problemas que aqui vos venho apresentando estão a desafiar a curiosidade scientifica dos nossos estudiosos em busca dessa Verdade que é o solidissimo alicerce sobre o qual repousa e se firma a escola de Manguinhos cujo prestigio scientifico se impoz a consideração do mundo, por seu trabalhos sob a direcção do sabio Oswaldo Cruz, desde 1907, em memoravel certamen no estrangeiro.

Eu venho dessa escola e, se as suas tradições podem valer alguma coisa para garantia da minha acção entre vós, eu vos affirmo uma colaboração dedicada na medida das minhas limitadas forças, aos grandiosos

e benemeritos trabalhos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro da qual me concedeste a honra de permittir que fizesse parte de hoje em diante. — DR. BEAUREPAIRE ARAGAO (Discurso de recepção na S. de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro).

...

## VARIEDADES

### Como se combatem os incendios das matas

A imprudencia de um fumador que atira para o chão um phosphoro mal apagado, uma scintella do lume sobre o qual um pastor aquece a comida ou os restos abandonados desse mesmo lume, ás vezes até um ralo que desaba sobre o tronco secco de uma arvore, são outras tantas causas de incendio nas matas. A difficuldade de encontrar soccorros immediatos para combater o flagello tem por consequencia o desenvolvimento irremediavel do incendio.

Na maioria dos casos — escreve Francis Marre no *Correspondant* — a luta contra o fogo não pôde ser tentada senão circumscrevendo o foco e procurando preservar as immedições. Consegue-se isto, cortando arvores, cavando fossos, acendendo, se o vento sopra em direcção favoravel, um ou mais contra-incendios, tendo por fim cortar o caminho ao incendio principal, que acaba por se extinguir por falta de combustivel ao seu alcance. Todos estes meios, são, porém, pouco efficazes; e é raro, além disso, que se possa empregar a luta com o auxilio da agua. Na maioria dos casos os soccorros chegam tarde demais, e quando as probabilidades de bom resultado são quasi nullas.

Existem, porém, meios, por assim dizer automaticos para circumscrever, ou antes prevenir o desenvolvimento dos incendios nas matas, diz o autor do artigo. Esse meio consiste em dividir a superficie total da mata numa série de espaços separados por sebes largas e espessas, constituidas por plantas resistentes e cujo pé, assim como o espaço circumstante deve ser mantido livre de hervas.



Numa comunicação feita em 1899 á Sociedade de Acclimação, Roland-Gosselin recommendou para estas sebes protectoras o *Cactus opuntia* (figueira do inferno), cujos tecidos são incombustíveis. Infelizmente o *cactus opuntia* não é uma planta muito rustica, e precisa, para se desenvolver, de um clima quente o que limita a certas regiões a possibilidade do seu emprego.

Existe, porém, uma especie vegetal que é muito mais rustica do que o *cactus opuntia* e apresenta, ao ponto de vista especial que nos interessa, vantagens identicas: é o *Agave mexicana*, que resiste ao mais rigido inverno.

Circundando cada secção de uma mata por uma sebe continua, da largura de 1 metro e vinte centímetros, a 2 metros na sua base, e formada de plantas de agave mexicano dispostas em filas alternadas, formando uma espessura total de tres plantas, delimitam-se e isolam-se as plantações umas das outras, e impede-se a propagação do incendio.

Além disso, o agave mexicano multiplica-se rapidamente e muito, de modo a constituir em poucos annos uma barreira absoluta contra as chammas. Um incendio pôde crestar ou mesmo queimar as suas folhas carnosas, mas não dá cabo do tronco resistente, que não tarda em se recobrir novamente de folhagem.

O agave, empregado deste modo, dá todavia resultados pouco animadores, para não dizer negativos, quando as matas que se tem de proteger são constituídas por plantas resinosas, especialmente por pinheiros. As pinhas quando estão secas estouram ardendo e projectam a consideravel distancia fragmentos inflammados que propagam o incendio. Nestas circumstancias, é necessario quadruplicar pelo menos a espessura das sebes protectoras, e plantá-las numa largura minima de 7 a 8 metros.

A plantação destas sebes representa evidentemente um trabalho importante; todavia como se trata de limitar os incendios nas matas e de impedir a

sua desastrosa extensão, vale bem a pena fazer alguns sacrificios para evitar quanto possivel esse flagello.

### As modas femininas

As ultimas modas femininas que têm sido lançadas pelos grandes cateliers estão escandalizando profundamente os membros da aristocracia britannica, que as qualificam de indecorosas e immoraes. Uma das mais altas damas da nobreza ingleza, a duquesa de Somerset, declarou publicamente que as novas modas, pelos seus decotes exaggerados e inelegantes, são um insulto para as pessoas de bom gosto e ultrajam a moralidade pública.

Outra dama da aristocracia, a marquesa de Tounsed, tambem formulou energico protesto, dizendo que as autoridades deveriam intervir para que fosse prohibida nos logares publicos a ostentação de vestidos tão indecentes...

Seria para desejar que as nossas elegantes se mirassem um pouco nesse espelho.

Nem tudo, unicamente por ser moda, deve ser acompanhado com fervor.

Ha sempre modas... e modas.

A fina educação e o bom gosto é que devem aconselhar a adopção ou a condemnação das idéas das grandes costureiras, que nem sempre primam pela belleza esthetica e moral.

Dizem as ultimas noticias que, em certos meios parisienses, a ultima criação da moda consiste em andar sem meias e com um *smailots* aberto de um lado até á altura da perna!...

Realmente, se por um lado é economico, nestes tempos de carestia em que as meias de seda ou de fio de escossia custam os olhos da cara, por outro (sem apresentar novidade, porque isso seria regressar unicamente ás modas do Directorio) a pseudo-inovação é simplesmente indecente. Melhor então seria voltarmos á tanga dos nossos aborigenes. A economia seria total e o nosso clima absolutamente propicio para essa *stolletes* paradiaciaca...



# CARICATURAS DO MEZ

A fulgurante "carreira" de S. Exa.



Aos 8 annos já era uma brilhante promessa...

que aos 16 assombrava aos mestres pelo fulgor da sua dialectica.

Aos 22 confirmava na Camara as esperanças da juventude...

e subia aos 30 ao Ministerio da Justiça, com o justo titulo de menino prodigioso.

Ministro do Supremo Tribunal aos 35 annos...  
invalidava-se no serviço pulico, arrancando a vesicula biliar...  
...o que o tornou um senador calmo e sem odios...  
naturalmente indicado para cuidar das negociações da paz em Versailles.

Aos 52 attinge ao pincaro das ambições politicas...

...já que o seu estado civil não lhe permite aspirar a mais.

(Kalixto - D. Quixote - Rio)



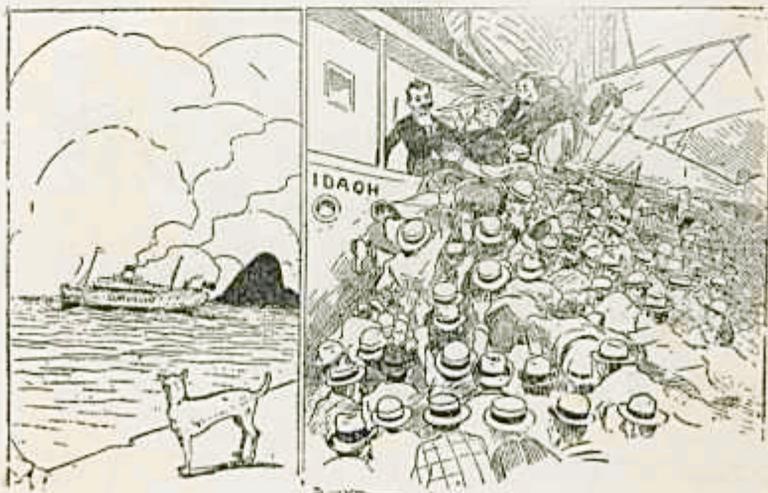
## Branco x Pretos



JECA TATÚ — Sa é isto a civilização, viva a minha selvageria.

(Kalixto - D. Quixote - Rio)

## A Sinceridade Humana



Como elle partiu.

E como ELLE chegou.

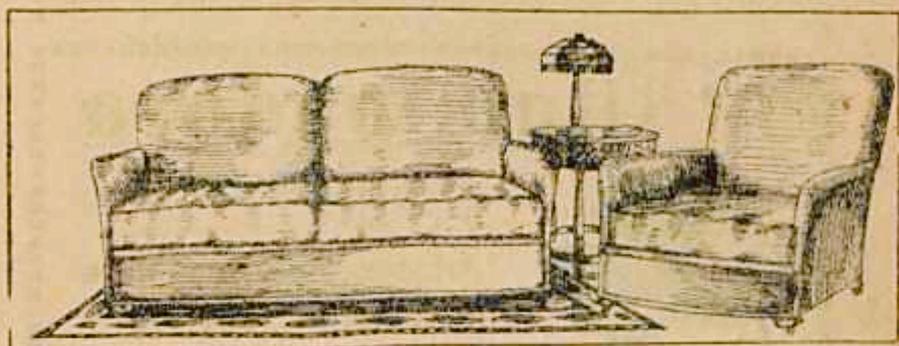
(Storni - D. Quixote - Rio)



MAPPIN STORES  
SOCIETATE PHONOMA INGLEZA

## MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade. ::*

*Exposições na Secção de Moveis*

## MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

GOSAR É FUMAR **37** MISTURA DA MODA

## A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para machina de costura e para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2 Watt

Candelabros e Abat-Jours de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

*Foagerie - Horlogerie - Bijouterie*

MAISON D'IMPORTATION

# BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres precieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et  
Marbres d'Art - Services en Mètal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

## ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

## Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,  
Osorio Duque Estrada, e outros homens de  
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

**CASA FREIRE** - Louças, LIVROS e  
Objectos de arte

*José da Cunha Freire*

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

## TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.  
25, 29, 32 e 35, da **Revista do Brasil**  
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,  
Rua da Boa Vista N. 52

## EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta à venda a quarta edição dos

### "Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnífico papel  
Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

**SACY PERERÊ**, resultado de um fuquerito. — Preço, 4\$000 réis.

**Lima Barreto** — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnífico romance da vida carioca, recebido com unânimes  
louvores pela crítica nacional. — Preço: 2\$000 réis.

### ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, conferencias e estudos da sociedade Eugénica de S. Paulo, sendo um interessantíssimo repositório de todas as momentosas questões da eugenição da raça. Leitura necessária à classe medica e aos educadores. Pedidos à "Revista do Brasil". — Preço: 8\$000

**GUIA BOTANICO** da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se à venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" e nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrade, conto maravilhoso, para crianças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Esses preços estão incluido o porto - Pedidos à "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

# GRATIS!

## OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já foram assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

### :-: BOLETIM A ENCHER :-:

*Ilmo. Sr. Gerente da "Revista do Brasil"*

Junto seguem \$ \_\_\_\_\_ importância das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome) _____	(Nome) _____
(Residência) _____	(Residência) _____
(Nome) _____	(Nome) _____
(Residência) _____	(Residência) _____

Peço-lhe, pois, que me credite a importância de \$ \_\_\_\_\_  
de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPREZ, LEVEN VAMPREZ e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio; Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Especialista em syphilia e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Baduró, 119. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 71. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. R.: R. Bella Cintra, 139. Consulta: R. José Bonifacio, S.A. das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias; com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA. NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio Travessa do Commercio 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lima, 58. Teleph. 623.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 173. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares, Penteado — São Paulo.

## COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão nos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 59 — Acacio G. de Paula Ferreira.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — Emilio Rocco. — Novidades em costura inglesa. — Importação directa: Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND Livros Escolares, de Direito, Medicinas, Engenharia, Literarios - Revistas - Mapas - Materiais Escolares.

ED DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 567 - End. Tel. "LIVROMOND" CAIXA POSTAL, 783 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes da Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S Paulo. — Preço: \$5000, incluido o porte.

## CASA EXCELSIOR

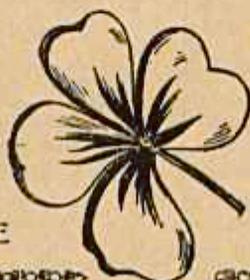
Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade  
em Artigos omásticos e artigos para Encerar :: ::

**P. R. AMARAL** IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros  
Segurança

Marca  
OS UNICOS QUE



Casa Nathan  
S. Paulo  
"Trevo"  
SE EXPORTAM

## LOTERIA DE S. PAULO

Commemorativa da Independencia do Brasil

# 200:000\$000

em seis premios, sendo um de 100:000\$

e cinco de 20:000\$000

por 14\$000 — Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE À BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. oo

Combater o Bacillo  
de Hansen por  
meio das  
ampoulas  
de

DE

Silva Araujo

Formula  
de Jeanselme

Unico trata-  
mento admittido  
pela sciencia  
para a cura da

Oleo de  
chaumoolgra di-  
luido, camphora  
e gayacol  
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

As machinas

# *Lidgerwood*

*para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a  
lavoura, segundo experiencias de ha  
mais de 50 annos no Brasil. :-:

**Grande stock** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-  
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro galvani-  
sado e mais pertences.

**CLING SURFACE** massa sem rival pa-  
ra conservação de correias.

**Importação directa** de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvani-  
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a  
**Rua São Bento, 29-e - 5. Paulo**